

REPORTER

Rio, abril de 1979 - ano II - número 16 - Cr\$15

AUTÔNOMO INDEPENDENTE

Lula aponta terror militar na maior fábrica do país

NAZISMO NA VOLKS

P.4



27/3/1979, estrada de Jacarepagua, RJ

Doença venérea já é epidemia no Brasil

Gonorréia de cabo a rabo

P.10

PM PRENDE E ARREBENTA

P.24

ASMOB - 1º ANO
ARQUIVO HISTÓRICO DEL
MOVIMENTO OPERÁRIO
BRASILEIRO



APREENSÃO ILEGAL

A 2ª Auditoria do Exército do Rio de Janeiro declarou-se incompetente para nos julgar, transferindo a responsabilidade para os dispositivos da Lei de Imprensa. A decisão do Conselho Permanente de Justiça — composto por 4 militares e um civil — foi unânime e incontestável: o promotor já disse que não vai recorrer da sentença.

A acusação contra nós foi motivada pela apreensão de nosso nº5. Reportagens desse e até de números anteriores foram consideradas atentatórias à Segurança Nacional, pelo então ministro da Justiça, Falcão. Agora, a própria Justiça conclui não ter havido crime de Segurança Nacional naquelas reportagens. Caracteriza-se, assim, a ilegalidade da apreensão, pois, mesmo se formos atingidos pela Lei de Imprensa, esta não apreende jornais por motivos políticos. Fica claro que a apreensão não se deu devido a qualquer delito político e sim porque o ministro Falcão dispunha de tão ilimitados poderes que podia apreender primeiro e acusar depois, ou seja: dar um tiro e depois perguntar.

Fomos punidos com um prejuízo de Cr\$200 mil (na época) por um crime inexistente. E agora? Quem vai nos ressarcir? Para quem mandar a conta? Não basta simplesmente devolver os 60 mil jornais de nossa propriedade —

Auditoria do Exército não vai julgar processo do 'Repórter'

Entendendo que os crimes atribuídos aos acusados devem ser punidos pela Lei de Imprensa, o Conselho Permanente de Justiça, da 2ª Auditoria do Exército, por unanimidade de votos considerou a Justiça Militar incompetente para processar e julgar os jornalistas Luis Alberto Bettencourt, Francisco Martins Pinto Junior, Alexandre Solnik, Márcia de Almeida Rodrigues e Clarice Niskier, do mensário "Repórter", que ali estavam denunciados como incurso em sanções do artigo 41 da Lei de Segurança em vigor.

Na audiência em que os acusados foram qualificados e interrogados, no dia 7 de fevereiro último, o advogado Luis Celso Soares, em petição encaminhada ao Conselho de Justiça Militar para pedido da Justiça Militar para processá-los. O tribunal colegiado em sua reunião de ontem, acolheu o requerimento do defensor, determinando a remessa dos autos ao Desembargador-Corregedor da Justiça do Estado.

Os jornalistas são acusados de indução a opinião pública com autoridades e órgãos do Governo Federal.

REDUÇÕES DE PENAS

Na mesma Auditoria, o juiz Alfredo Duque Guimarães, em despacho de ontem, reduziu a pena de José Ferreira Filho de 10 para 2 anos de reclusão, abo- lendo ainda a pena acessória de suspensão dos direitos políticos do réu pelo prazo de 10 anos. Determinou em seguida a expedição do alvará de soltura.

Jose Ferreira Filho foi condenado sob a acusação de ter participado do assalto à agência do Banco Mercantil de Vi- to e agência do Banco de Botafogo, em dezembro de 1972 com Almir Batista dos Reis, Jo- se Jerse Saldanha, Apolinário de Sousa e Gerson Souza de Oliveira.

Idêntica medida foi tomada com rela- ção ao sentenciado Carlos Nunes que re- cebeu a pena de 12 anos de reclusão redu- zida para 2 anos, 4 meses e 24 dias. Ele foi condenado como incurso no artigo 27 da antiga Lei de Segurança por crime de assalto a banco. Sem recursos para contratar um advogado, o próprio réu recebeu o benefício a Justiça Militar.

Na 1ª Auditoria de Aeronáutica, o juiz Teófilo Rodrigues de Miranda, sco- lhendo parecer do promotor Ronaldo Petti, reduziu as penas de 10 e 12 anos de reclusão impostas a Antônio Frasco de Vasconcelos, Manuel Mariano Filho, Dagnar Ferreira Gomes e Miguel Al- vares Quevedo, para 2 anos e mandou expedir os alvarás de soltura.

Quevedo, implicado na morte de Per- nando C.O., deverá continuar preso porque responde a outros processos.

"O Globo", edição de 23 de março, deu com destaque a decisão dos juizes

devolução, aliás, que obteve 6 votos favoráveis no Tribunal Federal de Recursos em março passado, a maior votação já obtida por mandados de segurança do gênero.

Não basta apenas devolver porque agora ficou claro que a intenção do ministro, ao nos apreender, foi a de infligir um golpe econômico num pequeno mas audacioso jornal. Se a questão foi econômica, não seria justo, agora, mandar a conta do nosso prejuízo, com juros e correção monetária ao sr. Falcão? Convenhamos que é uma condenação muito tímida para quem tanto lutou contra a liberdade de imprensa.

Leitor do REPORTER 24 horas nas ruas

Os leitores do REPORTER são repórteres. Nesta edição, duas matérias foram feitas a partir de cartas que recebemos: na página ao lado mostramos as mentiras da propaganda do ex-prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo; na página 21 publicamos o relato de mais um crime político cometido pelos órgãos de repressão política.

É isso aí. Queremos mais. Observem, anotem, vigiem, fiscalizem e nos escrevam ou telefonem. Nós e vocês, juntos seremos mais fortes pra denunciar o que há de errado neste país, pra contar as lutas dos mais fracos e defender os seus direitos.



REPORTER

REPORTERES/EDITORES — Alex Solnik (São Paulo), Chico Júnior, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

REPORTAGEM — Tim Lopes, Eduardo Homem (Recife), Marcos Dantas, Clarice Niskier, João de Barros, Rivaldo Chinen, Vera Lúcia Dias, Ênio de Paula Oliveira, Jota Paulo

CORRESPONDENTES — Paulo d'Alcantara (Paris) e Cristina Duarte (Milão).

FOTOGRAFIA — Chiquito Chaves, Custódio Coimbra, Américo Vermelho, João Bittar, Luz Bittar, Wagner Avancini, Amâncio Chiodi, Hélio Campos Mello, Eliana Pastore, Camila Butcher, Jesus Carlos.

POLIVALENTE — José Antônio Nonato Duque Estrada de Barros.

ILUSTRAÇÃO — Maurício Veneza, Guidacci, Jota, Angeli, Jaime Leão

ARTE — Analuze Estrella, Maurício Veneza.

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Modesto da Silveira, Luis Celso Araújo e Luiz Eduardo Grenhalg

REPORTER Autônomo Independente — Uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rua Miguel Couto, 134/11º andar — Rio de Janeiro. Telefone: 253-5038. São Paulo: Rua Santa Isabel, 33/grupo 804. Tele- phone: 222-3103.

Distribuição: Fernando Chinaglia S.A. Rua Teodoro da Silva, 907, Rio de Janeiro.

Composição e impressão: Editora Mory Ltda. Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro. Telefone: 263-7002.

Foto Custódio Coimbra

A POSSE



Dia 15 de março: a Polícia Militar reprime a cacetadas a manifestação contra a posse de presidente-biónico, João Batista Figueiredo, no centro do Rio de Janeiro.

Se você acha que o Tamoyo fez pouco em saúde, leia este anúncio.



Morrer de raiva você não vai.

De raiva, vai ser muito difícil: 60% dos cachorros, cachorrinhos e cachorrões da cidade estão vacinados e muitos outros, doces, foram recolhidos nos últimos 4 anos. Mas, como não é só de raiva que morre o homem, o prefeito também pediu a Secretaria de Saúde que colocasse de plantão uma série de serviços de pronto atendimento em grandes áreas espoliadas por todo o Rio.

Esses serviços realizam diversas campanhas de vacinação para proteger os contribuintes que mais gastam de cachorro, que são as crianças. É o resultado foi que, pela primeira vez, foram alcançados e ultrapassados os índices recomendados de vacinação contra a paralisia infantil e o sarampo. Trocando em miúdos, hoje, 80% das nossas crianças estão à salvo dessas doenças.

Da varíola, então, não se tem mais notícia. O controle e vigilância sobre ela e sobre o tétano, a difteria, a febre tifóide e outras doenças funcionam a todo vapor.

Foi também intensificada a atividade da medicina escolar e, por outro lado, como você acompanhou pelo jornal, foi intensificada a fiscalização nos estabelecimentos comerciais que vendem ou mostram com os gêneros alimentícios, escreveu não só, a multa comeu.

O que aumentou foi a campanha de prevenção do câncer ginecológico. Mas diminuiu, com todos estes cuidados em conjunto, o índice de mortalidade infantil das crianças com até 1 ano de idade.

Como você viu, em matéria de saúde, o Tamoyo foi de ferro.

AD: JORNAL REPORTER
RIO DE JANEIRO-RJ

DENÚNCIA DE LEITOR

Senhores, Desculpem escrevo não posso expor o meu salário a mulher e 4 filhos. Furei a mentira que está sendo conhecimento e posso indicar em pesquisar, e comprovar o primeiro numero, por se ar. Vamos direto aos fatos. da semana passada. Em letra ve

Morrer de raiva você não vai. Veja uma criança no Hospital do Gaju, do Consultem o BOLETIM EPIDEMIOLOGICO Departamento Geral de Epidemiologia Saúde. Na página de doenças transmi

ANO DE 1977

Recebemos carta de um leitor — que pede desculpas por não se identificar: “trabalho no Sistema, não posso expor meu salário” — denunciando mentiras na campanha publicitária lançada pelo ex-prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo, no final de sua gestão. Apuramos as denúncias nos próprios órgãos da Prefeitura e foi confirmado: o anúncio sobre a saúde da população do Rio está cheio de mentiras. A agência de propaganda Denison, autora do anúncio, o Jornal do Brasil, que o publicou, e a Prefeitura podem ser responsabilizados pelo Código de Ética dos publicitários.

Tamoyo mentiu na propaganda

Morrer de raiva você não vai. Este é o título do anúncio publicado pelo **Jornal do Brasil**, dia 3 de março. Faz parte da campanha publicitária que a prefeitura do Rio de Janeiro fez sobre si mesma no finalzinho da gestão Marcos Tamoyo. A campanha toda custou Cr\$ 10 milhões e é assinada por uma grande agência de propaganda, a Denison.

O autor do texto “Morrer de Raiva”, Paulo de Tarso, informou que teve muito pouco tempo para realizar seu trabalho — “me pediram o texto pra ontem” — fato que pode ter contribuído para as inúmeras incorreções (ou mentiras) contidas nele, a começar do título.

Nos três primeiros meses deste ano, três crianças morreram de raiva nos bairros de Campo Grande, Ramos e Irajá. Caso ocorra um caso de raiva por mês até o fim do ano — informa a Secretaria Municipal de Saúde — o número de vítimas da raiva será o mesmo de 1977: 12.

O redator Paulo de Tarso defende-se:

— Eu recebi um briefing, fiz o texto baseado nele...

O que é briefing?

— É um resumo de informações que a própria prefeitura mandou. Não nos cabe julgar se as informações estão certas ou erradas.

Diz o anúncio, mais adiante: **60% dos cachorros, cachorrinhos e cachorrões da cidade estão vacinados.** Mentira. O Estado do Rio de Janeiro — segundo relatórios da Presidência Nacional da Comissão de Profilaxia da Raiva do Ministério da Saúde

— é o pior Estado do país em termos de vacinação canina: enquanto nos outros Estados a vacinação atinga 60% dos cães, no Rio, em 1978, foram vacinados menos de 10%. Quanto à cidade do Rio, a situação não é melhor: informações da Divisão de Medicina Veterinária garantem que no ano passado foram vacinados menos de 15% dos cães da cidade.

O anúncio continua: **pela primeira vez foram alcançados e ultrapassados os índices recomendados de vacinação contra paralisia e sarampo. Trocando em miúdos 80% das nossas crianças estão à salvo dessas doenças.** Não é verdade. O Boletim Epidemiológico — publicado pela Secretaria de Estado de Saúde — informa que, em 1978, foram vacinadas, na cidade do Rio, 49 mil crianças de menos de um ano contra a paralisia infantil, ou 50% da população infantil nessa faixa de idade. Contra o sarampo foram vacinadas 41 mil crianças de menos de um ano ou 41%. Também se constata no Boletim que nenhuma dessas vacinas foi aplicada em mais de 15% das crianças de 1 a 4 anos.

O redator Paulo de Tarso, autor do anúncio, explica que a responsabilidade não cabe totalmente à agência:

— Nós fazemos parte de um consórcio, o Consórcio Brasileiro de Agências de Propaganda. Além da Denison, estão nele a Mauro Salles, Norton, Alcântara Machado e MPM. O Consórcio faz o contacto com os clientes. Nesse caso, foi ele quem contactou a prefeitura. E, dentro do Consórcio, a Denison foi escolhida, numa



Marcos Tamoyo, ex-prefeito do Rio

concorrência, para executar os anúncios. Mas não acredito que haja mentiras no anúncio: quem deu as informações foi a própria prefeitura, não dá pra acreditar...

O anúncio segue: **da varíola não se tem mais notícias. Os controles de vigilância sobre a varíola funcionam a todo vapor.** Que não se tenha mais notícias da doença é verdade; mas o prefeito Marcos Tamoyo não contribuiu para isso, pois os últimos casos de varíola no Brasil foram registrados no Rio de Janeiro e datam de 1971 quando Tamoyo nem sonhava em ser prefeito (ele entrou em 1974). O último caso mundial de varíola aconteceu na cidade de Meça, Arábia Saudita, em 1977, razão pela qual a Organização Mundial de Saúde deverá considerar, brevemente, a doença erradicada no mundo todo. No Brasil, também por essa razão, a vacinação contra a varíola deixou de ser obrigatória desde maio de 1978, conforme portaria nº 221 de 5 de maio de 1978 do Ministério da Saúde.

Diz ainda o anúncio: **o controle de vigilância sobre o tétano, difteria, febre tifóide e outras doenças, continuam a todo vapor.** Como? Considerando que os dados de 1978 ainda estão incompletos e sujeitos a revisão, não se pode acreditar na afirmação. Nem mesmo o órgão competente no assunto, o Departamento Epidemiológico, confirma o texto do anúncio. O Boletim Epidemiológico de janeiro de 1979 apresenta apenas uma estimativa de casos dessas doenças, referente aos anos de 1977 e 78. E a estimativa para 1978 é de 1438 casos de coqueluche, 32 de febre tifóide, 62 de tétano, 149 de doenças meningocócicas, 140 de difteria, 777 de sarampo, 27 de poliomielite e 1052 de meningite. Além disso o que são controles de vigilância? O anúncio não explica. O que significa que esses controles funcionam a todo vapor,

A última frase do anúncio também não é verdadeira: **o índice de mortalidade infantil, das crianças com até 1 ano de idade, diminuiu.** Não é possível se dizer isso. A própria Secretaria de Saúde reconhece que, de 1975 pra cá, os índices de mortalidade infantil ainda não foram computados devido aos entraves burocráticos causados pela fusão, em 1975, dos Estados do Rio e da Guanabara.

O redator Paulo de Tarso continua se defendendo e explica seu processo de criação:

— Baseado nas informações que recebo, procuro criar, no sentido de chamar a atenção do leitor. Pronta a propaganda, ela é entregue à mídia, departamento que decide em

que jornal, rádio ou tv deverá ser anunciada. Por exemplo, nesse caso, escolheram o **Jornal do Brasil**, dentro dos interesses da agência.

Você se sente culpado por ter feito um anúncio com mentiras?

— Não acredito que sejam mentiras. Também não sei de quem é a culpa. Não me cabe julgar quem é o culpado. Mas se você quiser saber mais alguma coisa, volte amanhã e procure nosso diretor, Sérgio Ferreira.

No dia seguinte, Sérgio Ferreira foi procurado mas evitou receber o repórter, alegando estar muito ocupado. Nesse dia, nem mesmo Paulo de Tarso concordou em conversar mais sobre seu anúncio, dando a mesma desculpa do diretor. Quanto ao fato de Paulo não saber quem é o culpado nos casos de anúncios mentirosos só pode ser falta de informação sua, pois existe, desde 1978, um Código de Ética dos publicitários. O artigo primeiro do código afirma que os anúncios não podem ser mentirosos. E diz também que a responsabilidade pelo conteúdo dos anúncios é da agência de propaganda, do cliente e do veículo. No caso, respectivamente, a Denison, a prefeitura do Rio de Janeiro e o **Jornal do Brasil**. Mas as penas do Código, para quem o transgredir, dificilmente são aplicadas devido à burocracia exigida. Mesmo quando aplicadas, não assustam muito: o máximo que pode acontecer à agência é ela ser expulsa da associação de agências que criou o Código de Ética.

Reportagem de Jota Paulo



OPERÁRIOS DENUNCIAM NAZISMO NA VOLKSWAGEN

Reportagem de Rivaldo Chinen



Polícia Militar e guardas da segurança protegem a fábrica de São Bernardo, SP durante a greve de marco. Na foto pequena, Wolfgang Sauer, presidente da Volkswagen do Brasil

Câmeras de tv e guardas com binóculos vigiam os 40 mil operários por toda a fábrica, dia e noite. Mais de 300 policiais, fardados e à paisana acompanham de perto os trabalhadores. Qualquer suspeita, falta ou atrito com chefes, eles são escoltados até as salas da segurança, onde os interrogatórios são mais duros do que numa delegacia de polícia. Ameaças de agressão — “você vai pro pau-de-arara” — são frequentes. Outros trabalhadores ficam presos nas salas durante as horas de serviço por até uma semana, como num cárcere privado. Muitos são forçados a confessar roubos que não fizeram. Até crianças, alunos da escolinha da fábrica, são ameaçados pelos guardas. Suspeita-se que esse esquema de segurança tenha sido montado por criminosos de guerra. Um deles, pelo menos, trabalhou quatro anos na empresa, até ser preso. Lula, líder dos metalúrgicos, garante que é a segurança mais policialesca de todas as empresas do setor. Empregados não medem palavras para defini-la: nazista.

Jornal dos metalúrgicos conta crimes da empresa

“Volkswagen reedita Holocausto”: com este título o jornal *Tribuna Metalúrgica* (edição de dezembro de 1978), órgão do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, na região do Grande ABC, vizinha de São Paulo, informava: “as cenas do ‘Holocausto’ mostrado na televisão referem-se a acontecimentos de quase 40 anos atrás; mas o ‘holocausto’ da Volkswagen começou muito recentemente, a partir do 3º Congresso, realizado em outubro último”. Dizia mais, que as primeiras vítimas, não os judeus, mas operários brasileiros, foram onze participantes daquele congresso: “um a um foram sendo demitidos, pelo fato de se revelarem lutadores e conscien-

tes das mudanças que devem haver no sindicalismo para que nossos direitos sejam melhor defendidos.”

Outros dados importantes nesta edição do jornal editado por Antonio Carlos Felix Nunes: na Volks os acidentes de trabalho não são comunicados com a devida precisão ao Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social (Inamps). Resultado disso é que o trabalhador fica sem seguro, sem indenização e, em caso de morte, sua família fica sem pensão. Já aconteceram inúmeros casos dessa espécie e alguns até dolorosos, como o do electricista Adilson, vítima de um forte choque na cabeça quando executava seu serviço.

O choque elétrico afetou-o internamente e ele acabou internado num hospital. Desconhecendo os antecedentes, os médicos o consideraram louco. Medicado sem diagnóstico certo, Adilson morreu. A família do acidentado viu-se desamparada, sem direito à pensão do INPS, simplesmente porque este não reconheceu a morte como consequência do acidente de trabalho. E não reconheceu porque a Volks escondeu o fato.

Recentemente a empresa decidiu alterar o horário das refeições, reduzindo-o para 45 minutos. A lei, como se sabe, estabelece 1 hora para as refeições. Ao mesmo tempo em que reduziu o horário das refeições a Volks passou a



Fábrica é cabide de emprego de nazistas

exigir que os trabalhadores permanecessem uma hora a mais prestando serviços.

Outra denúncia do jornal dos metalúrgicos: a malandragem da empresa com relação aos aumentos sindicais conquistados com as greves de maio do ano passado, a chamada "greve dos 300 mil". Na mesma proporção dos aumentos previstos no acordo intersindical, foram alterados os preços dos serviços que a Volks oferece aos trabalhadores, como alimentação, transporte e cantina interna. Assim, em junho esses serviços passaram a custar mais 5,5%; em agosto, 4,5%; em outubro, 5,5% e deverá haver outro aumento de 4,5%, que é por sinal a última parcela do aumento salarial estabelecido no acordo.

A última grande jogada da Volks para tornar perfeito seu "holocausto": cobra uma taxa especial, altamente elevada, para o uso dos seus ônibus, daqueles que adquiriram veículo através do seu sistema próprio de financiamento. Quem compra carro na Volks gozando aquele minúsculo desconto, fica "amarrado" durante seis meses. Isto é, só depois desse tempo, pode se desfazer do carro. Dentro desse prazo, caso o trabalhador deseje utilizar a condução da empresa, arca com uma tarifa especial, ao invés dos Cr\$ 42 mensais atualmente cobrados. Acontece que, depois dos referidos seis meses, a empresa invoca uma série de pretextos para não mais permitir o uso dos seus ônibus pelo trabalhador que adquiriu o carro. Alega que os ônibus já estão com sua lotação completa, e que o trabalhador deve aguardar uma vaga.

A perseguição na Volks é cada vez mais intensa. Basta dizer que 25 trabalhadores foram sumariamente despedidos pelo fato de se oporem a um método desumano de controle de produção. Eles haviam protestado contra o sistema MTM (Movimento-Tempo-Minuto), cujo objetivo é reduzir o número de funcionários nas linhas de montagem, sem prejuízo da produção. Só de uma linha foram demitidos 20, e mais 5 de outra.

Ainda traçando um paralelo com o sistema nazista, o jornal Tribuna Metalúrgica denunciou que segurança e higiene não são coisas que a Volks preza muito. Com relação às refeições (e este já é um problema de saúde), por duas vezes este ano o pessoal foi atacado de desintéria, em virtude da comida estragada que lhe foi servida. Quando

não vem estragada, a comida é de péssima qualidade, ou seja, mal temperada, com sabor pouco agradável.

Agora a Volks está fornecendo a outras empresas seis mil refeições por dia. Para poder fornecer as seis mil marmitas, ela obrigou o pessoal ligado à cozinha a fazer horas extras. Assim, quem entrava em serviço às 15 horas, agora está entrando às 12:30 para sair às 23 horas.

A Tribuna Metalúrgica denuncia ainda a morte do vigilante Luiz Ferreira de Oliveira, ocorrida na noite de 13 de novembro último, no pátio da fábrica. O laudo médico atestou "fratura craniana exposta". O acidente ocorreu, segundo se sabe, pelo excesso de velocidade imprimida ao veículo que transportava o pessoal para a ala 3, onde estaria ocorrendo um princípio de incêndio denunciado pelo sistema de alarme da empresa. O jornal levanta algumas questões: 1) Qual a necessidade que leva os veículos da Segurança Industrial a desenvolverem tamanha velocidade? 2) Não seria lógico e justo que só as ambulâncias e carros do corpo de bombeiros tivessem permissão para ultrapassar a velocidade de 10 quilômetros por hora, estabelecida no regulamento interno da empresa?; 3) Finalmente, quem será o responsável por mais essa morte, resultante de um acidente ocorrido no interior da empresa?

Quanto ao aspecto de higiene e segurança no trabalho propriamente dito, há a registrar a falta de exaustores em diversas alas de produção, notadamente nas de números 2,3,4,5 (porões) e 6. Em consequência, nessas seções se acumula grande quantidade de fumaça, perturbando a respiração e a visão do pessoal. Nem o adicional de insalubridade é pago, por exemplo, para o pessoal do teste de motores, que trabalham numa seção onde não há a mínima ventilação.

Como se vê, são denúncias que poderiam ser estampadas em qualquer jornal diário, não fosse o espaço que a Volkswagen compra em todos eles. Não faz muito tempo uma repórter da sucursal do ABC do jornal O Estado de S. Paulo se propôs a fazer uma reportagem sobre a segurança na Volks. De manhã, como o fazem diariamente, seus chefes mandaram a previsão de matéria para a redação; à tarde veio uma ordem, via telex, para cancelar a reportagem.

Simon Wiesenthal, o célebre caçador de nazistas, declarou que a Volkswagen, a Krupp e a Siemens são verdadeiros ninhos de nazistas. Revelou que nessas empresas estão instalados centenas de "peixes pequenos", e que existe pelo menos 18 oficiais da SS (Schutz Staffel, tropa de elite de Adolf Hitler) no Brasil.

O comandante de Treblinka — o campo de concentração da Polônia, onde 700 mil judeus foram executados —, Paul Stangl, foi preso em São Paulo após ter sido reconhecido trabalhando na Volkswagen, em 1967. O advogado Idel Aronis, da Confederação das Sociedades Israelitas de São Paulo, disse que o nazista foi reconhecido por uma vítima, um judeu que foi pedir emprego na fábrica: "Ao reconhecê-lo, o judeu telefonou para uma delegacia. O delegado me conhecia e me avisou".

Dr. Idel Aronis, é verdade que a segurança da Volks foi



Idel: fábrica persegue judeus

montada e é dirigida por nazistas?

— Sempre ouvi falar disso. Naquela época da prisão do Paul Stangl, em 1967, sempre me aparecia gente contando fatos a esse respeito. Sempre ouvi dizer que a Volks era cabide de emprego de nazista. No ano passado, quando veio a público a prisão do nazista Franz Wagner (sargento da

SS, da Gestapo, a polícia de Hitler, e comandante do Campo de concentração de Sobibor, o homem que fugiu com Paul Stangl para o Brasil), me procuraram novamente, gente que trabalha lá dentro da Volks.

Fizeram denúncias de que tipo?

— Quando a direção identifica algum nazista, este chega a ocupar cargos altos na empresa; quando descobre que o funcionário é judeu, passa a sofrer todo tipo de perseguição. Um judeu me procurou, disse que esteve num campo de concentração, e que não esqueceria nunca mais a cara dos carrascos; pois bem, ele reconheceu na Volks diversas pessoas que eram guardas nos campos de matança. Veja bem, guardas, não chefes. Chefe mesmo era o Paul Stangl, que tinha poder absoluto sobre várias unidades de morte. Depois a direção coube a Franz Wagner.

Chefe de montagem matou 700 mil

O capitão Franz Paul Stangl, 62 anos, responsável pela morte de 700 mil judeus no campo de concentração de Treblinka, trabalhava na Volkswagen, em São Bernardo do Campo, no ano de 1967 como chefe encarregado do setor de montagem. Para não prendê-lo no serviço, os agentes do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) o aguardaram em sua casa, no elegante bairro do Brooklin em São Paulo, onde vivia com a mulher e duas filhas solteiras (uma, casada, tinha três filhos).

Antes de Hitler ocupar a Áustria, Stangl pertencia à polícia civil austríaca. Pertenceu ao Serviço Secreto e infiltrou-se no Partido Nazista com o objetivo de denunciar os descontentes com a ocupação e o novo regime. O primeiro campo de concentração de Paul Stangl foi Sobibor, na Polônia, que ele cuidou de aperfeiçoar, antes de ir para Treblinka, onde matou mais de 700 mil judeus, entre elas a menina Anne Frank.

Promovido, ele seguiu para a linha de frente da guerra, para construir as defesas anti-tanques. Ficou lá até quando a Alemanha começou a cair. Voltou para Berlim, à procura de seu ex-chefe, mas não encontrou ninguém. Foi preso



Stangl trabalhou 4 anos na Volks

e levado a um campo, onde permaneceu durante três anos. Logo que ganhou a liberdade começou a viajar. Esteve na Áustria onde nasceu, na Síria e Itália. Veio então para o Brasil, em 1950, com medo de ser condenado por causa de seus serviços durante a guerra. Trabalhou na Volks quatro anos.

Sob a acusação de ter contribuído, entre os anos de 1941 e 43 para o extermínio de judeus nos campos de concentração de Sobibor e Treblinka, na Polônia, e no Instituto de Hartheim, na Áustria, Paul Stangl foi extraditado por

ordem da Justiça brasileira. O Supremo Tribunal Federal concedeu por unanimidade, no dia 7 de junho de 1967, com prioridade à Alemanha, a extradição do nazista, com o compromisso, nos termos do voto do relator, ministro Victor Nunes Leal, de que a pena fosse transformada de prisão perpétua em temporária e que, posteriormente, o réu fosse entregue à Justiça da Áustria, cujo direito à extradição foi também reconhecido.

Nessa época veio um pedido à embaixada da Alemanha no Brasil para que procurassem localizar Gustav Franz Wagner através de Paul Stangl, porque o procurador daquele país imaginava que onde estivesse Stangl, também estaria Wagner — o que se confirmou em maio do ano passado, quando prenderam Wagner. O Brasil é o segundo país do mundo mais procurado pelo ex-nazistas (o primeiro é a Argentina).

No dia 28 de junho de 1971 Stangl foi encontrado morto, em sua cela, em Dusseldorf, vítima de enfarte, de acordo com os médicos legistas que o examinaram. Com ele foi enterrado uma parte da História, alguns segredos da Volkswagen no Brasil, que ele conheceu tão bem.



Acusado de agitação, sofreu nas mãos da segurança

Mauro Massami, 5 anos de Volks

— É mais do que um órgão de segurança; é um órgão de coação do trabalhador na empresa. Chegam a colocar na cabeça do guarda que ele não é simplesmente um trabalhador, é uma autoridade. Nas outras empresas os guardas até brincam, conversam com os outros trabalhadores, mas na Volks não. É impossível se aproximar de um policial desses.

Quem manda se veste como os outros?

— Embora sejam tenentes, coronéis, sargentos, eles se vestem com uniforme da empresa, não com farda do Exército. Ou se vestem com paletó e gravata, como um funcionário interno. A segurança cria um medo tal no trabalhador que o chefe da seção ameaça o operário da seguinte forma: "se você não se conformar vou levar você à segurança".

Eles estão em toda parte da fábrica?

— Estão em todo lugar. Em qualquer setor há sempre um guarda da segurança que observa a pessoa de tal forma que a deixa constrangida. É na segurança que o empregado sabe que vai embora sem direito, caso tenha cometido algum delito ou feito o que eles acham um ato de indisciplina. Para mim, a segurança da Volks é tipicamente nazista. A gente tá acostumado a ver filme com nazista, não sei se eles pintam demais, eu só sei que é o mesmo estilo

Você tem conhecimento de violência física?

— Não; e mesmo se houver, o próprio elemento é coagido a não comentar com detalhes, porque pode ser dispensado. Pelo esquema que há, a coisa deve chegar a isso, porque dá medo chegar perto da segurança. Até as secretárias se portam de modo policialesco. É um negócio fora do comum. Parece que é o próprio ambiente que torna as pessoas duras.

É verdade que na Volks tem oficiais da SS — as unidades da morte, do Partido de Adolf Hitler — lá na segurança?

— Não sei. Garanto que o esquema de funcionamento é



Mauro: até secretárias são policiais

Fotos Amancio Chioldi

nazista. Mas quem encabeça são o coronel Ruge, o Cordeiro, coronel ou tenente Vitoria, Carvalho, Medeiros, todos do Exército.

Você já passou pela segurança da Volks?

— Já sim. Eu andava de sessão em sessão para ver se todo mundo estava em greve (Nota de Redação: — a de março, que durou 15 dias e foi reprimida pelo governo, que decretou intervenção no sindicato) e um supervisor me pediu a identificação. Me levou para a chefia e o cara ficou nervoso, eu dizia para ele, "calma, vamos conversar, tenha a santa paciência, pô". Daí fui levado para a segurança, onde precisei me identificar. A pessoa para ir ao restaurante, à assistência médica, a tudo que é setor precisa se identificar. Um absurdo total. Era o tenente Carvalho quem comandava. Fiquei na sala dele, onde estão os painéis de controle das câmeras de televisão. Pensei que elas fossem câmeras fixas, mas não são. Elas giram. Tanto faz focalizar para dentro ou para fora da fábrica, pode aproximar as imagens, é algo espetacular. Um tenente chamou o Carvalho pelo interfone, é tudo por código. Fui levado em seguida para o gabinete do tenente Eugenio, que por sinal não estava lá. Entra tenente, sai tenente, entra sargento, sai sargento. Daí chegou o tenente Vitorio que me conduziu ao RI-Relações Industriais, um departamento muito enrolado, pelo menos em termos de relação sindicato/empresa. Daí falaram que eu poderia ser enquadrado em qualquer artigo, que eu estava agitando o pessoal da fábrica, esses absurdos, e me dispensaram. Sai dali aliviado.

Guardas à paisana espionam greve

Devanir Ribeiro, 10 anos de Volks

— Quem manda na segurança da Volks são dois coronéis, têm mais três ou quatro tenentes, todos do Exército. Tem um esquema muito bem montado, com circuito interno de televisão, um fichário completo com nomes e demais dados dos funcionários da empresa, tem enfim, aquilo que toda delegacia de polícia tem. Talvez seja até bem mais equipada que uma delegacia de polícia normal. Têm uns 200 guardas, tem o pessoal da chamada segurança interna, que colhe depoimento; se alguém chega atrasado vai lá, se faltou no serviço, vai lá.

Todo mundo anda fardado?

— Nem todos. Os investigadores andam à paisana. Se misturam com o pessoal, se infiltram. Quando os alemães estão sabendo de que vai ter greve, aumentam o número desse pessoal. Em janeiro foram admitidos mais 20; em fevereiro, mais 30.

Seguiram diretor do sindicato por toda a fábrica

Maurício Soares, advogado dos metalúrgicos

É preciso ter algum motivo forte para parar na segurança?

— Nada disso: qualquer questão corriqueira é motivo. Nas outras empresas funcionam as chamadas R.I — Relações Industriais, onde o sujeito é advertido por qualquer questão de disciplina. Mas na Volks, os operários são mandados logo pra segurança, onde falam pra eles: "se você não confessar te entregamos para a polícia".

Tem havido casos de tortura?

— Que eu saiba não. Só tortura psicológica. As reclamações são diárias. Talvez mais do que uma por dia. Na verdade, a segurança da Volks (1000 homens contando guardas, inspetores, bombeiros) é uma espécie de segurança contra a atividade sindical. Nós tivemos diretores nossos que foram seguidos pelo setor de segurança. Para

Conta um tipo de pressão que eles exercem sobre o operário.

— Quando são levados para a tal sala especial para prestar depoimento, nossos colegas ficam impressionados, pois mais tarde são levados para o banheiro, voltam, vão lá de novo, os guardas ameaçam de levar o colega para a polícia, para o Dops. Há pouco tempo uma operária que trabalhava no laboratório físico, há 12 anos, foi suspeita de ter sumido

com a chave do local de trabalho. Ela era auxiliar, e só ela e o gerente tinham a chave. Acontece que sumiu a platina, material caro. Levaram essa senhora para lá e a interrogaram por duas horas. Ameaçaram-na de várias formas. Não conseguiram nada; depois a mandaram embora, alegando que ela vendia bijuteria para os colegas, talvez querendo insinuar que ela transformava a platina em bijuteria.

E o clima do setor de segurança?

— Quando você entra numa delegacia não sente o ar pesado? Pois é, lá é a mesma coisa. O pessoal trata os outros como se eles fossem da Gestapo mesmo. Anos atrás foi pego um nazista lá dentro. Só sei dizer que os métodos deles são meio atrapalhados pra gente. A gente sempre comenta que a segurança é um campo de concentração dirigido pela Gestapo. Porque sabemos que a orientação vem de cima mesmo.



É como a Gestapo, diz Devanir



Maurício: é uma organização pára-militar

onde quer que ele ia, era acompanhado por um cara da segurança. Era seguido atrás das máquinas e pelos desvãos da fábrica. Ainda recentemente, fomos entregar boletins e os guardas tiraram esses boletins que convocavam os trabalhadores para uma assembleia. São uma espécie de gente que não tolera a organização dos trabalhadores de modo algum.

Dentro do funcionamento da tortura psicológica há alguma particularidade que o sr. poderia contar pra gente?

— Uma das coisas mais odiosas dessa segurança é quando o cara é obrigado a ficar no que já chamaram de "chá de banco". Entra de manhã, fica sentado, chega a hora dele ir embora e não vai. Volta no dia seguinte e assim vai, 4, 5, 6, 7 dias. Quer dizer, isso mortifica o sujeito ali.

Depois desse tempo chega um segurança e diz: "O seu caso tá resolvido, você tá dispensado, pode voltar a trabalhar". Ou então completa: "Tá despedido, pode voltar amanhã pra pegar as contas".

Tem havido confissões forçadas?

— Tem sim. Para se ver livre de uma vez por todas, o cara confessa mesmo. Às vezes ele chega na Justiça e nega tudo, diz que assinou sem ver, sem ler nada.

Como o sr. definiria o serviço?

— Uma espécie de organização para-militar. Que dá verdadeiro pavor no operário. Corre boato de que lá dentro tá cheio de nazistas. A própria organização tende a ser nazista, por ser amplamente repressiva. Tem cores fascistas.



Descem borracha até nos meninos

Tarcísio Tadeu Pereira,
ex-professor da Volks

— O cabeça da segurança da Volks é um tal coronel Ruge. Segundo ele mesmo amigo pessoal do coronel Erasmo Dias. Quando o Erasmo estava em evidência, ele falava de suas ligações, talvez para mostrar que tinha um esquema fora da fábrica. Abaixo dele têm os tenentes, a nível de chefia de seção, têm os executivos e, abaixo, os supervisores. Gente que pertenceu ao Exército e que hoje manda lá.

Você presenciou algum tipo de coação?

— Tem escola do Senai (Serviço Nacional da Indústria) que funciona lá dentro, com 900 alunos. Um guarda viu um deles gastando muito no barzinho da fábrica, e chegou perto dele perguntando: "Você tem tanto dinheiro assim?". Ficou naquele negócio de é meu, não é, esse esquema de sempre. Até que chegou a tal ponto que eles disseram: "Bom, esse cara não vai falar nada aqui, vamos descer a borracha. Quem sabe no Dops ele fala".

Quer dizer que eles têm ligações com a repressão?

— Têm e de modo muito claro. Um colega, o **Peruca**, foi levado para a segurança, e foram dizendo pra ele: "Vai tirando a camisa, senta aí que a gente vai fazer um acerto". O **Peruca**, coitado, não sabia de que se tratava. Foi levado para um órgão de segurança em São Paulo. Nem para a delegacia de polícia de São Bernardo ele foi.

Conta como são as câmeras de tv.

— Tem uma sala com circuito interno onde ficam dois caras sentados 24 horas por dia, assistindo tudo. Pegam a entrada e saída dos funcionários. Têm cerca de trinta câmeras. Têm também caras com binóculos no pátio. Se eles pegam alguém saindo e consideram suspeito, mandam parar no portão. São os média-chefia, os mestres, supervisores de seção, que, ao



Tarcísio viu agressão a um aluno

sair no escuro, são vigiados pelos homens de binóculos.

Qual é a impressão que dá ao entrar no setor de segurança?

— A mesma que qualquer órgão ligado à repressão, o mesmo impacto. Logo de cara você vê uns painéis na parede com uma série de objetos, apreendidos segundo eles, de pessoas presas em flagrante. Verdadeiros troféus. Tem guarda para cá e para lá. O infeliz fica no meio do corredor perdido, como se tivesse na berlinda. O escrivão é bem mais treinado que os seus colegas da polícia.

E os outros tipos de serviço que eles prestam?

— Têm os caras que vêm ao sindicato; outros que se inscrevem em congressos, mas geralmente logo a gente descobre e põe para fora. Vou dizer uma coisa: a enfermaria, refeitório e demais serviços não são tão bem estruturados como a segurança. Há até uma certa desorganização.

Cada empregado deu Cr\$10 mil de lucro em 1978

A Volkswagen, sozinha, produziu, em 1978, 50% de todos os veículos (incluindo ônibus e caminhões) do Brasil: 600 mil automóveis. Há 20 anos no país, é a segunda empresa estrangeira mais lucrativa — Cr\$ 400 milhões em 78 — e a maior de todas (estrangeiras, brasileiras e estatais) em número de empregados: 40 mil. Lucrou, portanto, Cr\$ 10 mil por

empregado. Além da fábrica, possui outros negócios, entre os quais uma fazenda de gado de 140 mil hectares, um frigorífico, uma financiadora e uma locadora que já alugou 40 mil carros para grandes empresas. Sua folha de pagamentos representa apenas 16% de seus gastos. Com impostos ao governo ela gasta mais que isso: 18%.



É a fábrica mais policialesca, diz Lula

Prenderam os barbudos porque um era suspeito

Lula, líder dos metalúrgicos

— A segurança da Volks é um verdadeiro campo de concentração. Lá os trabalhadores, quando suspeitos por qualquer coisa, são submetidos a um depoimento, e a um registro num boletim de ocorrência, como se estivessem prestando esclarecimento numa delegacia de polícia. É o que existe de mais policialesco que nós conhecemos em qualquer indústria de nosso setor.

Quem manda na segurança da Volks?

— É lamentável, mas quem manda são militares: coronéis aposentados, reformados, tenentes, sargentos, todos eles servindo a uma multinacional. Os trabalhadores vêm a segurança da Volks com muito medo; um negócio montado de forma que dá arrepio.

O que fazem lá na segurança?

— Problemas relacionados com questões trabalhistas são às vezes resolvidos na própria Volks. Quando o trabalhador vai para a segurança, toma um verdadeiro chá de cadeira, é ameaçado de ir pro pau-de-arara.

Diante disso o trabalhador vem pedir algum tipo de proteção ao sindicato?

— Sim, diariamente. Teve

um assalto num banco, funciona uma agência bancária lá dentro, e o suspeito era um barbudo. Pegaram todos os barbudos da fábrica. Teve um inspetor de qualidade que ficou como o número 1 da lista de suspeitos. A partir desse dia ele veio aqui no sindicato pedir proteção, porque ele tava vendo a hora de chegar o dia em que a segurança ia sumir com ele.

As seguranças das outras indústrias do ABC são iguais?

— A pior que existe mesmo é a da Volks. Em termos de rigidez, de pressão, de coação, ela ganha longe. As outras têm segurança, mas é algo mais ameno. Me parece que na Mercedes quem manda na segurança é um major; em outras indústrias há sempre uma patente militar responsável pela segurança.

E por que militar?

— Eu não sei (rindo). Ou, na verdade, eu sei. Eu prefiro que não saia da minha boca o porquê de os militares estarem ligados à segurança das multinacionais.

O que vocês do sindicato podem fazer?

— Denunciar as atitudes. Não temos nada contra o fato deles trabalharem neste setor; mas contra a rigidez com que tratam os nossos trabalhadores.

Fotos Amanceio Chiodi

Metalúrgicos impedem massacre no ABC

A greve de 15 dias dos metalúrgicos do ABC de São Paulo foi, antes de tudo, uma demonstração da coesão e da serenidade dos trabalhadores. A maioria deles — homens e mulheres — entrou de corpo e alma no movimento. Eles “trabalharam” muito mais do que quando trabalham. Não dormiam, quase. Levantavam de madrugada, como num dia comum e saíam para os piquetes, enfrentando os fura-greve e a polícia; lotavam assembléias tão grandes que só couberam num estádio de futebol; recolhiam dinheiro para o fundo de greve. E em nenhum momento pensavam em parar, desistir. “Se a gente ficar unido, a gente vence” era uma das frases que podia ser ouvida no meio dos grevistas, da boca do empregado mais simples, o “peão”. Era também ele quem comentava: “não vamos aceitar provocação, a greve é pacífica”. E foi pacífica até a polícia chegar. Nos primeiros dias, ela aparecia só nos piquetes da madrugada e, disfarçada em roupas civis, nas assembléias. Mas, depois que o estádio foi cercado por policiais armados de fuzis, o clima pesou.

As reuniões de 80 mil trabalhadores passaram a ser dissolvidas à custa de bombas de gás lacrimogêneo, cavalos, cachorros, tiros para o ar. As tropas — acampadas dentro da fábrica da Volkswagen — saíram com força total e ocuparam as principais ruas de São Bernardo, a maior das cidades em greve. Os trabalhadores, revoltados, estavam, contudo, em maioria e por pouco não enfrentaram a polícia. Seria um Irã: 80 mil metalúrgicos armados de paus e pedras contra milhares de policiais munidos até os dentes. Alguns choques ocorreram, feridos houve mas as tranquilas palavras-de-ordem dos grevistas e de seus comandantes impediram a catástrofe. Do lado da polícia, a ordem e a vontade era arrasar, apesar de o fim da greve estar sendo negociado nos gabinetes. E apesar de os problemas salariais serem os mesmos, na polícia e nas fábricas. O pau quebrou porque faltou aos chefes das tropas de choque a serenidade que sobrou aos grevistas e seus líderes.

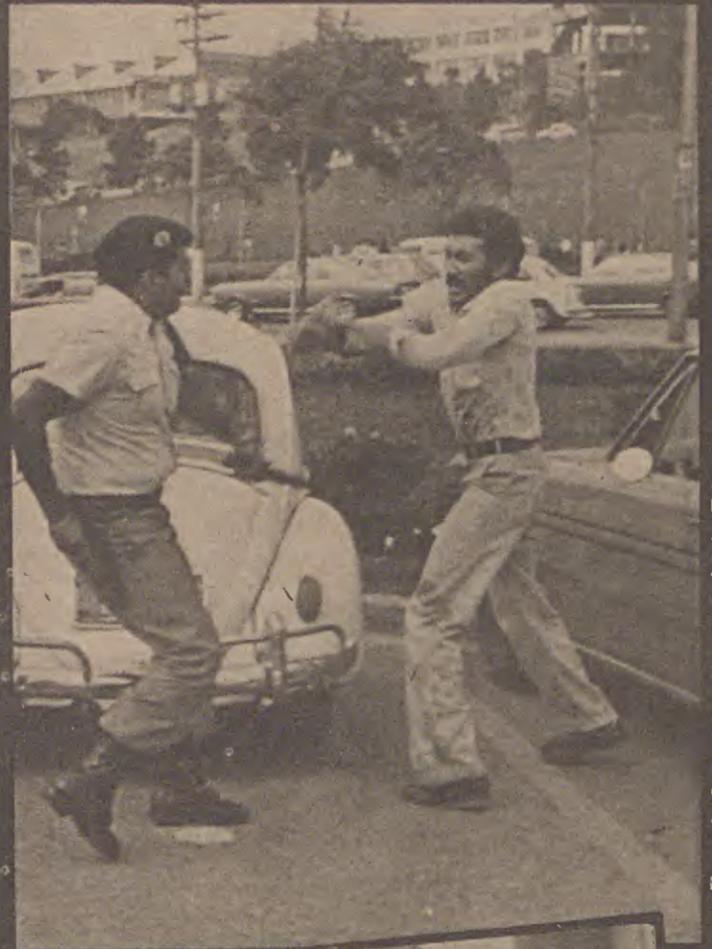


Foto de Juca Martins — agência F/4



Foto de Juca Martins — agência F/4



Foto de Delmar — agência F/4



Foto de Ricardo Malta — agência F/4



Povo de Nova Iguaçu protesta contra o BNH com apoio do bispo Dom Adriano Hipólito



Fotos Jornal Hoje



A casa do BNH só dura 2 anos; depois as paredes começam a balançar

Moradores protestam contra despejos à força

- 5 MIL NA PASSEATA QUE PEDIA JUSTIÇA
- FINANCEIRA PROTEGE CASAS COM GUARDAS
- MAIS 3500 VÃO FICAR SEM TETO EM 79

Dia 4 de março, cinco mil moradores de Nova Iguaçu, grande município na periferia do Rio de Janeiro, fizeram manifestação pública para reclamar contra os violentos despejos de que têm sido vítimas compradores de casa via BNH-Banco Nacional de Habitação. O protesto começou no centro da cidade, praça da Liberdade, e terminou em passeata até a Catedral de Santo Antônio, pois o dia marcava o início da Campanha da Fraternidade dos bispos brasileiros. Dom Adriano Hipólito, bispo local, esteve lá, junto com representantes do Movimento Amigos de Bairros de que participam mais de 40 bairros do município. O povo exibiu faixas e cartazes: "Despejo não, solução sim", "Não deixem as crianças serem despejadas", "Justiça sim, mordomia não". A movimentação foi tão grande que, alguns dias depois, dois agentes do Dops andaram por Nova Iguaçu querendo saber quem estava liderando o protesto.

— Aqui não há líder — respondiam os moradores, que, por motivos óbvios não podem ser nomeados — há um movimento dos bairros que une todos os moradores que estão sendo obrigados a deixar suas casas injustamente. E se quiserem mais informações, procurem a Comissão de Justiça e Paz.

Paulo Amaral, advogado e vice-presidente da Comissão de Justiça e Paz:

— As campanhas publicitárias iludem o comprador que não entende os cálculos do BNH. Além disso, as financeiras falsificam a renda do trabalhador: colocam uma renda mais alta na proposta de compra dele e ele agradece, pensando ser um favor. Depois, é lógico, sua renda não é aquela, ele não pode pagar mais o imóvel. Devolve a casa e a financeira fica com todo o dinheiro já pago.

O BNH entregou as primeiras casas e prédios em Nova Iguaçu em 1970. Hoje, são 23 conjuntos habitacionais, quase todos em péssimo



Maria Nazaré, a manicureira despejada

estado. Contam os moradores que a conservação das casas não dura mais de dois anos, depois do que eles são obrigados a reformá-las por conta própria. Em pouco tempo, as paredes começam a apresentar rachaduras e a pintura descasca porque o mau acabamento permite infiltração de água. Os imóveis — sala, dois quartos, cozinha e banheiro — custavam, em média, Cr\$ 40 mil em 1972 e hoje, devido às correções monetárias, juros e outros aumentos impingidos pelo BNH saem por Cr\$ 250 mil. Devido ao constante aumento das prestações, há dois anos os moradores de Nova Iguaçu não pagam e são despejados pela polícia. Eles não sabem quantos de seus vizinhos já foram despejados, pois após os despejos as casas são ocupadas por novos moradores que por sua vez são também despejados.

Miguel da Silva Jr., oficial de Justiça, conta como os despejos são feitos:

— Eu vou com outro oficial de Justiça, geralmente o Alberto dos Santos e com a força policial. A ordem de despejo aparece de uma hora pra outra, nunca sabemos quando vai acontecer. Acho muito triste, mas lá não tem jeito, eles vão ter que sair. É antes de tudo um problema social e se o pessoal resistir, vai gerar violência.

A violência, porém, parte

das financiadoras de Nova Iguaçu — Apex, Unibanco, Financilar, Cofrelar. Contam os moradores que elas — cansadas de sucessivos atrasos de prestações e invasão de casas desocupadas — chegam a depredar as casas para que não sejam habitadas por mais ninguém.

Para se defender de tantos problemas, os moradores já encontraram suas próprias saídas: eles vendem a "chave" da casa e o morador que os substitui se encarrega de continuar pagando as prestações. A manicureira Maria Nazaré Sales Linhares, moradora no conjunto Monte Líbano, comprou a "chave" de sua casa por Cr\$ 20 mil, no ano passado, e agora não tem como saldar as prestações. Ela procurou a financiadora Unibanco para tentar um acordo, mas não conseguiu:

— Eu fui no Unibanco, falei com o dr. Ely que me chamou de invasora, eu não sou isso... Vivo em constante desespero. Tenho um menino de 5 anos que não pode ver a polícia. Logo que vê, grita **mamãe, tá vindo o despejo**. Sobe os quatro andares de escada correndo, morrendo de medo, me abraça e começa a chorar,

perguntando: **mamãe, pra onde a gente vai?**

O único acordo que as financiadoras aceitam — contam os moradores — nos casos de atraso de prestações, é o pagamento à vista da casa ou das prestações atrasadas. Fora disso, o despejo é decretado e o morador tem 30 dias para desocupar a casa.

Sebastião Dias de Oliveira, oficial de Justiça, recorda-se, entre outros despejos que fez, do de um morador da rua do Trabalho, de quem só sabe o primeiro nome, Ciro:

— Foi a maior confusão, o cara não queria sair de maneira alguma, antes tive que levar o maior papo com ele. Ele ganhava salário mínimo, tinha quatro filhos e a mulher grávida, pra mim é duro ver as crianças não terem para onde ir, mas é a minha obrigação. Reconheço que os conjuntos habitacionais são de má qualidade e estão em mau estado, acho, porém, que o pessoal devia lutar na Justiça.

Os moradores já dizem que só há três maneiras de se tornar proprietário das casas do BNH: 1) por invalidez ou morte; 2) se as prestações estiverem em dia (o que é quase impossível); 3) se o morador for militar. Coordenadores do Movimento de Bairros afirmam que "espantosamente, nenhum militar foi despejado até agora" e consideram o fato "um fenômeno na vida nacional". O clima de Nova Iguaçu é de revolta. Guardas de segurança contratados pelas financiadoras permanecem nas portas das casas desocupadas para que não sejam invadidas. O deputado Francisco Amaral, do MDB, informa que estão programados, para este ano, perto de 3500 despejos na cidade.



O oficial Miguel executa o despejo

Reportagem de Eliane Andrade
Fotos de Chiquito Chaves

Gonorréia, sífilis, cancro mole, herpes e uretrites em geral **CUIDADO** **O bicho tá na sua cama**

Reportagem de Alex Solnik, Chico Júnior, Clarice Niskier e Cesar Arruda Castanho

A discussão em torno das doenças venéreas é enorme e, conseqüentemente, a confusão ídem. A começar pelo nome, que segundo o Ministério da Saúde passou a ser Doença Sexualmente Transmitida. Depois, vem a classificação das doenças venéreas, ainda o nome popular. Embora genericamente se considere apenas cinco as doenças — gonorréia, sífilis, (cancro duro), cancro mole, linfogranuloma venéreo e herpes simples — vários médicos acham, por exemplo, que a tricomoníase é uma doença venérea, bem como as chamadas uretrites não específicas, causadas por germes não gonocócicos, mas contraídas no relacionamento sexual. E, afinal, pingam da mesma maneira, gonocócicas ou não.

As estatísticas, então, jamais chegam a um acordo, embora sejam sempre alarmantes, como toda e qualquer estatística que se preze. No Rio Grande do Sul, por exemplo, são registrados 100 mil novos casos anuais de doenças venéreas, segundo levantamento feito pela Secretaria de Saúde. Em São Paulo, de acordo com a pesquisa revelada pelo médico Walter Belda, professor e sanitário da Faculdade de Saúde Pública de SP, ocorrem pelo menos seis mil novos casos diários de doenças venéreas. 180 mil por mês. Um milhão, 440 mil por ano. Em termos de Brasil, a pesquisa concluiu que, anualmente, registra-se no país pelo menos 4,8 milhões de novos casos de gonorréia, sífilis e cancro mole. O que lhe permite dizer que no Brasil a crescente incidência

das doenças sexualmente transmitidas atinge características epidêmicas, como na Europa e nos Estados Unidos, onde as doenças venéreas, em se falando de propagação, só perdem para a gripe.

Em outubro de 1977, o 1º Seminário Latino-Americano sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis, realizado em Goiânia, concluía que 50% dos brasileiros entre 15 e 30 anos eram portadores de doenças venéreas. O congresso concluiu, que o aumento das doenças venéreas ocorre em todo o mundo, mas que a situação é mais grave nos países onde as condições sócio-econômicas e sanitárias são precárias, como o Brasil.

Ainda sobre a proliferação das doenças venéreas no país, o 16º Congresso de Urologia, realizado em agosto do ano passado em Porto Alegre, mostrou que nos últimos anos as prostitutas deixaram de ser os principais focos de transmissão de infecções venéreas. Segundo o presidente da Sociedade Brasileira de Urologia e participante do congresso, os atuais padrões do comportamento sexual e o consumo dos anticoncepcionais tornaram freqüentes os casos de doenças venéreas entre as famílias de maior poder aquisitivo.

Por isso é que o dr. Walter Belda diz que a democratização da doença venérea é uma coisa real, atingindo todas as classes e, principalmente, os jovens classe média, que desconhecendo regras básicas de higiene e educação sexual, saem por aí portando e transmitindo os gonococos da vida.

A liberação sexual e a promiscuidade foram apontadas como os principais fatores da proliferação das doenças, de acordo com a maioria dos médicos entrevistados. A falta de informação e de higiene e o tabu sexual também contribuem bastante.

Em relação à higiene, o ginecologista Aloysio Graça Aranha, do Inamps, lembra que é da maior importância a lavagem vaginal, logo após a relação sexual. "É um recurso simples, fácil e a água funciona não só como espermicida (destrói o espermatozóide) como também é elemento de proteção contra os agentes causadores de doença venérea."

No campo da falta de informação, sai de baixo. O tabu sexual não permite que se fale abertamente de doenças venéreas e o resultado é todo mundo passando e pegando sífilis, gonorréias e cancros variados. O namorado não conta para a namorada, o marido esconde da mulher, a mulher, muitas vezes, não sabe que está com gonorréia. Não é raro ver pessoas conscientes de suas doenças saírem por aí, trepando à vontade, sem a mínima preocupação de contaminação. O mais interessante é que este não é um problema apenas do Brasil. Uma pesquisa realizada numa universidade norte-americana revelou que apenas uma aluna foi a responsável pela contaminação de 600 outros colegas. Não que ela tivesse trepado com todos os 600, mas a partir dá primeira contaminação e as trepadinhas subsequentes, centenas de pessoas pegaram gonorréia.

Em relação ao tratamento, existe muita displicência e a procura indiscriminada da farmácia para diagnóstico e cura contribui para que as doenças venéreas cresçam sempre. O balconista diagnóstica, receita e não cura. Pelo contrário, complica.

O governo, embora no ano passado tenha baixado normas para diagnóstico, tratamento e controle das doenças sexuais, não se preocupa tanto com o problema, como faz com vários outros problemas inerentes à área da saúde. No Inamps, por exemplo, um portador de gonorréia pode esperar até um mês para conseguir o resultado de um exame. Nesse um mês sem tratamento, ele pode ser responsável pela contaminação de muita gente, principalmente porque é pouco informado sobre o que significa ter uma gonorréia ou uma sífilis. Por isso, surgem os casos crônicos, pessoas que ficam se tratando durante anos de uma simples gonorréia. Simples? É, simples, considerando que se ela for rapidamente diagnosticada pode ser curada com uma dose única de antibiótico.

Além disso, acontecem casos como o fechamento político do hospital Eduardo Rabelo, do Rio de Janeiro, unidade especializada no tratamento de doenças venéreas e considerado o melhor centro de estudos sobre o assunto da América do Sul. Segundo seu ex-diretor, dr. Antônio Carlos Pereira, foi fechado pelo governador Chagas Freitas em virtude de uma briga política com o deputado Edson Khair.

Farmácia é o hospital do povo

Um dos principais problemas encontrados no tratamento das doenças venéreas é a automedicação, quando o doente resolve se curar sozinho e procura a farmácia mais próxima, atrás de uma indicação rápida e barata. Afinal, a fama dos hospitais públicos não é das melhores, com histórias do tipo "tem que esperar um mês para ser atendido" e o preço das consultas particulares estão um tanto fora do alcance da população. Assim, o balconista surge como o "médico" de plantão e sai aplicando as receitas mais estapafúrdias e antibióticos em doses muito altas, que mal receitados, criam resistência no organismo.

Trabalhando, em sua maioria, com produtos bonificados cada remédio vendido equivale a uma comissão para o balconista e/ou o dono da farmácia — as farmácias se preocupam muito mais com a fêria do fim do dia do que com a saúde dos que a procuram. O pior é que muitos remédios, dos chamados laboratórios igneutos, são fabricados sem muito controle. Custam mais caro do que os dos laboratórios mais conhecidos, mas vendem bastante, em virtude da comissão.

Para comprovar que, no caso da doença venérea, o

balconista é o médico do povo, visitamos 16 farmácias no Rio de Janeiro — oito no centro, seis na Zona Sul e duas na Zona Norte. Em apenas três, inclusive a única homeopata visitada, recebemos a orientação de procurarmos um médico. Nas outras, os balconistas passavam remédios como se estivessem vendendo bala de coco.

Na farmácia Vitória (rua Ataulfo de Paiva, 722-B, Leblon), o balconista Vieira foi logo pegando um Trimotex e dizendo:

— Esse aqui cura qualquer coisa. Você toma de seis em seis horas, direitinho. Daqui a dois dias você vem aqui e me procura.

Na farmácia Piauí, na rua Jardim Botânico, Newton indicou comprimidos para a repórter, quando esta falou que tinha medo de tomar injeções, além de reclamar do preço.

— Você toma essa caixa de Ampicilina, de seis em seis horas. Isso cura também, mas não pode comer nada que tenha gordura. Se não curar, volta aqui e compra outra caixa.

Em todas as farmácias, perguntamos se não era necessário procurar um médico. A resposta era quase sempre um não taxativo, acompanhado de exclamações do tipo



Newton, da farmácia Piauí, foi logo receitando remédios

Foto de Chiquito Chaves

"médico é muito caro e vai receitar a mesma coisa".

— Arde o canal? — perguntou o atencioso Cláudio, da Drogasmil, que fica na rua Dias da Cruz, 121, no Méier.

Diante da resposta positiva, diagnosticou:

— Então é gonorréia. Olha, o mais indicado é esse aqui, Dexacilina. Ontem mesmo veio um cara que o médico receitou esse para ele.

Nena, balconista da drogaria Sileal (Rua Santa Clara, 98, Copacabana) vai mais além e já indica antibiótico como preventivo para doença venérea.

— Quando eu saio com um cara que eu não conheço, pumba, eu tomo esse antibiótico logo depois. Tomo sempre porque tenho muito medo de pegar doença.

Em artigo escrito para a *Folha de São Paulo*, Vicente Armando Neto diz que "o que se passa nas farmácias do Brasil é desprimoroso e triste. Farmacêuticos e balconistas receitam abertamente e, às vezes, requisitam até mesmo exames subsidiários".

E pergunta: "isto está correto num país que está liberando mais ou menos nove mil médicos anualmente?"

**Tá ardendo,
minha filha?
Ah, é gonô.**

Na drogaria Popular (rua 1º de Março, Centro), a repórter foi atendida pelo balconista Neto.

Moço, eu tô com um problema. Pelo que dizem...

— Já sei.

Acho que é gonorréia. O que devo fazer?

— Tá sentindo ardência?

Tô... e um corrimento que nunca tive.

— É muito sério, então. Toma esses remédios, Ampicilina e Uropac.

Mas posso ir tomando remédio, assim sem mais nem menos?

— Pode, claro. Você tomando isso (Uropac) vai urinar bastante. E toma a Ampicilina de 8 em 8 horas. Depois toma mais uma caixa qualquer coisa volta.

Você já teve esse problema?

— Já tive um iniciozinho...

Foi ao médico?

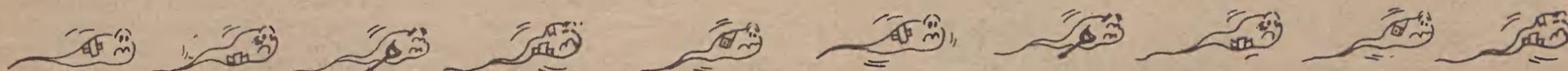
— Não, eu mesmo me receitei.

Curou?

— Curou, nunca mais tive. Já faz uns quatro anos.

Então não preciso ir ao médico?

— Não, ele vai te cobrar uma nota de consulta e vai te receitar esses mesmos remédios.



As três doenças venéreas mais comuns

Classicamente, as doenças venéreas são cinco. A mais freqüente de todas é a gonorréia, seguida da sífilis, considerada a mais séria e mais grave porque, pode, inclusive, ultrapassar gerações. Depois, com mais raridade, aparecem o cancro mole, a linfogranulomatose inguinal, ou doença de Nicholas Pavre e o granuloma venéreo. Atualmente, porém, considera-se também como doença venérea a herpes simples tipo 2, de localização genital.

Abaixo, a descrição das três principais doenças, seus sintomas e conseqüências.

Gonorréia — A popular gonô tem um período de incubação de um a três dias e do ponto de vista clínico se apresenta como uma uretrite (inflamação da uretra) purulenta. Suas características básicas de identificação são a ardência na micção e a

chamada gota matinal, de pus. Causada pelo gonococo, a gonorréia (ou blenorragia) pode aparecer, também, nas amígdalas (amigdalite) e nos olhos (conjuntivite gonocócica). Esta última é observada freqüentemente em recém-nascidos, filhos de mulheres portadoras da doença. Nesse caso, é muito perigosa, pois pode levar à cegueira parcial ou total. Quando diagnosticada rapidamente, a gonorréia pode ser curada em apenas um dia, com uma única dose de antibiótico.

Sífilis — A sífilis é dividida em primária, secundária e terciária. A primária é caracterizada pelo chamado cancro duro, uma lesão avermelhada, medindo cerca de um centímetro de diâmetro, geralmente única, indolor e dura. Aparece de duas a três semanas após o contágio do treponema pálido (o agente

causador), geralmente nos órgãos genitais, mas havendo casos em que aparece na boca, seios e regiões próximas aos órgãos sexuais. Três semanas após o surgimento, desaparece sem deixar cicatriz, dando a impressão ao doente que está curado.

A sífilis secundária tem como primeira manifestação a roséola sífilítica, constituída de pequenas manchas rosas localizadas no tronco e raiz do membro. Passando muitas vezes despercebida, essas manchas somem três semanas depois. A partir do quarto mês, a contar do aparecimento do cancro, surgem pequenas erupções na pele, que podem se prolongar durante dois anos. É a fase mais contagiosa da doença, devido à quantidade de treponemas.

A sífilis terciária aparece de 20 a 30 anos depois, com

manifestações (manchas claras na pele) no couro cabeludo e na boca, principalmente. Afetando principalmente o coração e o cérebro, a sífilis pode provocar sérios problemas cardiológicos e uma paralisia progressiva, que tem como primeiro sintoma a paranóia.

Existe, ainda, a sífilis congênita, que atinge os fetos cujas mães são portadoras da doença. As manifestações podem ocorrer até o terceiro ano de vida, na sífilis congênita precoce, e dos três aos 30 anos (sífilis congênita tardia).

Embora de difícil diagnóstico, devido às suas várias fases, a sífilis é plenamente curável. O tempo do tratamento vai depender justamente da gravidade da doença.

Cancro mole — Por ser

extremamente doloroso, obrigando o doente a se abster sexualmente, o cancro mole é de difícil transmissão. Apresenta-se como uma pequena lesão ulcerada, com cerca de três milímetros de diâmetro, fundo amarelado e purulento, localizado nos órgãos genitais. É rápido e rasteiro, aparecendo, na maior parte dos casos, alguma hora após o contágio. Depois da primeira lesão, surgem outras em volta. É uma doença que ataca muito mais os homens do que as mulheres, na proporção de 14 para um. Em aproximadamente 30% dos casos, o cancro mole é acompanhado de uma inflamação inguinal, que se instala duas semanas depois do início da doença e se caracteriza por uma vermelhidão da pele. Também nesse caso a dor é intensa, mas ao fim de poucos dias há o amolecimento do tumor.



Tomou muita injeção e não adiantou nada

A sala de estar estava cheia. João Grandão, 22 anos, comerciante, morador na Lapa, Rio de Janeiro, tomou muita injeção em farmácia pra se curar de gonorréia. Agora, estava lá na sala do dr. Fouad Hissa, na rua Dias da Cruz, Méier, esperando ser atendido:

Você está aqui por causa de doença venérea?

— Não. O que eu tenho é consequência de doença venérea.

Qual?

— Gonorréia. Quando eu vi que peguei, fui numa farmácia tomar injeção. Fui de teimosia. Tomei a Trobicin, que custou Cr\$ 150,00, se não me engano. Isso tem um ano e meio. Tomei três e curou, mas o dr. Fouad disse que houve um recolhimento. O pus foi expulso, mas houve um problema de recolhimento.

Sabe como pegou a gonorréia?

— Acho que foi no lençol do motel porque a menina que

tava comigo fez exames e deu que não tinha nada. Ela estava grávida de três meses. Quando eu vi que não tinha curado, eu mesmo suspendi as minhas relações sexuais.

Qual é o tratamento desse médico?

— Primeiro ele faz exames e constata o tipo de doença e dá o remédio adequado. Tava num outro que tava me enrolando, me tratava sem exame e sem nada. Tomava Glitison Frangyl três vezes ao dia e cada consulta era 600 cruzeiros. Fui quatro vezes. Agora, esse me indicou Assepium pra tomar pela manhã e à noite, acompanhado sempre de complexo B, pra não estourar o estômago. Esses outros médicos te ajudam por um lado e te destroem por outro. Daqui à pouco sou um canceroso sanguíneo, de tanto antibiótico que já tomei sem complexo B. Desde que peguei gonorréia, pode por aí, já gastei sete mil cruzeiros.

Carminha pegou gonorréia no ânus com o namorado

Carminha, nordestina, 28 anos, empregada doméstica, salário Cr\$ 1000,00, mora com a família que a trouxe de Sergipe, em 74. Com um ano de serviço, foi expulsa da casa dos patrões e mandada de volta, pois estava grávida. Passados dois anos, voltou para a mesma família, deixando o filho sob os cuidados de sua mãe.

Conheceu Geraldo, guarda de segurança do Metrô, com quem namora e faz planos para um futuro casamento. Pouco tempo depois, Carminha constata que está doente e aí começa o seu drama: pegou gonorréia no ânus.

Depois de quanto tempo de relações sexuais você começou a sentir dores?

— Uns oito dias.

Eram fortes as dores?

— Era. Tinha hora que eu num agüentava mais. No buraco, saía sangue junto com cocô.

Você demorou a ir ao médico?

— Quinze dias.

Qual foi a primeira pessoa a saber da sua doença?

— Minha patroa.

Qual foi a reação dela?

— Fez o maior escândalo. Gritou tão alto o nome da



Carminha

minha doença, que eu acho que o prédio todo ouviu.

Como ela passou a agir com você, depois que soube?

— Quis me mandar embora, mas aí, o patrão falou: "que nada, mulher, como é que você vai se ver sem empregada? Ela tá tomando os remédios e vai ficar boa."

Quem mais morava na casa, além dos seus patrões?

— Quatro filhos deles. Uma moça e três rapazes.

Na sala de espera do consultório do dr. Alcyone Rongel, no Centro do Rio de Janeiro, um senhor de cabelos grisalhos esperava sua vez. Ao ser perguntado se estava com doença venérea, riu, mostrou os cabelos grisalhos e explicou que estava com problema de retenção de urina. Chama-se Pasquale, tem 68 anos, é aposentado como alfaiate. Casado há 44 anos.

— O dr. Rongel acha que isso tem a ver com perda de potência, mas eu não acredito nisso. Ele dá injeções e diz pra gente procurar mocinhas. Eu não acredito muito nessas injeções. A retenção da urina tá melhorando, mas a potência caiu, caiu...

O senhor já teve doença venérea?

— Felizmente nunca tive. Sempre tive um medo danado. Fora de casa só usava camisinha, sempre. Por isso nunca peguei. Nem eu, nem minha mulher.



Dr. Galvanese: gonorréia aumenta porque a mulher quer ser igual ao homem

Igualdade de sexos é a causa da proliferação

Dante Galvanese, médico sanitaria da prefeitura de São Paulo, acredita que uma das causas da proliferação na gonorréia no Brasil é a igualdade de sexos.

— Os moços da minha geração, os que estão hoje na faixa dos 50 anos, sabiam que o sexo era proibitivo.

De uma maneira geral nossos pais, quando atingiamos 18 anos, davam-nos uma chave de um apartamento e um médico da família para nos orientar para que tivessemos a iniciação sexual. Mas eu me lembro que eles não davam para as nossas irmãs, para conhecer homens. A coisa mudou. Hoje, a mulher quer se igualar aos homens e esta é a réplica da mulher daquela época: "se ele pode eu também posso". Com os homens, era possível controlar o problema das moléstias venéreas. Hoje é mais difícil.

Por que se tornou mais difícil o controle?

— Porque homens com as moléstias venéreas aparecem mais, se identificam. Além disso, a blenorragia é mais fácil de ser diagnosticada nos homens. 70% das mulheres portadoras de blenorragia não apresentam sintomas. Existe, ainda, o problema do homossexual e nós notamos que a inversão do sexo vai motivar certas doenças venéreas, não da parte genital e sim em qualquer outro lugar, inclusive na boca. No homossexual passivo é difícil de perceber sintomas de blenorragia anal.

O senhor acha que o poder econômico influi no problema?

— É evidente que as classes menos favorecidas são as mais atingidas pela blenorragia e

outras moléstias venéreas. Os de maior poder econômico podem selecionar. Daí eu achar que nas fábricas deve haver um controle médico gratuito para os operários e meios de tratamento para debelar a gonorréia, pois os operários são presas mais fáceis do contágio.

Quanto custa um tratamento de gonorréia?

— Em média, Cr\$ 1.800,00. Com a penicilina e um tratamento bem dirigido os doentes são completamente curados, sem perigo de sequelas, como o estreitamento da uretra.

Antigamente, se comprovava a cura da gonorréia com o chamado "teste da cerveja". Como se faz atualmente?

— O processo não mudou. É com a ingestão de bebida alcoólica que se constata que o doente está ou não curado.

O que fazer para evitar as doenças?

— Segurança, só com preservativo comum, mas há casos em que num relacionamento sexual isso não dá certo porque é uma atitude unilateral. Só o homem sente prazer. Mas a maneira mais certa é fazer campanhas para esclarecimentos, instalar postos nas fábricas, criar condições para atender um maior número possível de doentes e controlar meretrizes e homossexuais, com exames periódicos. Deve haver ampla divulgação para que o povo, principalmente os pais de família, instruem seus filhos para evitar o contágio. A blenorragia está em recrudescimento por falta de divulgação.

Foto de Grace Romero

Foto de Camila Butcher

Ninguém pega a doença no banheiro

— O melhor preventivo da gonorréia é usar camisinha — aconselha Walter Belda, médico e professor, presidente da União Brasileira Contra as Doenças Venéreas. A camisinha devia ser incentivada. Se for lubrificada, melhor ainda: o líquido lubrificante age contra os gonococos. Esse negócio de que camisinha tira prazer não é verdade. Fora esse, não há nenhum outro preventivo, nenhuma vacina, nenhum remédio. Para a mulher, então, não há preventivos.

Com 54 anos e uma gonorréia, Walter Belda afirma que só há uma maneira de contrair doença venérea: na relação sexual. Mas não quer assustar ninguém:

— Não é pra não trepar porque se não trepar é pior. Mas quanto mais relações com pessoas diferentes, maior possibilidade de pegar doença. A única maneira de pegar é trepando. Esse negócio de pegar em banheiro sujo é mentira só pega doença no banheiro se entrar junto com alguém.

Então, liberdade sexual não é bom?

— Muitos fatores fazem aumentar as doenças venéreas. Um dos mais fortes é o movimento social, uma guerra por exemplo. Depois da 2ª Guerra Mundial deu muita doença venérea. O deslocamento do campo para a cidade também ajuda. A propaganda que usa o sexo. Trepou virou moda. A sociedade é permissiva. Hoje, as moças de 15, 16



Walter Belda: doença venérea só pega trepando

anos têm mais doenças venéreas que as prostitutas. Além da permisividade, há uma série de manobras amorosas com a língua, etc., que levam a doença venérea a outras partes do corpo. Cancro no dedo. Nos lábios.

Os lugares sujos não favorecem a doença?

— Claro, a higiene diminui os riscos. Mas a doença venérea é a doença mais democrática do mundo: dá em todas as classes, idades e regimes políticos. Cuba tem problemas sérios. Estados Unidos também: lá, a doença contagiosa que dá mais, depois do resfriado, é a gonorréia. Aliás, gonorréia é o nome científico da doença, que é a mais comum das doenças venéreas. Um professor francês dava um nome particular às doenças venéreas: os efeitos colaterais do amor. Venérea vem de Vênus, a deusa do amor, a deusa das trepadas. Outra coisa: os

germes da doença venérea só sobrevivem no organismo humano, não são transmitidos aos animais; nem os animais podem transmitir esses germes ao homem. Os casos que a gente sabe de mulheres (e homens também) que se relacionam com cães, por exemplo, e outros bichos, nessas relações não pega.

Por que aumenta o número de gente com gonorréia?

— No Brasil, é um problema sério. Aumenta muito, principalmente entre os jovens. O que se pode fazer é alertá-los dos primeiros sinais porque ele não vai deixar de trepar. A própria sociedade exige isso dele. Se não trepar, é bicha. Enquanto a sociedade tiver essas atitudes, a gonorréia tende a aumentar porque só pega quem trepa. Quanto maior o número de relações com pessoas diferentes, maior a possibilidade de pegar. Há dois anos o professor José

Martins de Barros fez uma pesquisa nas farmácias de São Paulo. Resultado: três casos de gonorréia por dia em cada farmácia. São duas mil farmácias. Então, só em farmácias, são seis mil casos por dia. Hoje, a situação deve estar pior.

Não dá pra acabar com as doenças venéreas?

— É como o resfriado. Por que até hoje o resfriado existe? Porque é impossível curar todos os doentes de resfriado de uma só vez. Se isso fosse possível não haveria mais resfriados. Com as doenças venéreas é a mesma coisa. Passa de um pra outro. Atualmente um grupo que tem muita doença venérea é o dos homossexuais. O que também torna difícil combater a doença é que há mulheres assintomáticas, com doença venérea e sem sintomas. Nem num exame se descobre que está doente. Entre homens há também casos assim, mas menos.

Calcinhas e desodorantes íntimos provocam doença?

— As calcinhas modernas, de fio sintético e apertadas, esquentam muito a região do corpo que se torna propício a proliferação de germes. Não causam doenças venéreas e sim infecções. Com o desodorante íntimo é a mesma coisa: sei de pessoas que já pegaram infecção nos lábios por causa disso. A cueca também favorece infecções e alergias. Pra começar, o saco fica preso que não é o seu normal. Ele precisa de espaço.



Sexo tem que ser desmitificado e ensinado

Embora seja a favor da liberação sexual, "mas sem promiscuidade", o dr. Mário Barreto Correa Lima — professor de doenças infecciosas da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia do RJ — diz que essa liberação contribui muito para a proliferação das doenças porque aumenta a promiscuidade.

— Houve um esquecimento da educação sexual no mundo inteiro. As pessoas, de maneira geral, desconhecem as regras básicas da educação sexual.

Essa é uma área onde o tabu é terrível, podendo levar à frieza e à impotência. É preciso desmitificar o sexo com uma educação sexual adequada. Eu não sou contra as pessoas se liberarem sexualmente, mas não é nem um pouco bom as pessoas transarem ao mesmo tempo com várias pessoas.

Dizem que o coito anal pode ser perigoso, na medida em que se realiza anteriormente ao coito vaginal, ou seja, tira de um lugar e bota no outro.

— Olha, a princípio, os germes da flora intestinal não lesam inicialmente a uretra. Quando acontece, é porque já havia algo antes. Para a mulher, pode ser perigoso porque leva os germes para a vagina, mas normalmente a vagina da mulher ativamente sexual resiste porque tem uma parede espessa. Ela só não é tão espessa quando a mulher ainda é criança ou está na menopausa. Então, embora tenhamos que considerar como possível de acontecer, normalmente não ocorre a vaginite (inflamação da vagina) em virtude do coito anal. Mas isso depende muito da higiene.

1 A primeira coisa que o dr. Carlos Leite, assistente de diretor da Divisão de Dermatologia do Departamento Geral de Saúde Pública do Município do Rio de Janeiro, informa é que sua opinião em relação à proliferação de doenças venéreas é completamente diferente da dos seus colegas, ou seja, para ele o número vem diminuindo.

Na realidade, suas estatísticas mostram isto. Em 1974, a Divisão de Dermatologia registrou 11.206 casos de doenças venéreas. No final de 1978, o número desceu para 4.725. Mas temos que considerar que essa estatística pode ser redondamente falha, considerando a descentralização do atendimento a portadores de doenças venéreas, a falta de informação de estatísticas outras e a procura generalizada das consultas farmacêuticas.

Um exemplo dessa falta total de informação é que, de agosto do ano passado para cá, a Divisão de Dermatologia está articulada com o Inamps, utilizando 70 médicos no trabalho. Só que o sistema de notificações à secretaria municipal de Saúde não funciona como

deveria e isso pode prejudicar as estatísticas.

— De qualquer maneira — diz — a doença venérea conserva sua gravidade, mas, volta a dizer, vem apresentando sinais de diminuição.

— E também é o único que ainda considera que a doença venérea é uma doença das classes menos favorecidas, enquanto a maioria diz que isso foi no passado. Agora, é doença de todas as classes.

Dá alguns conselhos básicos para prevenção e tratamento das doenças.

— É da maior importância a higiene íntima, tanto no homem como na mulher, depois de cada relação sexual. A mulher, principalmente, deve se lavar bem. Fazendo isso, ela praticamente elimina o risco de contrair uma doença. É bom frisar que a doença na mulher é muito mais grave do que no homem, devido à dificuldade de diagnóstico e exigir maior colaboração no tratamento.

E também é um dos que desmitifica a história de que doença venérea pode ser contraída em privadas, mictórios e roupa de cama de hotel.

— Isso não existe, é raríssimo.

2 No PAM daruado Matoso, o serralheiro Germano, morador em Caxias, espera sua vez e desabafa: "pelo tempo que passou já era prater ficado podre".

— Quando vim aqui pela primeira vez, o médico da clínica geral passou meia dúzia de Benzapen e 18 comprimidos de Bactrin, pra gonorréia e corrimento. Se eu não melhorasse, era pra que eu voltasse. Aí eu voltei. Ele me encaminhou pra fazer exame de urina. Fiz, voltei, e a enfermeira passou outro comprimido: Amplium 500. Esse remédio deve ser uma espécie de lavagem. Eu ia muito ao banheiro. Aliviou, mas não melhorou e agora eles me encaminharam pra esse médico. Pelo tempo que eu retornei, se fosse de fato, não tinha mais cura não. Vim no início de dezembro, e fiquei uma semana tomando remédio. Não satisfiz. Tive que aguardar mais uma semana pra esperar o efeito passar, pra fazer novo exame. 18 dias pra sair o resultado. E o tempo passado. Tem um tempão. Fica podre...

Ainda tá pingando?

— Pouco, só na parte da manhã. De manhã tem que friccionar bem pra sair.

Você é casado?

— Sou amigado. Antes de descobrir não contei nada, fiquei preocupado. Mas depois que a doutora disse que não era, eu fiquei despreocupado. Eu disse pra ela que é infecção urinária. Pega mal, né? Ela não aceitava a idéia de não ter relação, né? Mas acontece que dependia mais de mim do que dela. Sabendo que eu tava doente... Ficar sem relação deixou meu estado de nervos muito abalado. Quando eu ia no banheiro urinar e via aquilo assim, me desanimava.

— O doutor falou que a gente pega no vaso porque o cara que tá doente sente e deixa o micróbio ali. A gente vem, encosta o pênis e pega. Mas do jeito que ele disse isso não pode ter acontecido comigo.

Como é a sua higiene nessa situação?

— Eu trocava de cueca todos os dias e mandava ferver a cueca. Fervia a 100 graus, não há micróbio que resista. Eu me lavava duas, três vezes ao dia, além de tomar banho. Agora não tenho feito higiene nenhuma porque já tinha quase parado. Agora só tomo banho de manhã e à tarde porque não escorre mais.

O homem é falso porque esconde que está doente

Dermatologista e psiquiatra, o dr. Luis Lerner não pensa duas vezes ao falar sobre doenças venéreas. "Tenho tudo na ponta da língua", diz, e sai acusando o homem, a sociedade, o Estado.

— Olha, cada sociedade tem a doença venérea que merece, como o governo. A doença venérea representa o comportamento de uma sociedade no que ela tem de insincero e falso. O homem é falso, o Estado é falso, a sociedade é falsa. O homem é falso porque esconde que está doente. A doença venérea nada mais é do que um mentindo para o outro. Sabê, o homem é um filho da puta, não ama ninguém. O Estado é falso porque diz que dá assistência ao homem e não dá. Na medida em que o Estado representar realmente o que o povo quer, a doença venérea tende a diminuir. E o povo tem que cobrar a assistência que o Estado promete dar e não dá.

A liberação sexual...

— O comportamento social do homem moderno é a expressão de uma fantasia, processo fundamental da alienação. A liberação sexual é



Foto de Custódio Coimbra
Luis Lerner

uma das formas de se obter excitação psíquica e embora pareça libertadora a curto prazo, na verdade é desajustadora a longo prazo. Se aumenta ou não a proliferação da doença venérea, isso é outro problema. A princípio, o aumento da doença venérea está correlacionado com o aumento da população e a falta de informação.

O que fazer, então, para evitá-la?

— Educar, no bom sentido, para que desde cedo os homens aprendam a respeitar o próximo e falar as coisas abertamente, sem esconder nada dos outros.

Babá passou gonorréia para criança de um ano

O dr. Jaime Rodrigues Paredes trabalha na Urologia do Posto de Atendimento Médico (Inamps) do Matoso, no Rio de Janeiro, onde atende uma média de 20 pessoas por dia. Destas, umas seis são portadoras de doenças venéreas. Dentre todos os casos que passaram por suas mãos, o mais incrível foi um de uma criança de um ano de idade, com gonorréia.

— Essa criança me foi encaminhada pela pediatria. Tinha uretrite gonocócica, ou seja, gonorréia. A secreção e o cheiro eram característicos. Fiz exame e na mesma hora deu o resultado.

E como a criança pegou a doença?

— Ai é que está o problema. A primeira coisa que eu perguntei era se tinha babá. E a mãe dessa criança tinha uma babá de 15 anos. É a idade que começa a mexer com os garotinhos. O casal não tinha problemas de ordem venérea, então só podia ser a menina. Elas pegam as criancinhas pra se masturbarem porque ainda são virgens. Isso não é raro. Iaro é homossexual procurar médico do Inamps quando



Foto de Chiquito Chaves
Dr. Paredes

pega isso. Teve, também, o caso de um rapaz de 18 anos, com boas condições financeiras, mas que só ia na Zona do Mangue. Ele esteve aqui umas cinco vezes e mesmo doente continuava indo lá. Acredito que era um tarado.

— Quase todas as pessoas que vêm aqui são ignorantes no assunto. Ora, quem procura essas mulheres sabe que vai sair com gonorréia. O pior é que já vem automeDICADO por farmácia ou amigo. Isso prejudica muito. E a maior parte não conta para as suas mulheres. Nossa orientação aqui é para que o homem sempre esclareça o problema para as mulheres.

Tom Maior (não quis se identificar) auxiliar de operações industriais da Petrobrás.

Mora sozinho num apartamento na rua Bento Ribeiro, Centro do Rio. Pegou uma doença no carnaval e já teve que comprar desodorante íntimo pra não feder.

— Peguei isso no carnaval, com uma nicaragüense que se chama Heloneida. No segundo dia, nós fomos para um hotel. Ela tava doidona. Não levou uma semana, apareceram uns carocinhos. Começou a coçar. Depois, vários carocinhos. Depois se juntaram e formaram mais quatro. No final, formaram um buraco. É externo, coça bastante. Lamentavelmente tive que parar de transar. Vai fazer um mês. Não há condição. Não dá pra fazer o vai e vem porque dói. Mas apesar dos pesares eu tô com saudades dela.

Qual foi a primeira providência que você tomou?

— Fui na farmácia, aquela que fica dentro da Central. E ele me encheu de remedinho, comprimido. Eu tô guardando os tickets pra quando ela voltar eu cobrar.

Curou?

— Curou, nada. Purgava sempre. Toda vez que eu ia tomar banho trocava de cueca. Foi o carnaval mais caro, mas foi um dos melhores. O doutor daqui (Posto de Saúde da rua do Resende) passou Eritocina local e falou pra mim aquecer com uma lâmpada. É a primeira vez desse tipo assim. Já tive corrimento uma vez e também não curou nada. Acho que sempre volta. A gente nunca fica curado. Eu já tive até que comprar um desodorante íntimo. Foi a maior gozação na farmácia. O problema agora é que eu estou com uma transação marcada pra sexta-feira. Isso tem que melhorar até manhã. Se não der, vai ficar pra sábado. Eu vou fazer um teste em casa pra ver se tem condição. É saindo na mão mesmo, mas isso aí é só um teste. Acho melhor do que contar. Não sei como ela vai aceitar.



Foto de Américo Vermelho
"Tom Maior"



Foto de Chiquito Chaves
Dr. Rangel: Mulher com corrimento é que nem caminhão vazando óleo: tem que levar para a oficina.

Se não tomar cuidado, um beijo pode ser fatal

O dr. Alcione Rongel se diz um dos três únicos sexólogos do Rio de Janeiro e seu consultório, no Centro da cidade, é freqüentado por pessoas de todas as idades e ambos os sexos, embora ele não atenda homossexuais. Cobra Cr\$ 500 a consulta.

O que é doença venérea?

— É uma doença que se contrai na relação sexual, mas existe a possibilidade de se pegar sem relação sexual. Num beijo, por exemplo, pode-se pegar um cancro sífilítico. É uma ferida que nasce de 10 a 15 dias depois do contágio. As doenças mais conhecidas são a gonorréia e a sífilis. A sífilis é o cancro duro. O cancro mole pega, veja bem, por relação, contágio ou contato; é a uretrite, inflamação da uretra, que é a gonorréia. O camarada sente ardência pra urinar, sai pus. Tem também as pára-venéreas, são parasitas do intestino que passam para a via urinária.

O senhor acha que o coito anal...

— Sabe, de um modo geral os homens adoram o coito anal, por causa da maior pressão do ânus no pênis. Eu conheço várias moças que adoram também, mas umas acham feio e dizem que dói. Mas só dói quando a glândula do pênis força, começa a entrar. Depois não dói e tem a vantagem de não engravidar. E também é mentira que dá diarreia depois.

O coito anal pode provocar doença na mulher ou no homem?

— Só se a mulher estiver com colite, inflamação do intestino, é que pode haver problemas de transmissão de micróbios. Mas tudo depende da higiene da pessoa.

Como se dá a gonorréia na mulher?

— Vem do colo do útero. Às vezes, a mulher está com gonorréia e não sabe. Isso é super-horroroso porque vai passando pra todo mundo. Muitas delas sabem e não cuidam porque não tão sentindo nada. Isso acontece com as meninhas...

Qual sua reação diante de uma pessoa com doença venérea? O que o senhor diz?

— Olha, não cabe ao médico dar uma esculhambação em uma pessoa porque ela tá com doença venérea. Isso é problema de vocês. O meu é tratar de vocês. Mas é importante que haja colaboração do paciente. Tem que ficar 15 dias sem ter relação, não pode ter. Mas o cara chega aqui e diz: "mas doutor, ela é demais, eu não consigo deixar de transar". Ora, não pode é porque não pode. Ai, é problema de vocês. A mulher não pode deixar o homem nem pôr o dedinho lá. Vira e mexe ele pega no dedinho o micróbio. A mulher não pode ter corrimento nenhum. É que nem caminhão vazando óleo: tem que levar pra oficina.

Além de tratar de doenças venéreas, dr. Rangel faz também sexoterapia, "por questão de vocação". E conta um caso que considera interessante.

— Eu tive uma cliente muito complicada. Ela iniciou suas relações sexuais com o irmão, essas confusões. Estudou num colégio interno e aprendeu a se masturbar com um chuveirinho de água quente. Com aquela agulha batendo ali, ela gozava. Conheceu um rapaz e não conseguia gozar com ele. Ai veio aqui. Fiz hipnose e dizia que o membro do homem é que era bom, essas coisas. Na hipnose você não pode dizer as palavras, nunca, não, jamais. Tudo tem que ser muito positivo, calmo. Depois de um certo tempo propus a ela ter relações sexuais debaixo de um chuveiro, ele por trás dela e ela segurando um chuveirinho por cima. Pra ela ver como o bom mesmo era homem. E assim ela conseguiu largar o chuveirinho. Veio aqui, me beijou, felicíssima. Ela agora tem um enorme prazer com o rapaz.

Quantas pessoas o senhor atende por mês?

— Dá uma média de 100 clientes novos, fora os antigos. Só uns 5% avisam ao parceiro que pegou gonorréia, mas a maioria nem sabe com quem pegou. E nem pode saber, ora, cada dia é com uma. Depois do Carnaval, então, é um afluxo de gonorréia que é um problema.

Política venérea fecha hospital especializado

Em 1972, o governador Chagas Freitas fechou o hospital Eduardo Rabelo, o único especializado em doenças venéreas no Rio de Janeiro e considerado o maior centro sobre o assunto na América do Sul.

Segundo seu ex-diretor, dr. Antônio Carlos Pereira — professor titular de dermatologia das faculdades de Medicina de Vassouras e Valença e professor adjunto docente livre da faculdade de Medicina da UFRJ — Chagas fechou o hospital por motivos puramente políticos. Aqui, ele conta a história.

"O Eduardo Rabelo era o maior centro especializado na América do Sul no tratamento de doenças venéreas e tinha uma tradição de 25 anos. Era uma verdadeira escola, mas por motivos políticos foi fechado, numa sexta-feira de Carnaval, pelo atual secretário de Saúde do Estado — Silvio Barbosa da Cruz — e pelo governador. E isso justamente no momento em que ele estava sendo reerguido. Nós estávamos desenvolvendo um trabalho muito bom, tinha uma ótima equipe e todo o pessoal estava realmente motivado em construir um trabalho sério e honesto.

O hospital foi fechado porque quem havia me

indicado pra ser diretor do hospital foi o deputado Edson Khair, que começou a fazer oposição ao governador. Avisado de que o governador estava demitindo todas as pessoas ligadas ao deputado Edson Khair, na época eu consegui uma indicação de um general influente e o governador Chagas Freitas ficou, então, sem saber o que fazer comigo. Não podia me demitir, mas também não estava, de maneira nenhuma, satisfeito com o meu posicionamento independente. Quando houve o Carnaval, o Edson Khair impetrou um mandado de segurança contra o fato do governo cobrar ingresso do povo nas arquibancadas da avenida Presidente Vargas e eu tenho a impressão de que essa dose foi muito forte pro governador. Então, ele fechou o hospital, alegando que seria uma medida administrativa e dizendo que o atendimento em todos os postos do Estado seria melhor que o atendimento centralizado. Evidentemente que esse atendimento deveria ser feito também, mas não exclusivamente porque se perdeu a escola, se perdeu o grande centro, que era localizado perto da praça Mauá e da Central, num ponto espetacular, para onde

o povo já estava acostumado a se dirigir.

Quando o hospital foi fechado, de maneira abrupta e imediata, os postos do Estado não estavam, de maneira nenhuma, preparados e, quero crer, que até hoje não estejam. Por isso, o atendimento é o mais sofrível possível. Eu penso que, com a melhoria dos vencimentos dos médicos, novos profissionais possam se interessar em estudar as doenças venéreas. Mas que houve um abandono muito grande quando o hospital foi fechado, isso houve. Tanto é que todas as sociedades médicas científicas interessadas no problema protestaram. Ninguém entendeu e na época eu não queria dizer. Estou dizendo agora: o Eduardo Rabelo foi fechado para que Chagas pudesse se vingar do Edson Khair.

Isso trouxe um grande prejuízo ao estudo das doenças venéreas. Os estudantes de Medicina e Farmácia iam lá pra treinar, pra aprender, porque aquilo era uma verdadeira escola de venerologia. Tanto que, o primeiro diretor, o fundador do hospital, dr. Luiz Campos Melo, era perito da Organização Mundial de Saúde em doenças venéreas.



Helena e Carlos, esperando no PAM-Bangu

Foto de Chiquito Chaves

Machão esconde tudo, mas a mulher entrega

No banco de espera da Urologia do PAM-Bangu, Helena e Carlos foram interceptados com a pergunta: "Vocês estão aqui pra se tratar de doença venérea?" Ele logo respondeu: "Não, não é isso não. Tô aqui pra outra coisa, não tem nada a ver. Quando o médico lhe chamou, Carlos mandou Helena ficar sentada.

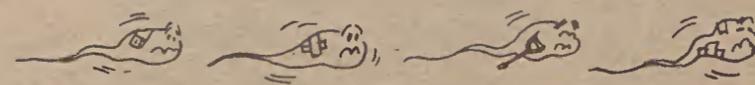
— Chamo você depois — disse. Ele entrou e ela, com raiva, desabafa:

— Ele tá com gonorréia sim, aposto. É que ele não vai falar. E nem vai deixar eu entrar lá dentro. Acho que eu devia saber o que tá acontecendo com ele. Quando ele vai urinar, arde muito. Quando ele... pode falar abertamente?

Claro.

Antes dele gozar — sabe aquele líquido lubrificador? —, não sai aquele líquido, sai um amarelozinho antes. Quando ele tá excitado, vai saindo e quando ele vai gozar sai como água, fede muito e sai muito ralinho. Não é uma legal. E às vezes ele goza rápido demais. Ele não gozava rápido.

Você tá sentindo alguma coisa também?



doença venérea. Eles não recusam atender, mas não é um atendimento com compreensão, com explicação para o indivíduo. Eles recomendam e mandam embora. Antes, estive no PAM de Campo Grande. Lá, quando é mulher, o médico dá bronca na dona, como se ela fosse culpada. Eu pago 8% do meu salário porque assim eles querem. Então, eu quero um atendimento adequado. Se houver discriminação comigo, não vou ficar quieto. Se eles não podem fazer direito, que me digam porque assim vou procurar outro médico.

Há quanto tempo você está com gonorréia?

— Há um ano e meio. Fiquei inibido e comecei a tomar re-

Comecei a sentir uma ardência e quando me limpei saiu sangue. E dói quando nós vamos transar. O médico passou um exame de sífilis, mas ele não quis fazer. Ele transa com qualquer mulher, sabe? Deu confiança, ele sai mesmo. Diz que não vai bancar o viado. Do jeito que o líquido dele está não posso pegar gravidez porque a criança pode nascer defeituosa.

Você já foi ao médico pra se tratar?

— Ah, não fui não, tenho um medo danado. Ele não fala nada e diz que eu não tenho droga nenhuma. Uma vez me deu uma coceira danada lá dentro. Ah, que coceira infeliz... E também tem outra: os remédios que a gente usa dói muito.

Quando Carlos voltou da consulta, Helena reclamou:

— Tu nem me chamou, né?
— O cara disse que você não podia entrar.

— Que ele mandou fazer?
— Exame...
— Exame de quê?

— Ah, não sei... Eu não entendo letra de médico...
E a foi puxando, pra ir embora.

Sífilis é a mais perigosa de todas

Falando sobre sua experiência no tratamento de doenças venéreas, o dr. Antônio Carlos diz que para cada 100 casos de gonorréia, existem 20 de sífilis, uma doença difícil de ser diagnosticada.

— É que o diagnóstico da fase inicial, da fase de cancro, é feito apenas pela pesquisa direta. Os médicos e a maioria dos pacientes pensam que a sorologia já dá positiva nos primeiros dias, quando não dá. Só depois de 15 dias é que a gente, com segurança, tem a sorologia positiva. E, às

vezes, o indivíduo, mesmo depois de curado, apresenta uma sorologia positiva em baixos níveis. Mas a sífilis é plenamente curável. É sempre importante um diagnóstico perfeito porque a sífilis pode imitar todas as doenças. E é a doença mais grave de todas as venéreas porque pode passar para a vida uterina e a criança morrer antes de nascer, a mãe pode abortar, geralmente no 7º mês. Ou então nasce com defeitos irrecuperáveis, que vão desde uma simples mancha até a cegueira ou surdez irrever-

síveis.

— Muita gente tem sífilis sem saber. E é por isso que todo mundo que tem vida sexual pluralista, ativa, deve fazer exame de sangue pelo menos uma vez por ano e todas as empresas devem pedir exame de sangue ao admitir seus funcionários. Pra exemplificar concretamente, numa das faculdades em que sou professor, há alguns anos eu e um colega fizemos a sorologia de 101 alunos e encontramos 27 alunos com sífilis e que não sabiam que tinham a doença.

Carlos não sabia de nada e se deu mal

No Posto de Atendimento Médico de Bangu, o motorista Carlos, 31 anos, espera ser atendido. Há mais de um ano com gonorréia, tem consciência de que só chegou a esse estado devido à falta de informação.

— Tomara que essa entrevista sirva para alguém. Se eu tivesse lido uma entrevista assim, não estaria sentado aqui, agora, com tanto tempo de doença. Por causa de esconder é que eu tô aqui. Os médicos do Inamps têm certa discriminação com pessoal de



Carlos: estou aqui por falta de informação

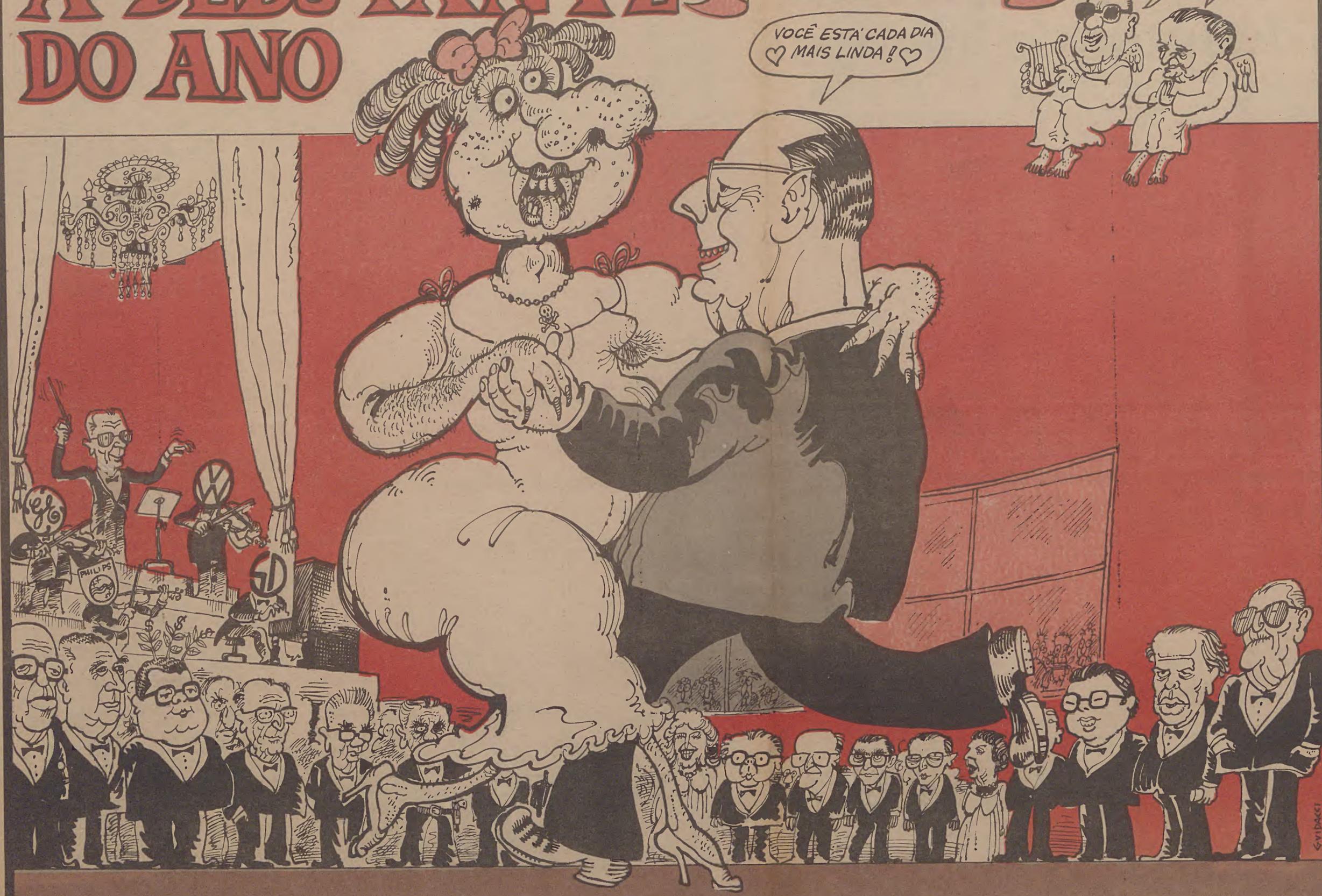
Foto de Chiquito Chaves

A DEBUTANTE DO ANO

DIA 31 DE MARÇO A REVOLUÇÃO COLHEU QUINZE PRIMAVERAS.

♪ TUDO ESTÁÁÁ NO SEU LUGAR,
♪ GRAÇAS A DEUS, ♪
♪ GRAÇAS A DEUS... ♪

VOCÊ ESTÁ CADA DIA
♡ MAIS LINDA! ♡



Comemorou dia 31 próximo passado suas quinze primaveras a interessante menina Maria Revolução de Castello Branco Costa e Silva Garrastazu Médici Geisel e Figueiredo, mais conhecida na alta sociedade do país como Rê. Furtamo-nos a noticiar os inúmeros participantes do baile que comemorou esse magno evento porque são os mesmos que vão a essa festinha há quatorze anos. O que podemos informar com segurança é que, mais uma vez, o povo foi mantido à distância pelo brioso corpo de nossa polícia, garbosa em sua farda de gala e com seus cassetetes do melhor jacarandá das nossas verdes matas.

Não podemos deixar de registrar, contudo, que, para o absoluto sucesso da noite — inexcusável em luxo e simpatia — muito concorreram a generosa champã e o bufê irretocável. Entre os presentes recebidos pela aniversariante, foram muito do seu agrado o vidro de laquê tamanho família dado pela nossa primeira dama, o opúsculo "Diz que é abertura e vai atochando", mimo presenteado pelo próprio autor, (que Rê chama, carinhosamente, de tio Golb) e — ó solidariedade sul-americana! — um alicate especialmente construído para arrancar unhas de comunistas, que Rê tinha visto numa vitrina de joalheria, em Montevideu e sempre quis ter.

Força é dizer que ocorreu, a folhas tantas, um certo mal estar na portaria do Palácio, quando a segurança foi obrigada a barrar um venerando e careca deputado mineiro, que se dizia aparentado com a homenageada "desde o seu nascimento", mas não exibiu o convite de praxe.

As multinacionais foram introduzidas no salão por uma comissão especialmente composta pelos ministros da Fazenda, Agricultura e Interior. E antes de esticarem no Régine, não houve quem não comentasse que a festa foi um su.,

HSE SÓ ATENDE
GENTE MUITO FINA

Hospital público recusa doentes do Inamps



O Dr. Gentile de Melo afirma que o Hospital dos Servidores é ocioso

Fotos: Custódio Coimbra

Embora faça parte da rede do Inamps, o Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro (HSE) não presta atendimento médico aos seus contribuintes como exige a lei. O hospital, que, por estar localizado no centro da cidade, poderia ser uma opção para os trabalhadores que enchem as filas dos postos de atendimento do Inamps na área, burla a orientação governamental de centralizar a assistência médica e só atende funcionários públicos da União, do Distrito Federal e membros do Poder Legislativo. Essa situação especial torna o HSE um hospital ocioso: no primeiro semestre de 78, ele internou somente 6 527 pacientes quando poderia ter atendido cerca de 9 mil.

A ociosidade e a recusa em receber os segurados do INPS foram comprovadas por duas repórteres do REPORTER que, apresentando-se como simples contribuintes, receberam a indicação para procurarem outros hospitais da rede do Inamps: a recepção do HSE informou-lhes que lá só eram atendidos os funcionários da administração do INPS.

O Secretário de Medicina Social do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps), Cláudio Carneiro da Cunha, explicou que foi a própria lei que criou o Inamps que manda os hospitais do antigo Ipase (Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores Estaduais) darem prioridade de atendimento aos funcionários públicos. Prioridade, no entanto, não significa recusar pacientes do INPS até porque, atendendo menos gente, o hospital custa mais caro para os cofres do Estado.

Na diretoria todo o mundo cala o bico

Três tentativas de entrevistar o diretor do Hospital dos Servidores do Estado (HSE), doutor Jorge Dordsworth Martins, mostram que ele não quer dar entrevistas. Na primeira vez em que o repórter foi ao hospital, disseram que ele teria que falar com a secretária do diretor, dona Marília, que ia decidir sobre a entrevista. A repórter esperou duas horas e foi informada de que dona Marília saíra e não voltava aquele dia.

Na segunda tentativa, a secretária estava no hospital, mas demorou duas horas para se dirigir a repórter. Em apenas dez minutos de conversa, ela quis saber o assunto da matéria e ver a credencial do jornal. Depois, mandou a repórter se dirigir ao vice-diretor, doutor Vinícius, que decidiria se o diretor daria ou não a entrevista. Explicou que o doutor Jorge não estava no hospital e que, se o vice concordasse, ela marcaria a entrevista com o diretor. A repórter foi ao gabinete do vice, seu secretário tomou conhecimento dos fatos, sumiu atrás da porta para falar com o doutor Vinícius e voltou dizendo que "o problema da entrevista é só com o diretor". A repórter voltou à ante-sala do diretor e esperou mais duas horas por dona Marília, que havia saído para fazer vistoria no hospital. Depois dessas duas horas informaram que dona Marília tinha ido embora.

Na terceira tentativa, o diretor estava no gabinete, mas dona Marília não tinha chegado. A repórter esperou uma hora e soube, por dona Marília, que a entrevista não podia ser marcada para aquele mesmo dia. Dona Marília pediu para que fosse preenchida uma ficha com o nome da repórter, o do jornal e o assunto da entrevista e sumiu com o papel para o gabinete do diretor. Uma hora depois, voltou: doutor Jorge estava em reunião e ela não tinha conseguido falar com ele. Mas deu um telefone para a repórter ligar, no dia seguinte, e marcar a entrevista. O telefone estava sempre ocupado. Quando atenderam, dona Marília não tinha deixado recado para repórter nenhuma.

Proteção de Golbery garante privilégio

O médico sanitarista Carlos Gentile de Melo, ex-assessor do Ministério da Saúde e ex-membro do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais do Ministério do Planejamento (HSE) diz que o Inamps não pode fazer nada contra isso porque o diretor do hospital, Dr. Jorge Dordsworth Martins, é amigo íntimo do General Golbery do Couto e Silva. Ele chega mesmo a afirmar que "enquanto o general Golbery estiver no Palácio do Planalto, o HSE, bem como os hospitais do ex-Ipase de Brasília (hospital Presidente Médici) e de Campina Grande (Hospital Alcides Carneiro) estará fora de alcance dos presidentes do Inamps. A não ser que o novo Ministro da Previdência, Jair de Oliveira Soares, tente uma solução, o que parece pouco provável para um ministro que tem como sonho dourado ser governador do Rio Grande do Sul".

— O HSE utiliza apenas

17% da capacidade do seu ambulatório que dispõe de 200 consultórios com ar condicionado, escadas rolantes, circuito fechado de televisão, intercomunicação eletrônica e que está pronto para funcionar em três turnos. Enquanto isso, a dois quarteirões, na praça Mauá, há um posto do Inamps num prédio velho, com precária circulação nos seus elevadores, onde existem as tais filas que o Ministro da Previdência interpreta como prova de bom atendimento. No HSE grande número de leitos permanece vazio, assim como mais de 70% da capacidade do serviço de pediatria. Os pacientes permanecem no hospital um período maior do que deveriam, o que é uma forma de ociosidade. A bomba de cobalto, que deveria ser utilizada dia e noite, porque se esvai com o tempo, sendo ou não usada, não é bem aproveitada. Isso sem falar no laboratório de análises

clínicas que tem capacidade para atender a grande parte da população previdenciária, sem que isso resulte em prejuízo para os funcionários públicos.

Essa ociosidade não é onerosa para o Inamps?

— Sabe-se que em um hospital como em qualquer outra empresa, há despesas fixas que independem de uma maior ou menor produção de serviços. Isso quer dizer que um leito hospitalar vazio, sem pacientes internados, custa cerca de 80% do que custaria se estivesse ocupado. Em consequência disso eleva-se extraordinariamente o custo do atendimento por pessoa seja de paciente internado, de ambulatório ou de emergência.

E o Inamps não tem nenhum controle sobre essa ociosidade?

— O Inamps não dispõe de nenhuma informação mais detalhada sobre o funcionamento do HSE pelo simples fato do seu diretor se negar a atender aos pedidos e às ordens nesse sentido. Ninguém tem coragem de insistir porque não é segredo

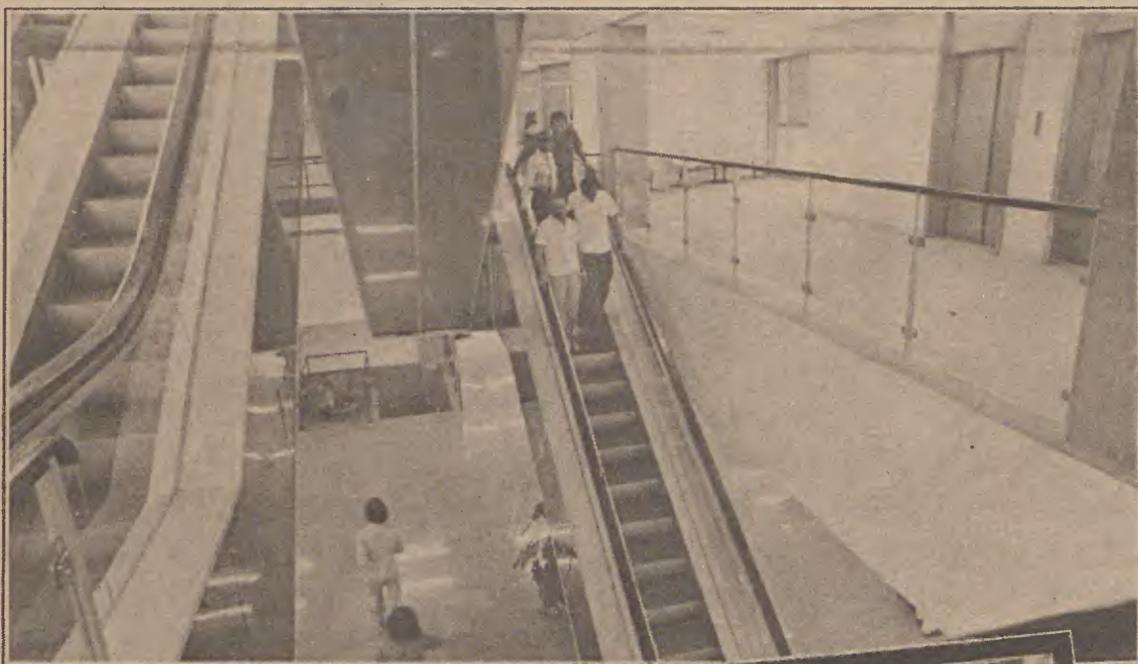
que o diretor é amigo pessoal do General Golbery.

Qual o interesse do diretor do hospital em mantê-lo fechado para os segurados do Inamps?

— Até hoje não se sabe porque o diretor do HSE interferiu junto ao seu amigo Golbery para preservar o seu hospital da "invasão" da horda de previdenciários. Há quem acredite que se trata de uma tentativa de resguardar os padrões técnicos da instituição. Mas a verdade é que o HSE não é mais o centro de estudos e pesquisas que foi anos atrás.

O que causou essa queda na qualidade técnica?

— A mudança do regime administrativo. Enquanto antigamente a prioridade era dada à prestação de serviços de bom padrão, à realização de pesquisas e ao ensino médico, hoje essa prioridade é dada à frequência e pontualidade dos médicos, ao registro de ponto de entrada e saída. Isso cria um clima desfavorável ao trabalho, e resulta numa escassa popularidade do diretor e de seus auxiliares diretos.



Mármore e TV deslumbram os segurados

Parecendo mais um centro-comercial do que um hospital, o ambulatório do Hospital dos Servidores do Estado (HSE) com revestimentos de mármore, espelhos, circuitos internos de TV e escadas rolantes deslumbra qualquer segurado do Inamps que aí vá buscar atendimento. Afinal, quem não está acostumado estranha, e pensa, nem que seja por alguns minutos, que não é preciso enfrentar filas, que a consulta é marcada para o mesmo dia e que se houver espera há até cadeiras para sentar, faz qualquer frequentador de filas se sentir feliz. É verdade que essa felicidade dura pouco, porque, logo que se dirige ao balcão de identificação e registro, para conseguir a ficha de atendimento, o segurado é informado que o HSE não atende a segurados do Inamps.

Passando-se por uma segurada do Inamps nossa repórter dirigiu-se a esse balcão onde foi informada secamente pelo senhor Batista, funcionário da seção, que o hospital dos servidores não atende a contribuintes do



No HSE, luxo, conforto e muito espaço. No posto do Inamps, a 200 metros, uma porta estreita, a longa fila e as dificuldades de sempre.

Inamps. Como o funcionário não lhe deu maiores detalhes, a repórter se dirigiu a um dos guardas de segurança do ambulatório, que lhe explicou:

— Aqui eles só atendem aos funcionários do INPS, segurado não tem direito não. É claro que numa emergência eles atendem, mas, se for caso

de internação eles transferem pra um hospital do Inamps.

Mas esse hospital também não é do Inamps?

— É e não é, eu não entendo muito bem não.

Mas por que não atendem a gente que paga Inps?

— Eles dizem que é pra não virar bagunça.

Inamps só sabe que ordem vem de cima

Na Coordenadoria de Administração Médica do Inamps, o Chefe de equipe, Israel Drach, afirma não poder falar sobre o problema do HSE por ser "um problema interno da instituição" e pelo fato de não ter competência para dar esse tipo de informação. Lamenta muito porque gosta de falar e porque considera o assunto muito interessante para reportagem. Encaminha a repórter ao Secretário Regional de Medicina Social, que por sua vez só pode dar entrevista com a autorização da Coordenação Regional de Comunicação Social do Inamps.

Mediante a autorização, o Secretário de Medicina Social, Dr. Cláudio Carneiro da Cunha, fala sobre o fato do HSE negar atendimento aos segurados do Inamps:

— Em princípio a senhorita não deixa de ter razão. No artigo 8º da lei que criou o Inamps vemos que, nos hospitais do (antigo) IPASE, há uma prioridade de atendimento aos servidores. Essa limitação foi colocada como uma solução intermediária para que haja uma adaptação da antiga estrutura à nova estrutura. Você há de convir que é impossível mudar uma estrutura de um dia para o outro. Mas você pode ver também que os serviços de obstetria, pediatria e cirurgia pediátrica já estão prestando esse atendimento a segurados do Inamps; é que essa adaptação se faz lenta e gradualmente como a distensão do presidente. Mas isso é uma coisa que nos preocupa muito e que queremos resolver.

Mas, pelo que eu sei, prioridade não é negar atendimento.

— Sim, mas dentro daquelas prioridades que eu te falei, até que um dia vai se atender a todos.



Cláudio Carneiro, Secretário Regional de Medicina do Inamps, diz que o caso vai ser resolvido "lenta e gradualmente"

Mas quando isso vai ser feito?

— Isso não se sabe. Acredito que venha ainda nessa administração, o presidente do Inamps tomou posse dia 19, eu estou aqui há dois meses. E você sabe essas coisas vêm de cima pra baixo. Nós aqui somos meros executores.

Há quem diga que nenhuma providência é tomada porque o Inamps não tem acesso a informações do HSE e que por trás disso...

— Dizer, eles dizem muita coisa. Eu posso dizer que você é feia... A secretaria cuida dessa parte dos hospitais, espero que você seja fiel ao que estou dizendo. Acho que já dei todas as informações, o que você precisar é só me procurar, eu estou sempre aqui.

E encerrou a entrevista.

Reportagem de Vera Lúcia Dias

Aluguel de médicos aumenta corrupção

O leasing médico é mais uma distorção do sistema de saúde brasileiro. Trata-se do fornecimento de mão de obra para os hospitais, passando por um intermediário, no caso a firma "Serviços Médicos Hospitalares", que presta serviços para o Hospital dos Servidores do Estado, único da rede do Inamps a contratar médicos através deste sistema.

Anteriormente, outros hospitais do Inamps utili-

zavam a empresa para a contratação de médicos, mas com os problemas que começaram a aparecer e a corrupção que rodeava o sistema, decidiu-se por não se utilizar mais os serviços de leasing. Mas, estranho, o HSE continuou fazendo contratações por este sistema e tirando dinheiro dos cofres públicos para uma empresa privada, enquanto poderia fazer contratações através de concursos.

Na rede privada, essa

firma intermediária de serviços deita e rola, contratando médicos e os entregando as clínicas particulares. Eles, que são brancos, que se entendem, diríamos. Mas não é bem assim, pois sempre que tiver um intermediário na jogada, o trabalhador é quem vai sair perdendo, na medida em que seu salário será diminuído em prol dos lucros da firma de leasing.

No caso do HSE, em julho do ano passado havia 400

médicos trabalhando sob o sistema leasing, sendo responsáveis pelo atendimento de 80% da produção do ambulatório. Isso originou uma formação de sobrecarga e insegurança, pois, além de tudo, como contratados poderiam ser despedidos de uma hora para a outra. E sempre é bom informar que os contratados pelo sistema leasing ganham a metade do que recebem os médicos efetivos.

Outro fator importante é que a locação da mão-de-obra, principalmente da maneira como é feita, dá margem à corrupção, simplesmente porque é dinheiro passando pela mão de mais pessoas, no caso o intermediário. E por que o HSE precisa de um intermediário para contratar médicos, enfermeiros, auxiliares de enfermagem é que até agora ninguém conseguiu explicar direito.

Mãe do morto diz que não foi coração; foi porrada

José Carlos de Freitas, 17 anos, internado no Instituto Psiquiátrico Jung, de Recife, morreu nos primeiros dias deste ano. Conforme o atestado de óbito, a morte foi provocada por "parada cardíaca", mas a mãe de José Carlos, Elzanira Gomes de Oliveira tem suspeitas muito fortes de que seu filho foi assassinado dentro do Instituto Jung, cujo proprietário é o médico Lamartine Holanda Jr. Elzanira fez o seguinte relato ao repórter Marcio Santana, do "Diário da Noite" de Recife:

— Era quarta-feira, 11 da manhã, dia 3 de Janeiro. Eu estava me preparando para visitar meu filho, quando chegou um rapaz e me perguntou: é aqui que mora o Zé Carlos? Eu disse que era e ele então falou que o médico tinha mandado levar os documentos dele para o hospital. Eu disse: mas os documentos dele estão lá. Ele respondeu: é, mas o médico quer falar com a senhora.

— Quando cheguei no hospital, me levaram para um porão. O médico estava lá, sentado. Eu não sei o nome dele todo. Só sei que é Sérgio. Usava barba, mas já raspou. Ele falou: "Dona Elzanira, a senhora se conforme que o Zé Carlos faleceu às 9 horas de ontem."

— Aí o dr. Sérgio me disse que eu não precisava fazer autópsia, que já estava tudo pronto. Então fui com o homem da casa mortuária que estava no hospital, providenciar o enterro do Zé Carlos. Quando cheguei na casa mortuária falei que queria ver meu filho. O cadáver estava todo empacotado, eles abriram o cadáver que estava nu da cintura para cima e todo sujo de sangue.

— Quando foi no enterro, a doutora deu o atestado de óbito errado. Em lugar da assinatura ela escreveu o nome dela à máquina. Aí o enterro ficou para o dia seguinte, o corpo de Zé Carlos estava todo preto, os braços inchados dessa grossura, a barriga que nem de mulher grávida. Aí o coveiro disse: minha senhora, eu tenho

35 anos de coveiro, eu nunca vi um cadáver desse jeito; eu se fosse a senhora ia na polícia dar queixa.

— Aí fui na delegacia e o delegado Anacleto só faltou me prender. Me tratou como se eu fosse a mãe do pior marginal. Ele falou pra mim: minha senhora, que escândalo é esse? A senhora quer que eu faça o quê? A senhora vá embora se não eu prendo a senhora com filho morto e tudo.

Depois de enterrar o filho, Elzanira conseguiu que o processo fosse para a Delegacia de Homicídios. E a Delegacia pediu a exumação do cadáver. O ofício de exumação foi expedido dia 12 de março mas redigido errado porque mandava exumar o cadáver no cemitério de Santo Amaro, quando Zé Carlos estava no cemitério de Casa Amarela. Este foi o primeiro adiamento.

Corrigido, o ofício foi expedido dia 17, marcando a exumação para o dia 19. Nesse dia choveu. Os legistas adiaram para o dia seguinte. No dia 20, o funcionário do cemitério notou que faltava no ofício a assinatura do secretário da Saúde. Dia 23, finalmente, a exumação foi feita longe da imprensa de Recife que até então sempre estivera presente acompanhando todo o caso.

O Instituto Médico Legal (IML) prometeu o resultado da autópsia para 2 de abril. Um funcionário do IML comentou, sem se identificar, que foram encontrados vestígios de intoxicação no material analisado. Esse comentário bate com a denúncia de Luzia da Silva, mãe de uma auxiliar de enfermagem do Instituto Jung. Ela disse, diante de testemunhas: "Zé Carlos morreu com uma dose dupla de Anatesol e violências por parte do doutor Sérgio, do servente João Bosco e do atendente Frederico Ciríaco". O inquérito policial, sob a responsabilidade do delegado Geraldo de Carvalho ainda está incompleto: não foi interrogado o dono do Instituto, Lamartine Holanda Jr., nem o doutor Sérgio, nem o servente João Bosco.



Dona Elzanira, que descobriu o crime

Dono da clínica usava hipnose para torturar

O doutor Lamartine Holanda Jr. é figura muito conhecida no Recife. Não tanto por suas qualidades de psiquiatra, mas pelo emprego da hipnose nos pacientes do Instituto Yung, de sua propriedade, e em presos políticos que, depois de 1964, começaram a aparecer nos quartéis do IV Exército.

Hugo Martins, deputado estadual pelo MDB, conta um episódio da carreira do Dr. Lamartine:

— Em 1968, antes do AI-5, é claro, o então deputado Marcio Moreira Alves autor do livro "Torturas e Torturadores" veio fazer uma conferência na Universidade Católica, aqui no Recife. A palestra transcorreu normalmente e, na hora dos debates, levanta-se um homem (Lamartine) e diz alto e bom som: "O seu livro é falso; nele o senhor acusa o major Hélio Ibiapina de ser um torturador e o major é meu amigo e eu sei que ele não tortura, isso é falso". Foi aquele mal-estar no salão, Aí começou a me dar uma raiva porque do meu lado estava sentada uma moça cujo irmão havia sido barbaramente torturado pelo Ibiapina, que também ameaçara ela própria de estupro. Eu sei que eu levantei e gritei pro Lamartine, em meio ao maior silêncio: "o senhor não vai sair daqui com carteira de bom moço, não". E contei o episódio da minha acompanhante. O auditorio, ouvindo aquilo, começou a me apoiar, o que me encheu de coragem. Aí parti pra cima do próprio Lamartine: "E o senhor traiu o seu juramento de médico, porque quando

foi chamado por um oficial do Exército para atender um preso político — um funcionário do IAPI chamado Guedes — que estava às portas da loucura, o senhor aplicou-lhe o seguinte tratamento: "Seu comunista filho da puta, se isso aqui fosse a Hungria vocês já tinham me fuzilado". E foi embora dizendo que o homem estava era fazendo manha. Rapaz, quando eu acabei foi o maior tumulto, era gente gritando, vaiando, e o Lamartine acabou se retirando, junto com quatro acompanhantes".

Hugo Martins é uma das pessoas que acusam o dr. Lamartine de usar a hipnose para arrancar informações de presos políticos: "sempre que a repressão tinha dificuldade no interrogatório de algum preso e julgava que ele teria coisas a dizer, convocava o Lamartine".

A acusação é confirmada por outras pessoas que estiveram presas nos quartéis de Recife, entre as quais, Apolon Franzeres. Franzeres, técnico em eletrônica que trabalhou com o governador de Pernambuco Miguel Arraes, foi preso em 1964, em Recife, na Companhia de Guardas, IV Exército. Ele contou a seus companheiros de cela — entre eles Francisco Julião, Davi Capistrano e Gregório Bezerra — que durante um de seus interrogatórios apareceu um médico para hipnotizá-lo, chamado Lamartine Holanda Jr. Apolon contou também que o médico não sabia muita coisa de hipnotismo:

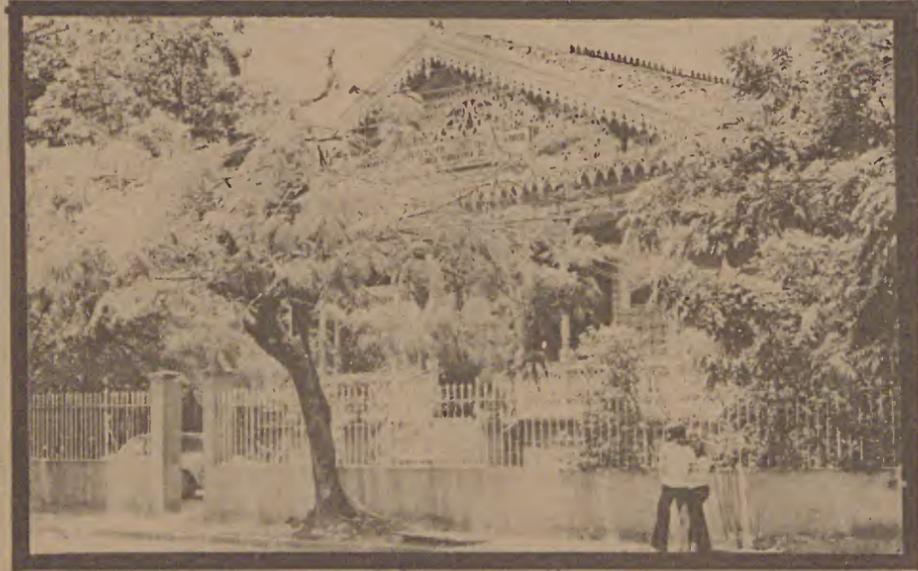
— O senhor sabe o que é o hipnótico? — perguntou Apolon. (hipnótico é um aparelho que ajuda a hipnotizar mais depressa.)

Lamartine disse que não.

— Sabe quem inventou o hipnótico? — continuou Apolon —. Eu mesmo. Estou vendo que o senhor não é um hipnotizador. Sua hipnose comigo não vai dar certo.

Apolon contou que depois desse diálogo, Lamartine nem tentou hipnotizá-lo. Foi embora.

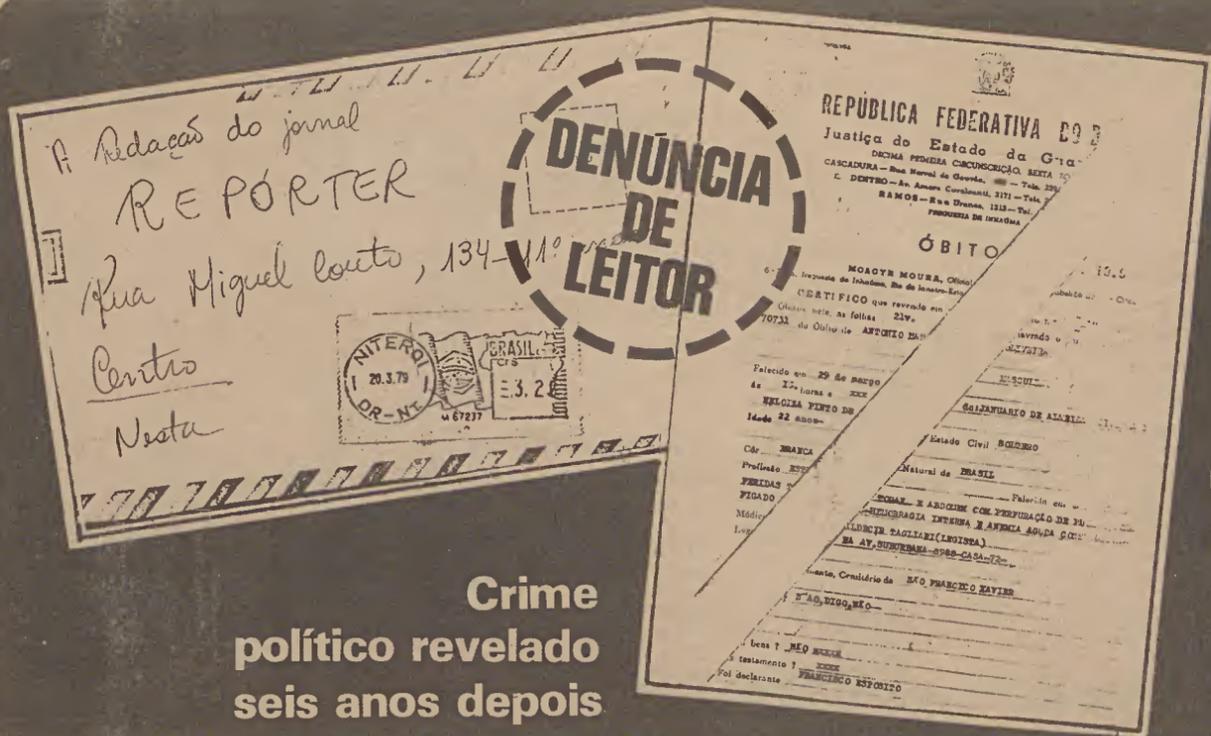
Reportagem de Márcio Santana



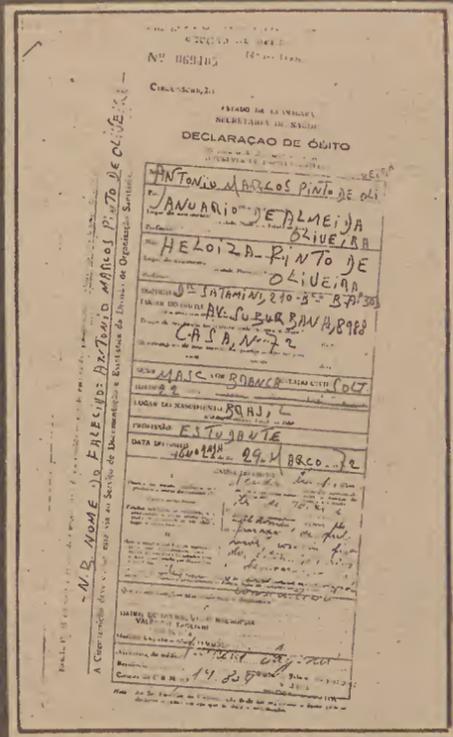
Instituto Jung, a casa bonita, num bairro chique, encobre a violência



Dr. Lamartine, o médico-torturador



Crime político revelado seis anos depois



A declaração número 069405 e atestado de óbito número 1319, em que é declarado Francisco Espósito, comprovam a morte de Antonio Marcos. São assinados pelo legista Waldecir Tagliari e não fazem referências às armas de fogo que produziram os ferimentos e a morte do estudante.

Mais um assassinado pelo DOI/CODI

Fátima e Januário de Oliveira escreveram uma carta para o REPORTER, denunciando o assassinato de seu irmão, Antonio Marcos, em 29 de março de 1972, por elementos do comando da polícia política, o Departamento de Ordem Interna/Comando de Operações de Defesa Interna — DOI/CODI — com sede na Polícia do Exército. Antonio Marcos morreu na avenida Suburbana, no Rio de Janeiro, e o atestado de óbito fala de feridas transfixantes no tórax e abdomen, perfurações nos pulmões, coração, fígado, estômago e rins e hemorragia interna e anemia aguda consecutivas. Junto, veio um poema sobre Antonio Marcos, escrito por um companheiro seu, Luís Raimundo de Carvalho, também morto. Antonio Marcos tinha 22 anos.

“ Há 7 anos atrás, precisamente em 29 de março de 1972, Antonio Marcos Pinto de Oliveira foi assassinado aos 22 anos de idade, por agentes de segurança do DOI/CODI, Polícia do Exército, no Rio de Janeiro.

Desde sua adolescência, ele sempre se sensibilizou diante da opressão vivida pelo povo brasileiro desde 1964, e inconformado, se engajou em vários movimentos de oposição ao regime.

Como secundarista, Antonio Marcos atuou no Movimento Estudantil de 1967/1968, no Grêmio de sua escola João Alfredo, na Juventude Estudantil Católica (JEC), sempre se empenhando na luta maior de todo o povo — pela derrubada da ditadura militar.

Prosseguindo nessa linha de conduta, assumiu um trabalho junto a setores populares de Osvaldo Cruz (bairro do subúrbio carioca), visando o cumprimento das reivindicações, desde as mais particulares (educação, saúde, recreação, cultura, etc.) às mais gerais. Esse trabalho era desenvolvido pelo GRUJOC (Grupo de Jovens de Osvaldo Cruz), cuja sede funcionava na Igreja N.S. Medianeira.

Durante todo o ano de 1971, acompanhou e viveu a realidade local, com todos os seus problemas do dia-a-dia, hoje ainda presentes em todo o

subúrbio: desemprego, falta de saneamento, problemas de alimentação, habitação, etc.

Naquele ano, a polícia prendeu grande parte dos elementos do grupo — inclusive o pároco da igreja (Pe. Daniel de Castro) tradicionalmente querido e respeitado pelos moradores —, prendendo também elementos da população.

Desta forma, Antonio Marcos viu-se forçado a entrar para a clandestinidade.

Em 29 de março de 1972, por ocasião de prisões e assassinatos em massa de elementos ligados à VAR-Palmares, assim como outras organizações revolucionárias, Antonio Marcos foi surpreendido por agentes do DOI/CODI — R.J., na Av. Suburbana, 8988 — casa 72 — Quintino — Rio, residência de um companheiro, sendo lá assassinado juntamente com Maria Regina Leite Lobo Figueiredo e Lígia Maria Salgado Nóbrega (então grávida). Para prender um rapaz e duas moças, os agentes fizeram da rua e periferia uma verdadeira praça de guerra, lançando granadas, metralhando a casa, ameaçando e aterrorizando os vizinhos, utilizando-se do mais requintado sadismo na maneira de assassinar os 3 jovens. — (vide atestado e declaração de óbitos anexos) —

Nossa família foi atingida

diretamente, sendo envolvida nesse clima de violência e terror, através de ameaças e coações.

Nós, autores desta carta, fomos também atingidos (e como!) por sermos irmãos de Antonio Marcos e estarmos engajados na mesma luta, fomos presos, levados encapuzados para a P.E. (DOI/CODI), torturados e forçados a ouvir dos algozes a maneira covarde utilizada no assassinato de nosso irmão.

As torturas foram de todas as espécies: físicas e psicológicas. Maria de Fátima esteve internada 1 mês depois da morte de Marcos em estado de semicoma no Hospital Central do Exército (HCE), e Januário permaneceu 1 mês altamente debilitado e continuamente torturado também no DOI/CODI.

Quanto às torturas psicológicas, nem se fala — (constantes ameaças de torturar nossos familiares e até de matá-los em nossa frente).

Este é mais um dos depoimentos que, temos certeza, ficarão na nossa história, testemunhando o governo Médici, com seu “milagre econômico” e sua máquina de propaganda que anunciava, dentre outros chavões:.... “Ninguém segura a juventude do país”

Fátima e Januário
PELA ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA!

PEQUENA BIOGRAFIA DE UM FINAL DE VIDA

Observando a contradição nas coisas, igual à contradição nas pessoas, fez poesias.

Para um crítico literário, poderiam não ser poesias: eram palavras coisas da vida de cada um para quem as dirigia.

Depois conversou as conversas dos colegas, logo amigos dele, amigos do que ele vivia e pensava.

Conversavam sobre a vida de cada um juntos, pouco a pouco, iam vendo que não há mistérios na impossibilidade de falar não há segredos que expliquem as razões da Grande Noite: Ainda não há soluções,

E se as houver, que fazer? Com os amigos criou o Grêmio da escola com nome de poetisa: o encontro dos romancieiros romancieiros inconfidentes...

Fez Poesias. Eram palavras, coisas da vida. Não foram publicadas no jornalzinho do Grêmio — pois o Grêmio foi fechado —.

As conversas sobre a vida, que deve ser vista de frente, não podem ser conversadas por todos...

Finalmente um dia mudou. Resolveu lutar por todos.

Não fez mais poesias. Morreu num subúrbio, em março. ASSASSINADO.



"O policial mandou esticar os braços e amarrou meus pulsos com uma cordinha..." diz Laerte, vítima de torturas. A mãe (foto ao lado) ouve aflita seu depoimento.

Acusado de roubos na firma — Comércio de Materiais para Construção Marco, de SP — Laerte foi algemado por Mauricio, agente do Dops e filho da diretora da firma, Ana Maria Cunha Bueno Lemos. O policial ainda invadiu a casa do rapaz e o levou à delegacia, onde foi torturado. "A firma tentou arranjar pretexto para despedi-lo por justa causa: é corriqueiro firmas entregarem empregados à polícia" diz o advogado de Laerte.



Patrão levou empregado à polícia, que fez o "serviço"

EMPRESA MANDA TORTURAR AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

Dia 7 de março, 9 da manhã, Josefa Leal Freitas, 50 anos, foi visitada em sua casa, Osasco, SP, por um rapaz que trabalhava na mesma firma em que seu filho, conhecido por ela como "Pernambuco"

— Ele perguntou se o Laerte estava em casa — diz ela — e eu disse que não, aquela hora ele devia estar trabalhando. Ele disse: não, ele não está trabalhando. Eu perguntei se tinha acontecido alguma coisa e ele disse que não.

Naquela manhã, na firma, um escritório que vende material de construção, a diretora, Ana Maria Cunha Bueno Lemos, 40 e poucos anos, reclamou da falta de um velho quadro de avisos, de vidro. Falou bem alto que queria o quadro de volta até o meio-dia.

— Era um quadro que tava jogado lá — conta Laerte Rodrigues de Freitas, 21 anos — e que eu levei pra casa. Até levei pra casa com autorização de um funcionário da firma, Romeu Nunes. Quando eu vi que a dona Ana Maria tava naquele berreiro, corri pra casa pra apanhar o quadro.

Antes de Laerte chegar em casa, sua mãe teve que aturar os abusos de "Pernambuco":

— Ele começou a abrir gavetas, revirou tudo — conta ela — dizendo que tava procurando umas coisas que o Laerte roubou. Eu sabia que Laerte não seria capaz de roubar nada. Então ele disse que tinha roubado, sim. E achou que meu filho estava escondido em casa ou na casa de alguém. Pediu endereços de amigos de Laerte. "Pernambuco" ainda deu uma volta no quarteirão à procura de meu filho.

O pai de Laerte, José de Freitas, 49 anos, trabalhava na mesma firma, no setor de expedição — o filho, no escritório, como auxiliar. Naquela manhã, ele telefonou para o escritório, como fazia toda manhã. A diretora, Ana Maria Cunha Bueno Lemos, lhe disse:

— Tenho uma notícia muito desagradável para o senhor e para mim. Por favor, venha até aqui.

Ainda na manhã do dia 7, o comerciante Osmar Cariati, 35 anos, foi surpreendido por uma visita em sua loja: um jovem de uns 25 anos se apresentou como Mauricio, agente do "Dops", mostrou o braço da República como identificação, e perguntou se Osmar sabia onde morava Laerte.

Osmar quis saber o motivo da informação.

— Não é nada, ele me disse — conta Osmar — é que eu preciso fazer uma apreensão de mercadorias roubadas na casa dele.

Mauricio ainda tentou convencer o gerente da firma — que não se identifica por não querer se envolver nisso — a acompanhá-lo à casa de Laerte para testemunhar a ação. O gerente não quis. Os dois começaram a discutir. Mauricio ameaçou prendê-lo. Por fim, outro funcionário, Badarô, se ofereceu para acompanhar o policial à casa de Laerte.

Foi o segundo choque para dona Josefa naquela manhã:

— Mauricio invadiu a casa como um carrasco. Fez todo o inferno. Foi mexendo em tudo. Apanhou umas camisetas velhas e disse que Laerte tinha roubado. Mas essas

camisetas foi o pai de dona Ana Maria quem deu.

José de Freitas, pai de Laerte, viu quando o agente do Dops — Mauricio, filho de dona Ana Maria — algemou seu filho, ainda na firma. Não se preocupou porque tinha recebido uma garantia de dona Ana Maria e de seu irmão Joaquim Lemos, dono da firma.

— Me prometeram — conta José — que nada ia acontecer a meu filho. Só ia pra uma delegacia receber uma advertência.

Em seguida, José, Laerte, "Pernambuco" e Mauricio foram, no carro do policial — Opala azul metálico chapa CL 8018 — até a casa da família de Laerte. Apanharam os objetos que Laerte teria roubado: camisetas, dois castiçais, um velho ventilador. A mãe de Laerte também embarcou no carro que seguiu até a rua Pedroso, bairro da Liberdade, onde os pais de Laerte foram convidados por Mauricio a descerem. Mais uma vez, Josefa e José ouviram a promessa de que nada ia acontecer a seu filho.

— Primeiro me levaram ao Degran, no Parque Dom Pedro II — conta Laerte — o Mauricio e o "Pernambuco" (Otavio Leonardo da Silva). Um policial falou pra mim: há duas maneiras de resolver o seu caso: a primeira é numa boa; a segunda é levando pau; pra mim tanto faz; pode começar a contar. Mas eu não tenho nada pra contar, falei.

À noite Laerte ainda não tinha voltado pra casa. A mãe ficou preocupada. Correu até a firma — que fica dentro da casa de dona Ana Maria. Foi atendida por "Pernambuco":

— Ele disse — conta Josefa, mãe de Laerte — que está como preso lá dentro, por ordem de dona Ana Maria. E que o Laerte estava na polícia. Com ele também já tinha acontecido isso: foi acusado de roubo pela firma — essa mesma onde ainda trabalha — e passou 19 dias preso no Deic.

Na manhã seguinte, dona Josefa voltou à firma, acompanhada da filha.

— Dona Ana Maria não quis receber a gente — diz dona Josefa —. Conversamos com a secretária. Ela disse que Laerte tinha jantado e estava bem. E que estava preso no 1º Distrito. E que não era pra gente procurar advogado porque seria pior.

A essa hora Laerte estava numa cela do 5º Distrito Policial, no bairro da Aclimação, onde tinha sido levado por Mauricio e "Pernambuco" após os poucos minutos que passaram no Degran. No Degran Laerte foi ameaçado mas nada sofreu; no 5º Distrito foi diferente.

— Um investigador grandalhão, cabelos grisalhos, de idade, chamado Sergio — diz Laerte — foi logo dizendo: comigo não tem brincadeira. Com ele estava um outro policial, jovem, baixinho, troncudinho, chamado Jonas. Me levaram para uma saleta no fundo da sala de chefia dos delegados. Jonas me deu um lápis e um papel e mandou escrever o que eu tinha roubado. Assustado, fui escrevendo aquelas coisas que o Mauricio pegou na minha casa: camisetas, castiçais, ventiladorzinho. Sergio voltou, olhou o que eu tinha escrito e falou: tem uma lista assim pra

você confessar. E queria que eu confessasse um roubo de jóias que teve na casa de dona Ana Maria em 1977. Queria também que eu confessasse roubo de vestidos, sapatos de mulher. Eu disse que não sabia de nada disso. Então ele apanhou uma espécie de colher de pau, só que reta, e bateu nas minhas mãos, duas vezes em cada. E falou: isso é um chá; se você não escrever, vai ver o que é bom.

Até ser localizado pelo advogado Kleber Amancio Costa no 5º Distrito, Laerte passou 24 horas de terror.

— É muito pior do que eu imaginava — diz ele —. Coitado do inocente que passa por lá.

Ele conheceu o pau-de-arara, o choque elétrico, recebeu socos no peito e tapas na orelha, dormiu no chão, para sair livre no dia seguinte.

Ameaçaram dar choques no pênis à noite

"O investigador Sergio mandou tirar a roupa. Fiquei como vim ao mundo. Depois mandou sentar. Ele estava com uma maquininha azul, de uns 25 cm de comprimento, com uma manivela e dois fios. Deu os fios para eu segurar e deu uns quatro choques. O outro policial, Jonas, ficava assistindo. Me deu uns choques também, mas leves. Os choques do Sergio, Deus

me Livre! Teve até uma hora — quando Sergio não tava na sala — que o Jonas me falou que não gostava de bater em preso e pensava sair da polícia porque não concordava em bater.

“Sergio voltou com um saco. Tinha dentro umas tiras de cobertor. Mandou eu levantar e esticar os braços. E cobriu meus braços com as tiras de cobertor. Depois amarrou meus pulsos com uma cordinha, dando uma folga como se fosse algema. Mandou sentar no chão e colocar as mãos entre os joelhos. Pegou uma barra de ferro, dessas de halteres e enfiou em baixo dos joelhos. Ele e Jonas me levantaram e colocaram as pontas do ferro em duas mesas, uma mais baixa que a outra, calçaram com um caixote. Fiquei pendurado de cabeça pra baixo, a uns 20cm do chão.

“Sergio falou: e então vai contar o roubo das jóias? Eu disse: se eu tivesse roubado mesmo eu diria. Ele falou: só abre a boca pra confessar. Amarrou um fio nos dedos da minha mão esquerda e nos dedos do pé direito. E começou a rodar a manivelinha. O choque não dá pra descrever, você parece que some. Pensei que ia morrer ali. Depois de um tempo eu já tava cansado respirando mal e Sergio falou: você não está cansado como parece. E me pôs no chão.

“Eu não conseguia ficar em pé. As mãos estavam inchadas e roxas. Não conseguia mexer os dedos. De repente, entraram dois outros policiais na sala que eu não vi direito. Um me deu um soco no peito tão forte que depois na cela eu cuspi sangue e outro me deu com a lista teletônica no ombro. Depois me levaram para a cela. Antes passaram pelo delegado e Sergio disse, falando de mim: estamos tratando desse caso, mas não é cana nossa.

“Na cela, não ganhei jantar. Fiquei junto com outro cara que também tinha sido pendurado. Não tinha nem colchão pra dormir, é no chão frio mesmo. No dia seguinte teve almoço que é uma comida horrível. Rato lá também tem demais.

“Mais ou menos duas da tarde fui de novo pra saleta. Sergio pegou o endereço da minha noiva e disse que se minha mãe aparecesse ali me procurando ia pendurar ela também; e que se procurasse advogado, eles iam sumir com ele. De novo ele falou pra eu confessar o roubo das jóias e me deu dois tapas nas orelhas e comentou com Jonas que tinha estourado a mão. Me mandou de novo pra cela e falou que se eu não confessasse até de noite iam dar choques aqui (aponta o pênis).

REPORTER encaminhou vítima à Justiça

Mais de 500 policiais foram acusados de tortura, nas delegacias de São Paulo, nos três últimos anos. Seus nomes e fotografias, sinal de que se abriu processo contra eles, estão nas pastas da Polícia Judiciária. A maioria dos processados pertence ao Deic — Departamento Estadual de Investigações Criminais — chefiado hoje por Sergio Fleury: 179. Nas delegacias de polícia da capital houve 204 processos. Na Polícia Militar, 102. Vinte e três torturadores pertenciam ao Dops, Detran, Ciop, Derin, Rede Ferroviária Federal ou Divisão de Diversões Públicas. Vinte e seis guardas de presídio também foram processados. O juiz-corregedor Renato Laércio Talli informou que só no ano passado 38 policiais foram demitidos porque torturaram.

Os investigadores apontados por Laerte — Sérgio e Jonas — não estão ainda nos arquivos da Corregedoria. Mas o distrito policial a que pertencem, o 5.º, é bastante conhecido nos corredores do 3º andar do Palácio da Justiça. Comentase entre os funcionários que já houve muitas queixas a respeito do 5.º. O outro policial acusado por Laerte, Mauricio José Lemos Freire, também não tem antecedentes nos arquivos da polícia.

Agora que foram denunciados, em depoimento feito por Laerte dia 23 de março ao juiz Talli e ao promotor Nilton Dias Froes, os três policiais serão intimados a explicar seus atos. Disse o promotor que o dia dos interrogatórios não demora a ser marcado.

O depoimento de Laerte começou uma e meia da tarde e não durou mais de uma hora. Ele fez uma descrição muito detalhada de tudo o que lhe aconteceu na polícia e o promotor — que fazia as perguntas — mandava transcrever todos os detalhes. Quando o promotor perguntou se Laerte tinha algo mais a dizer, Laerte disse: bom, na cela não tinha colchão, fiquei sem jantar, tinha ratos... será que é importante isso? Bom — sorriu o promotor — diante do que você sofreu, isso não é nada...

Não foram permitidas fotos. No fim, o juiz Talli agradeceu ao jornal REPORTER por ter trazido uma vítima de torturas à Corregedoria. Acrescentou, porém, que vem diminuindo o número de acusações a policiais-torturadores:

— O jornal de vocês está

prestando um grande serviço à Justiça — disse o juiz —. Quando a polícia sabe que está sendo fiscalizada pensa duas vezes antes de cometer delitos.

O otimismo do juiz Talli não é compartilhado por outros funcionários da Corregedoria. Estes têm consciência de que em muitos poucos casos o policial chega a ser condenado (e, mesmo condenado, não cumpre pena como aconteceu recentemente com Oscar Matsuo):

— Eles chegam aqui e dizem que não fizeram nada. Nem sabem o que é pau-de-arara: dizem que o único pau-de-arara que conhecem é o caminhão que traz gente do norte. Dizem que já ouviram falar que a polícia torturava mas nunca viram nada.

Até em casos de violência evidente — o fotógrafo Milton Soares, espancado na delegacia de Guarulhos, SP — os policiais perdem muito pouco. Esses que agrediram Milton Soares foram apenas transferidos de delegacia.

Firma dava medo até na mãe do empregado



Pai de Laerte pediu demissão

Laerte trabalhava há um ano e oito meses na Marco, Comércio de Materiais para Construção. Começou como cobrador e tinha chegado a auxiliar de escritório. Ganhava Cr\$6 mil por mês, mas na sua carteira de trabalho constava só Cr\$1.500. Seu pai tinha entrado na mesma firma quatro meses antes; ganhava Cr\$6.500 e Cr\$2 mil na carteira. Entravam sete e meia da manhã e não tinham hora para sair.

— Quando fui ver o emprego — conta Laerte — já foram logo dizendo que ia ter hora pra entrar mas não pra sair. Me disseram também que era um cargo de muita responsabilidade de cobrador e pra eu tomar cuidado porque todos cobradores que trabalharam lá sempre rou-

baram. Eu devia ter ouvido meu pai; depois de alguns meses falou pra gente sair da firma mas eu não quis.

Por que, tinha acontecido alguma coisa com ele?

— Não; mas ele ouvia falar histórias de funcionários que a firma mandava prender...

Com você nunca tinha acontecido nada na firma?

— Não, sempre me trataram bem... eu fazia outros serviços pra eles, porque o escritório era dentro da casa da dona Ana Maria... até feira cheguei a fazer pra ela... lavava o carro do filho dela, o Mauricio...

— Tinham tanta confiança nele — diz a mãe de Laerte — que no Natal passado ele ficou tomando conta da casa deles porque viajaram pro Guarujá...

— A firma não era ruim, sempre dava uns valesinhos... — diz o pai, José.

— Mas eles sempre ameaçavam, — diz a mãe —. Tem que contar porque é verdade. Qualquer coisinha ameaçavam.

Como é que pode, Laerte: você sempre foi bem tratado e de repente preso?

— O filho da dona Ana Maria tinha ciúme do Laerte — diz a mãe —. Porque ela gostava do Laerte.

Dona Ana Maria é casada?

— Da vida dela nem é bom falar, — diz a mãe —. Eles têm dinheiro, têm força, e nós tem medo. Ela é parente do deputado Cunha Bueno. Até nessas eleições o Laerte teve que trabalhar na campanha dele, envelopando, depois do serviço.

A firma tem um escritório pequeno — uma secretária e três auxiliares de escritório — e quatro caminhões, com três empregados cada um. Os caminhões encostam na estação do trem, descarregam o material e entregam para o cliente. Essa operação era fiscalizada pelo pai de Laerte que também pagava os empregados. Agora, depois do que aconteceu com o filho, ele pediu demissão.

— Na firma estranharam muito, — diz a mãe — quando souberam que ele não ia mais trabalhar. Aliás, eu soube também que dona Ana Maria chorou quando soube o que a polícia tinha feito com Laerte...

Laerte, você nunca teve nenhum atrito com Mauricio?

— Ele morava lá na casa, eu sempre fazia coisas pra ele... ia na faculdade de Direito de Guarulhos pra ele, ele estuda lá... só sei que trabalhava na segurança do Aeroporto de Congonhas...

— Esse Mauricio é novinho, — diz a mãe — tem tipo de bicho, de carrasco.

— Mauricio é daquele tipo desembaraçado — conta Osmar Cariati, testemunha — imponente, seguro. Quando apareceu na minha loja estava de óculos escuros, Mauser na cinta, parecia o dono do mundo.

Advogado soltou Laerte por telefone



Kleber: acusação foi pretexto

Foi difícil libertar Laerte? O advogado Kleber Amancio Costa diz que não.

— Logo que a mãe de Laerte me procurou — diz ele — por telefone consegui localizar a delegacia onde ele estava preso. E em menos de três horas ele estava livre, tudo por telefone. Nem precisou ir até a delegacia. Era uma prisão ilegal, não havia flagrante.

O senhor adivinha o motivo por que a firma entregou Laerte à polícia?

— Por experiência, posso imaginar que a firma acusou o funcionário de roubo para formalizar justa causa e despedi-lo. A firma, aliás, agia ilegalmente com os empregados: tanto Laerte quanto seu pai ganhavam mais do que constava no registro em carteira. Por essa razão, estamos processando a firma na Justiça do Trabalho.

A responsabilidade pelas torturas em Laerte se estende também à firma?

— A diretora da firma pode ser responsabilizada por co-autoria e os policiais processados por abuso de autoridade.

São comuns casos em que firmas entregam os empregados à polícia?

— Isso é correto. Eu já tive outro caso assim, há dois anos. O cliente, Ari de Matos, era motorista de um frigorífico, Frigoenasa, de Osasco. Ele fazia entregas, vendas e cobranças. Não tinha registro. Também fazia horas extras nos tendais, trabalho pelo qual ganharia Cr\$2 mil por mês que nunca recebeu. Uma ocasião, ele percebeu que tinha sido roubado parte do dinheiro da firma. Mas ficou com medo de contar. Depois de um tempo me procurou e eu telefonei pra firma, contando a história. Meu cliente disse que tinha medo de perseguição policial porque um diretor da firma, Alvaro Barongeno, era cunhado de um delegado de polícia influente.

Reportagem de Alex Solnik
Fotos de Eliana Pastore



PM PRENDE E ARREBENTA

Fotos de Américo Vermelho
Texto de Tim Lopes

A bofetada estalou no rosto de Nilo. Ficou aquele vergão de sangue pisado. Não soltou nenhum ai, agüentou firme, fazendo uma cara de dor. Estava com as mãos atadas às costas e estirado de bruços no asfalto. Completamente imobilizado. O policial, covardemente, continuava a bater, chutar, esbravejando. Estava até exultante. Nilo, 20 anos; Roberto, 21; e Eliane, que disse ter 16, amarrados com cordas, deitados de barriga pra baixo no asfalto da estrada do Pontal, em Jacarepaguá, imploram para não apanhar. Eliane choramingava com o rosto colado no chão. O trânsito naquela estrada, no final da manhã, era quase nenhum e de uma obra próxima os "paraibas" de olhos arregalados, amedrontados, eram testemunhas da violência da polícia.

No dia 27 do mês passado eles roubaram na "mão grande" o relógio de um carteiro no Recreio dos Bandeirantes. Não tinham armas. Foram dominados sem oferecer a mínima resistência, andando

pela estrada, depois que o táxi que usavam, com a placa TM O137 bateu num barranco na Estrada do Pontal. Um dos soldados, o que batia, disse que a barra anda pesada:

— Com esse salário de 3 mil e quebrados tu acha que dá pra caçar bandidos. Tô doído pra sair disso. Pedi baixa em março do ano passado e até hoje tô esperando. São eles ou é a gente.

O cabo do 18º BPM e comandante da patrulhinha 540589 fica de revólver apontado, enquanto o soldado xingando e dando safanões, vai fazendo nó com a corda pelos braços e pernas dos três.

"São uns pobres diabos" diz o cabo, enquanto os três vão tentando se levantar com dificuldade, para entrar na "joaninha". Nilo, aprendiz de jóquei, argumenta, diz que o pai é da Marinha. Inútil. Por isso, o soldado não perdoa: suspende pelos cabelos a cabeça de Nilo, um palmo do asfalto. A mão abrutalhada do policial estala novamente no rosto. Nilo, todo lanhado, desta vez geme, Eliane chora e Roberto, treme.





Severina, na primeira página do Diário de Pernambuco

ESPERTAS

Morte e morte na vida de Severina

Amanheceu o dia 15 de março de 1979. Em Brasília, todos os palácios reluziam para a grande festa da transmissão da presidência da República ao quinto general que a recebe de bandeja, desde 1964. Naquele dia iria se consumir o desperdício de 100 milhões de cruzeiros, esbanjados em mordomias cívicas, como para substituir o voto dos 100 milhões de brasileiros.

Em Recife, porém, Severina Josefa da Conceição, 22 anos, negra e desempregada, acabava de enterrar, em menos de 48 horas, o terceiro dos seus quatro filhos. A única criança que ainda sobrevive, Jucilene, de 4 anos, está doente.

Severina nem mesmo parece estar desesperada. Compreende-se: qualquer família pobre no Brasil está habituada a ver morrer boa parte dos descendentes. O drama dessa Severina é que a morte bateu na sua porta três vezes, em menos de 48 horas. Ai, ela virou notícia, saiu até na primeira página do Diário de Pernambuco. E vale a pena transcrever suas declarações:

— A Rosângela, 3 anos primeira que morreu, comia

muita areia. Ao lado da casa tem uma cachoeira e ela sempre vivia por ali, comendo areia misturada com a sujeira dos animais. Como não tenho condições de morar em outro lugar, o jeito foi agüentar a situação. Um dia, eu levei ela no hospital e o médico deu remédio para vermes. Mas ela continuou comendo terra e aí, no sábado, começou a passar mal, até que no domingo morreu.

O enterro de Rosângela foi às 10,30 de segunda-feira. E por pouco não deu tempo de aproveitar a oportunidade para enterrar Rosemary, a irmã de 2 anos, que morreu às 6 horas da manhã. Também porque comia terra e bebia água suja, quase lama.

O enterro da Rose foi feito e tão logo acabou, José Amaro, de dez meses e único filho homem, começou a arder de febre. Estava com desidratação e, segundo os médicos que ainda o atenderam, "a febre cozinhou todo o intestino dele". Morreu às 13 horas.

Enquanto isso, chegava a Brasília uma criança de cada município brasileiro para aplaudir, dócil, o novo general de plantão.

Eduardo Homem



Maluf-Salomé na noite das mil e uma

O governador de São Paulo é Paulo Salim Maluf. O secretário do Meio-Ambiente é Salim Curiati. O chefe da Casa Civil é Calim Eid.

Maluf é casado com a Lutfala. Seu genro, Marco Antônio Michaluate, foi nomeado secretário particular. Abdo Suleiman é oficial de gabinete. São os "eben Aamm" ou "ében Kal", os primos, em árabe. Calim Eid é cerealista, curso primário, ex-diretor da Ferrovia Paulista S.A. (Fepasa) do secretário Salim Maluf, quando era governador Laudo Natel. A mulher de Maluf é prima da mulher de Stefano, gente milionária. Muitos negócios esquisitos. O secretário da Administração é o adorado corintiano Wady Helou, ex-laudoista. O secretário da Saúde é o cardiologista famoso Adid Domingos Jatene. Além disso, há o doutor Romeu Chap Chap, Mário Germanos e muitos outros menos votados. Quatrocentões e "barões do café" em plena decadência na paulicéia desvairada.

Desvairado é o governador e toda a sua equipe com trens especiais para "interiorizar" a administração com visitas às regiões

paulistas para despachar obras num Estado sem dinheiro.

Falando em árabe, São Paulo é um Estado "iatim" que quer dizer, órfão. E, continuando em árabe, já que os Salins é "axabin" (compadres) são os donos do poder, só nos resta pedir a Alah que mande a São Paulo um "ayatolah" para dar um pouco de pudor aos mandantes.

Nada temos contra os árabes. A grande maioria é de gente muito boa, honesta, que trabalha para engrandecer o Brasil. Mas o azar, como diria o poeta, é a rima rica: Lutfala rima com Abdala e Atala e toda essa gente que vive à custa do poder. Só faltava entrar na lista dos rimados os Hayalas da novela da Globo "O Astro"

E há um perigo: se o governo da República não abrir os olhos, pode aparecer uma Sherezade a contar as "Mil e Uma Noites" de enriquecimento ilícito; isto se não entrar um judeu na história, como a filha de Herodíades, Salomé a "dança dos véus" para pedir a cabeça do João Batista — o Figueiredo.

Ruta Graviolens

Um fato que marcou as últimas eleições no Rio de Janeiro foi a participação mais ativa e consciente dos moradores dos bairros populares no debate eleitoral, estimulando, com isso, uma série de iniciativas comunitárias.

É assim que Luis Antônio Palmeira explica o surgimento do **Boletim dos Bairros**, órgão de divulgação dos problemas de moradores dos bairros de Camboatá, Senador Camará, Vila Kennedy, Vila Aliança, Inhaúma, Realengo, Jardim Bangu, Cardeal Câmara, Guandu do Sena, Catiri, Jacarepaguá e Parque União, todos na Zona Norte do Rio.

Luis Antônio, que participa da comissão de redação do novo jornal, diz que o número zero, feito em caráter experimental sobre problemas de transporte e moradia, já está sendo distribuído:

— O objetivo do **Boletim** é fazer com que os próprios moradores escrevam sobre sua vida e suas dificuldades numa linguagem que possa ser compreendida em qualquer subúrbio. Além disso, queremos também fazer matérias sobre cultura popular, tipo samba, futebol nos bairros, etc.

O **Boletim** quer atrair outras áreas da cidade para se transformar no **Jornal dos Bairros**.

Luiz Alberto Bettencourt

Boletim dos Bairros

APRESENTAÇÃO

Quando do Sena luta por água

Comunidade de Associação de Moradores

Quando do Sena luta por água

Inhaúma reclama do metrô

Quando do Sena luta por água

Mulher quer creche e igualdade

Nos dias 5, 6, 7, e 8 de março o Centro da Mulher Brasileira promoveu o 1º Congresso Nacional da Mulher, na Faculdade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, único território livre e grátis que elas encontraram. "Diferentes, mas não desiguais" era o lema do congresso, que tirou moções e propostas importantíssimas no que diz respeito ao papel social da mulher. As moções tiradas foram de apoio aos vários problemas sociais, desde o índio até os presos políticos.

O Encontro reuniu oito Estados, entre eles três da

região Nordeste — Sergipe, Alagoas e Pernambuco — representados por deputadas e colegiados femininos da região.

No último dia, com poucas mulheres presentes, foram lidas as conclusões do Encontro, resultado das comissões e dos grupos de discussão sobre feminismo. Os pontos fundamentais, as bandeiras comuns de todas as mulheres no país, deverá ser a de lutar pela implantação imediata de creches, equiparação salarial (igualdade de oportunidades e condições de trabalho), contra a alteração da le-

gislação protetora do trabalho da mulher sem consulta prévia ao conjunto das trabalhadoras e contra o programa de alto risco (controle da natalidade, por exemplo).

Na platéia tinha poucos homens e os que queriam falar eram vaiados. Isso foi motivo de brigas entre muitas mulheres.

Um congresso como este deve ter todo apoio, mas teria que contar com a participação de um número bem maior de trabalhadoras.

Clarice Niskier

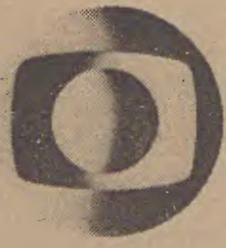
ALAVANCA

Em São Gonçalo, município perto de Niterói, no Estado do Rio, rompendo com os velhos padrões do jornalismo provinciano e rançoso, surge o **Alavanca**. Em seu número zero, o jornal propõe, em linguagem clara:

— **Alavanca** chega até vocês porque tem muito o que fazer em São Gonçalo. Quer ser porta-voz de quem se mata de trabalhar e, quando chega o fim do mês, não consegue sequer dinheiro suficiente para sustentar a família; de quem é prejudicado com o aumento das passagens, o preço dos alugueis, com a falta de hospitais e escolas, com a alta do custo de vida. Não veio para servir aos donos das

fábricas, do comércio, dos supermercados". Coerente com a proposta do jornal, o número zero de **Alavanca** trata, desde as greves dos professores, metalúrgicos e motoristas, até a falta d'água dos moradores dos bairros periféricos, a insegurança nas ruas gonçalenses, os desmandos e torturas policiais, o atendimento médico do Inamps, e vai por aí fora. A tentativa é o estabelecimento de vínculos diretos com a comunidade, através de comissões de bairro e outras associações, ao mesmo tempo em que é proposta a organização independente dos moradores e leitores para luta em torno de seus problemas.

Iara Reis



**Greve
no ABC**

**Plim-Plim.
Corta.**

Durante as assembléias, na greve dos metalúrgicos do ABC, os operários xingavam a TV-Globo por não transmitir nos seus noticiários a verdade sobre a greve. Dia 24 de março, numa reunião no Sindicato dos Jornalistas, os profissionais da Globo distribuíram a seguinte nota:

"Nós, jornalistas da Rede Globo de Televisão em São Paulo, manifestamos nosso inconformismo diante da maneira com que a direção da emissora vem divulgando o movimento grevista do ABC. A orientação mais rígida, mais inflexível do que nos piores tempos da censura, tem sido no sentido de boicotar as informações referentes ao lado dos trabalhadores, ao mesmo tempo em que é mais realista que o rei no que se refere a divulgação dos pontos de vista dos patrões.

Como é da tradição brasileira, a opinião dos donos dos meios de comunicação pode ser expressa por meio de editoriais. Mas, consideramos aética e conflitante com a dignidade profissional o comportamento patronal da Rede Globo. Ao contrário de contribuir para o esclarecimento da opinião pública, nosso exaustivo esforço tem sido sabotado de tal modo que o que vai ao ar nada tem a ver com nosso trabalho, constantemente deturpado, cortado e manipulado pela empresa, que utiliza, apenas e simplesmente, depoimentos de empresários, censurando entrevistas com líderes sindicais, a exemplo do que ocorreu domingo último no programa Fantástico e no Jornal Nacional de 22 de março, quinta-feira.

Esse nosso inconformismo deve chegar ao conhecimento dos companheiros metalúrgicos para que eles não interpretem o noticiário faccioso e patronal da Rede Globo, como fruto do nosso trabalho."



ESPERTAS



Festa na praça para os menos favorecidos

"Festa na Praça" é o nome da campanha que a Associação de Saúde Mental do Rio de Janeiro está promovendo uma vez por mês em vários locais do Estado, como uma alternativa para a campanha oficial "Ano Um da Criança Brasileira. Segundo o psicólogo Jairo Coutinho, coordenador da "Festa", a intenção é levar às classes menos favorecidas as atividades que a classe média tem todo dia nas escolas, como pintura, escultura, desenho em pedra, cinema, teatro, etc.

Para realizar o trabalho, Jairo mantém contatos com associações de moradores e parte do princípio que a responsabilidade da criação não cabe apenas aos pais, mas à coletividade como um todo.

"Festa na Praça" já foi realizada em São João de Meriti, Rio Comprido e na favela do Vidigal. As próximas serão em Petrópolis e em Niterói.

Além disso, está sendo

preparado um ciclo de debates sobre o problema da criança — "Os direitos da criança no Brasil" — que será realizado em junho, na ABI. O ciclo está sendo apoiado por 18 entidades, entre elas o Comitê Brasileiro pela Anistia, Centro da Mulher Brasileira, Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, Instituto dos Advogados do Brasil, Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro, Associação Médica do Rio de Janeiro e várias associações de favelas.

A primeira mesa do ciclo será sobre "Saúde, habitação, alimentação e meio ambiente", que será coordenada pelo psiquiatra Washington Loyello. A segunda será "Educação, lazer e trabalho do menor", sob a coordenação de Oscar Niemeyer. A última falará sobre "Proteção Legal e amparo do Estado" coordenada por Raymundo Faoro.

Chico Júnior

Resistindo ao tempo

133 Dias de Angústia é uma história de jornal que resistiu ao tempo. Trata-se de um livro que passou nove anos proibido e representa a versão mais longa e completa disponível sobre a doença do Costa e Silva e sua sucessão pela Junta Militar e depois pelo general Médici, em 1969. No entanto, nada contribuiu para dar maior notoriedade ao livro de Carlos Chagas e significação histórica a essas reportagens que dois episódios aleatórios:

1. O jornal O Globo (onde Chagas era repórter e publicou originalmente seu trabalho) foi forçado pelas autoridades militares a publicar uma nova versão dos fatos, escritos sob orientação pessoal do general Muricy, então chefe do Estado Maior do Exército e assinada

por um jornalista desconhecido e de quem nunca mais se ouviu falar.

2. O livro, contendo as reportagens que ganharam o prêmio Esso de Jornalismo em 1970, publicado pela desaparecida agência Image foi proibido e recolhido pela polícia em 1970, por ordem do então ministro Alfredo Buzaid, hoje advogado da família Lutfalla. É um livro importante, já que é esclarecedor sobre a história contemporânea brasileira e sem concorrentes: sobre os fatos que narra não existem outras versões públicas. Chagas estava presente na História como repórter.

Sérgio Danilo

O senhor Sérgio Dourado o homem da cicatriz, desta vez encostou os seus 150 corretores na parede. Ou assinam uma carta dizendo que exercem sem qualquer subordinação ou exclusividade sua profissão junto à Sérgio Dourado Empreendimentos Imobiliários ou vão prá rua: tá todo mundo apavorado. Um deles, no desespero, com quatro anos assinando recibos e fazendo plantão de fim de semana obrigado, sendo vigiado pela telefonista, disse que não tem outro jeito a não ser assinar a carta. E essa exclusividade aludida na carta é cascata, pois se algum corretor fizer uma venda "marginal", ou seja, por fora é sumariamente demitido. Como se vê, o homem, além de dar seus golpes imobiliários, investe contra os seus vendedores, a maioria com mais de quatro anos de casa.

Tim Lopes

No metrô só com crediário

É gente, para andar de Metrô não é fácil. Pelo regulamento da companhia, aprovado pelo governador Chagas Freitas, várias exigências estão sendo feitas, além do preço de quatro cruzeiros, cobrados por cada passagem. Andar mal vestido, portar doenças infecto-contagiosas, fumar, ouvir rádio e tantas outras coisas, não serão permitidas para os passageiros dos confortabilíssimos e pontualíssimos trenzinhos.

Eu, particularmente, estou pensando em abrir um crediário de roupas. Minha única preocupação é que sou muito feito fisicamente e tenho até cara de doente. Será que vou ser barrado?

Já dei um conselho ao meu irmão mais novo, o caçulinha da família: te cuida rapaz, toma juízo, procure melhorar este teu aspecto, senão tu não vai viajar de metrô.

Segundo a assessoria de imprensa do Metrô, este esquema, que diz não ser discriminatório, é no sentido do bem estar da comunidade, dando-lhes conforto, segurança e higiene, que será conservada nas composições.

Jota Paulo



Foto de Amâncio Chiodi

Orestes esperou 5 horas pelo rabeção

Na boca de espera

Dia 16 de março último, às nove e meia da manhã, a zeladora Maria Teresa Fantasia ouviu um baque na porta de vidro do prédio da avenida São João 1637, São Paulo. "Pensei que eram trombadinhas" diz ela, mostrando as rugas de seus 54 anos.

Abri a porta e vi que era um homem, parecia ter uns 35 anos. Ele estava quase desmaiado. Perguntei pra ele: "O senhor está passando mal? Quer alguma coisa? Ele respondeu: "Quero um café quente. Eu não tinha café quente em casa, só frio. Então, pedi para o primeiro que passou na rua comprar um café quente no bar da esquina. Antes de chegar o café, ele caiu no meu ombro. Morreu.

Ela o sentou no chão, no umbral da porta. Foi ao barbeiro vizinho do Salão Brasília, muito nervosa, telefonar para o emprego do morto e para a polícia. Começou a juntar gente: "office-boys", balconistas, comerciantes, desocupados. Maria Teresa Fantasia apanhou um lençol velho no armário e cobriu o morto completamente, ainda sentado. Novos curiosos, que não paravam de chegar, pediam para levantar o lençol e ver o rosto do finado; outros iam embora logo, impressionados.

Das nove e meia da manhã até às duas e meia da tarde o morto permaneceu sentado na porta do prédio, à espera do rabeção da prefeitura. Só então ele ganhou uma etiqueta com seu nome — Orestes Alves de Freitas — e deitou-se na urna mortuária. Era guarda de firma que presta serviços de vigilância para empresas. O salário de sua profissão gira em torno de Cr\$3 mil.

Alex Solnik

Diretor some da faculdade

O sr. Eugênio Malanga, diretor da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, tem o estranho hábito de só comparecer à faculdade quando nenhum aluno lá se encontra. Este procedimento é antigo, mas ficou particularmente evidenciado na série de acontecimentos que se sucederam desde o início das aulas, em fevereiro.

Primeiramente, foi a instituição de uma taxa de matrícula de 1.100 cruzeiros, que os funcionários da escola afirmam não ser taxa de matrícula e sim "uma primeira mensalidade". Os alunos protestaram contra a cobrança de tal taxa ou mensalidade, mas acabaram pagando, após consulta aos advogados do Centro Acadêmico Wladimir Herzog, que aconselharam pelo pagamento. Nesta ocasião, já foi solicitado um pronunciamento oficial por parte do diretor da escola que acabou não acontecendo.

Paralelamente a isso, ocorria a demissão de sete professores dos três departamentos da faculdade — Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas — contrariando os estatutos da Fundação Casper Líbero. Oficialmente, entretanto, os professores não receberam a confirmação de demissão, tendo suas aulas suspensas, sem maiores explicações. A palavra do diretor Malanga foi solicitada, mas novamente negada. Houve um debate organizado pelos alunos, onde compareceram professores da escola, inclusive algum dos demitidos. O máximo que se conseguiu foi a presença do professor Erasmo, vice-diretor, que a todas as perguntas respondia estar "cumprindo ordens superiores".

Finalmente, houve a notícia de que as anuidades sofreriam um aumento de 62%. Desta vez, os protestos acabaram numa greve de três dias. Formou-se uma comissão que se dirigiu à delegacia do Ministério da Educação em São Paulo, onde foram informados que a direção da faculdade havia solicitado um aumento não de 62%, mas de 92% em relação às anuidades de 1978. Mais uma vez o diretor não apareceu para explicar a situação e toda e qualquer questão formulada aos encarregados da faculdade é respondida com um inevitável "cumprimento de ordens superiores", como num quartel.

Eduardo Correa

ESPERTAS



Amândio, à esquerda, Iderlinda, a baixinha e Pureza, a grávida

Lesados do Baú tomam chá de cadeira

As três pessoas que estão processando Silvio Santos — Iderlinda Elizete dos Santos, Maria Pureza de Oliveira e Amândio Marques do Couto (veja no **REPORTER** nº 11) — levaram um chá-de-cadeira logo na primeira audiência no Palácio da Justiça, em São Paulo.

estava marcado, eles apareceram, juntos com o advogado Antônio Rodriguez. Passaram mais de uma hora esperando para ouvir que a audiência tinha sido adiada para o dia 6 de julho. Maria Pureza, grávida de oito meses, não reclamou.

Amândio contou que comprou o carnê Liderança Capitalização, do grupo Silvio Santos, no meio da rua, em Pinheiros. Foi puxado pelo braço e deu, na hora, Cr\$1.000.00 pelo carnê que o vendedor apresentou como caderneta de poupança, que ele poderia retirar de

três em três meses, com juros de Cr\$300 por mês. Só um ano depois, quando foi à central do carnê, Amândio descobriu que não era nada disso: ele deveria pagar prestações durante 15 anos e a partir do segundo ano de pagamento começaria a receber uma pequena quantia, estipulada pelo carnê.

No processo, as três vítimas, todas pobres — "os vendedores agarram gente pobre como nós, ignorante" — pedem apenas que lhes seja devolvido o dinheiro que perderam porque não sabiam o que estavam comprando. Foram enganados pelo vendedor. Não adianta o grupo Silvio Santos dizer que os vendedores não são responsáveis deles porque já mostramos aqui no jornal mesmo que os vendedores são instruídos para mentir.

Alex Solnik

O dr. Israel Klabin, prefeito-nomeado do Rio de Janeiro, tem, entre muitas outras empresas, uma indústria de papel — Ponsa — no município de Goiana, Pernambuco, que por ser altamente poluente está transformando 3.500 famílias de pescadores em favelados miseráveis das cidades do Recife e João Pessoa.

Para se ter uma idéia do infortúnio que a Ponsa causa aos pescadores dos rios Capibaribe-Mirim e Goiânia, basta saber que ela despeja, todo dia, um volume de 7.200 metros cúbicos de lúxia negra nas águas, suprimindo 72 mil quilos de oxigênio dissolvido, provocando a morte da fauna e da flora por asfixia. Essa poluição é equivalente à de sete destilarias de álcool, produzindo 60 mil litros por dia, cada uma.

Os pescadores da região não têm se conformado com a situação. Diversas assembleias já foram realizadas e muitos abaixo-assinados enviados às autoridades ditas competentes, a começar pela Presidência da República. Até agora, entretanto, nada foi feito. Pior: em recente visita que fizeram à Ponsa, representantes dos pescadores foram informados pela diretoria da empresa que os seus planos são, em dois anos, reduzir 60% da poluição vigente hoje. Ora, daqui a dois anos os rios Capibaribe-Mirim e Goiânia estarão mortos, apesar "de toda a boa-vontade" que o dr. Israel Klabin já afirmou ter para resolver o problema.

Eduardo Homem

Livro salvo do incêndio

Nem tudo foi perdido no incêndio do Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro. Um projeto original, que consistia um Laboratório de Criação Literária, coordenado pelo Setor de Literatura do MAM resistiu na cabeça de algumas pessoas. E o resultado foi o nascimento de um grupo que lança no dia 9 desse mês, às 21 horas, na Livraria Muro, em Ipanema, o livro *Aimberê*.

Os textos apresentados pretendem ser uma amostra do que foi o trabalho do grupo e o livro se divide em três partes: textos criados em Laboratório, uma entrevista "Por dentro do Laboratório", com o escritor Antônio Torres, Socorro Trindade (coordenadora) e Rui Lysbia (colaborador) e com o grupo editor formado por Acyr Maia, Ana Luisa de



Souza Andrei, André Pereira da Costa, Antônio Paulo Rihl, Cyntia Garcia, Deny Gomes, Lúcia Novaes, Marta Irene, Mécia Lima, Neiva Rodrigues de Almeida, Paulo Veríssimo, Sandra Quintella e Sérgio Lara Leite.

Por que o nome *Aimberê*? Símbolo ameríndio de resistência, *Aimberê*, foi o tupinambá que organizou e liderou a histórica Confederação dos Tamoios na luta para expulsar os invasores portugueses de suas terras, no Brasil do século XVI. Essa guerra de libertação durou 15 anos. *Aimberê* amava a liberdade e foi o índio guerreiro que derramou seu sangue pela defesa de um Brasil livre. Morreu na luta contras as tropas de Estácio de Sá e Mem de Sá, na atual Praia do Flamengo.

Tim Lopes

Enfermeiros denunciam condições de trabalho

62 enfermeiros e auxiliares de enfermagem do Posto de Atendimento Médico Psiquiátrico (do Inamps), situado na avenida Venezuela, Rio de Janeiro, enviaram uma carta ao diretor Carlos Edson Duarte, na qual denunciam as péssimas condições de trabalho e "as atitudes perniciosas" do administrador do posto, Alexandre Furtado.

O pessoal começa pedindo que seja revogada a determinação feita pelo administrador, que impediu o fornecimento de roupas de cama para o vestiário da enfermagem e motoristas. "Fomos obrigados", dizem, "a usar colchões sujos, sem lençóis, sem colchas, sem cobertores. Travesseiros sem fronhas e também as toalhas de banho não nos são fornecidas. Ficamos, assim, expostos a contágios e a contagiar nossos familiares. Diversos colegas já contrairam doenças dermatológicas em razão disso".

E continuam.

"A enfermagem psiquiátrica é praticada sob grande tensão emocional para todos os que participam dela. Estamos sempre pondo em risco nossa integridade física nas contenções de rotina, em prol da segurança dos médicos, das instalações

do posto, dos acompanhantes dos pacientes e dos próprios pacientes. Em função disso, quase todos nós temos cicatrizes em nossos corpos, marcas indelévels de nossa abnegação e desprendimento, que definem bem a necessidade de recuperação das energias despendidas num trabalho dessa natureza".

"Reclamamos melhores condições de higiene para a copa: baratas e ratos são vistos com frequência. Nosso lanche noturno é uma sopa que é feita à tarde e requeitada à noite. Noutros postos são servidos lanches bem mais condignos".

"Exigimos providências para que nossos armários não sejam mais violados pelo senhor Alexandre Furtado ou quem quer que seja. Isso vem acontecendo há muitos anos".

Isso tudo aí de cima é importante para mostrar que o atendimento à população é reflexo de situações desse tipo, que se vê na maioria dos postos de atendimento médico e hospitais públicos do país. Se as condições de trabalho são ruins, o atendimento será, no mínimo, péssimo.

Chico Júnior

Médicos não param mas saem ganhando

Os médicos contratados dos hospitais estaduais e municipais do Rio de Janeiro iam entrar em greve. Não entraram porque o governo recém-empossado de Chagas Freitas resolveu atender suas reivindicações, ainda bem. Ainda bem para as duas partes. Chagas, o popular Múmia, marcou um ponto político, dando aos médicos o que eles queriam, embora alguns senões devam ser esclarecidos. Os médicos, muito bem organizados e de saco cheio da situação — péssimas condições de trabalho, péssimos salários, péssimo atendimento à população — estavam dispostos a parar mesmo. E iam parar, numa boa, organizados, mobilizados. Não pararam e saíram vitoriosos, mas sem empolgação porque ninguém tem que ficar empolgado quando o governo resolve dar o que é de direito das classes trabalhadoras. E só deu porque foi pressionado, ameaçado de ter que dar uma resposta à população, em caso de greve. Claro, pois se acontecesse uma greve de médicos, com graves prejuízos ao povo, Chagas seria o único culpado.

Os médicos contratados do Estado e do Município recebem um salário de Cr\$ 4.600,00, enquanto os efetivos ganham pouco mais de Cr\$ 11 mil. Quem trabalha igual, ganha igual, era mais ou menos o lema. O pedido era o de equiparação salarial, que foi conseguido. Além disso, os médicos-residentes exigiam reconhecimento do vínculo empregatício, que também foi conseguido.

Foram atendidas, ainda as reivindicações dos enfermeiros e auxiliares de enfermagem, que também estavam na briga puxada pelo Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro. E a luta recebeu o apoio de todo o pessoal que trabalha nos hospitais, inclusive pessoal de cozinha, serventes, motoristas e até do doente que passou com a cabeça quebrada a caminho do Centro de Tratamento Intensivo.

Alguém já disse uma vez que a união faz a força. Frase antiga e careta, mas que funciona que é uma beleza. É como disse o Sindicato em Carta-Aberta à População: "A nossa luta é a luta de todo o povo brasileiro por melhores condições de vida". Estamos aí.

Chico Júnior

Movimento apenas começa e já rola a primeira cabeça

Mal começa o movimento de articulação dos jornalistas de Niterói — depois de anos e anos de desmandos dos patrões, com o aval dos dirigentes pelegos da classe — rola a primeira cabeça. Ronaldo Lapa, repórter especial do jornal "O Fluminense" — o maior da área que o sindicato abrange — foi demitido sumariamente pela empresa um dia antes da data fixada para a primeira reunião da campanha salarial.

De qualquer maneira a reunião realizou-se na noite de 27 de março, no pátio da sede

do Sindicato dos Jornalistas profissionais, já que a sede mesmo estava fechada. Cerca de 20 jornalistas presentes decidiram, durante a reunião, formar comissões de mobilizações nas redações, conquista de murais e a emissão periódica de boletins informativos. O Sindicato dos Jornalistas do Rio esteve presente solidarizando-se com a luta dos colegas niteroienses, bem como dispôs-se a apoiar amplamente o movimento.

Iara Reis

SINDICAIS

Jornalistas aguardam resposta

Foi a maior assembléia de jornalistas dos últimos 15 anos no Rio de Janeiro. Num sábado, dia 31 de março, 800 pessoas se reuniram na sede da Associação Brasileira de Imprensa para discutir se aceitavam a proposta dos patrões que, basicamente, elevava o salário mínimo da categoria para Cr\$ 6.500.

A diretoria do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município apresentou contraproposta, que foi aceita pela assembléia: 1- os jornalistas topam o piso dos patrões, mas não querem que os 15% de abono, concedidos em outubro de 78, sejam descontados dos salários até Cr\$ 23 mil; 2- querem que o percentual do abono salarial, a ser concedido em agosto, seja fixado desde já, de acordo com o custo de

vida; 3- querem que o trabalho aos domingos seja pago em dobro.

Foi marcada nova assembléia para o sábado, 7 de abril, para analisar a resposta do sindicato patronal.

Os jornalistas se declararam em "estado de greve", o que significa fazer intensa mobilização nas redações para que todos estejam prontos a parar se os patrões não concordarem com as condições apresentadas. Para isso foi conseguido importante apoio: as sucursais de São Paulo e Brasília dos grandes jornais e revistas cariocas afirmaram, através de representantes que, se os jornalistas do Rio fizerem greve, eles também farão e não enviarão matérias e reportagens para as matrizes.

Luiz Alberto Bettencourt

Março foi o mês de greves

Em Niterói, explodiram no mês de março movimentos grevistas de várias categorias. Professores estaduais e municipais, estudantes de arquitetura da Universidade Federal Fluminense, motoristas e entregadores de gás, leituristas contratados pela empresa Epatial para ler e entregar as contas de luz da Companhia Brasileira de Energia Elétrica e operários da Coca-Cola.

Além deles, também motoristas de ônibus das empresas Rio Minho, Expresso Alcântara, Viação Mauá, Expresso Miramar e Auto Viação 1001 já fizeram paralisações de trabalho. A mini-greve da 1001 chegou a provocar um quebra-quebra: a empresa apesar do movimento, não suspendeu a venda de

passagens nos guichês da Rodoviária Roberto Silveira e os passageiros, que não viajaram nem receberam o dinheiro de volta, protestaram violentamente. A PM baixou o pau.

Os motoristas queriam que o sindicato dos patrões cumprisse o acordo salarial firmado em janeiro, depois da grande greve no Rio de Janeiro, Niterói e São Gonçalo. O presidente do sindicato dos trabalhadores, pelego Manoel Silveira da Rocha, entretanto, sabotou a greve e atendeu à primeira convocação dos patrões que queriam, a todo custo, evitar a negociação direta com os empregados.

Iara Reis



Foto de Custódio Colimbra

Metalúrgicos de Niterói também querem ir à luta

Em plena campanha salarial, o Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói reuniu perto de dois mil trabalhadores em sua maior e mais importante assembléia dos últimos anos, realizada na sede do Sindicato dos Operários Navais, dia 16 de março, em Niterói.

A assembléia tinha por objetivo discutir — a partir de um documento previamente elaborado por comissões formadas dentro de cada empresa — as principais reivindicações dos trabalhadores, que serão encaminhadas para negociação junto ao sindicato patronal.

O presidente do Sindicato, José Moreira, entusiasmado com a disposição de luta demonstrada pela assembléia, falou ao REPORTER:

— Nós não estamos nos mobilizando pra fazer greve; nós estamos nos mobilizando pra reivindicar melhores condições de trabalho e salário. A greve, se houver, será consequência dessa luta, e partirá de uma proposta das bases. Nunca de uma decisão da cúpula sindical. A assembléia também mostrou, prosseguiu, que o regime de 64 não conseguiu alienar o operariado mais jovem. Jovens que em 64 tinham 3 ou 4 anos estão vindo às assembléias, participando e falando em greve.

Segundo afirmação de Moreira, os patrões procuraram impedir de todas as formas a campanha de propaganda nas fábricas. Destruíram cartazes e faixas, e tentaram, sem sucesso, impedir a distribuição de documentos das comissões dentro das fábricas. Em resposta e estes fatos, ele diz o seguinte:

— Queremos retomar uma antiga conquista dos metalúrgicos, que nos foi tomada depois de 64: o quadro de carreira, uma classificação dos trabalhadores por função e faixa salarial. Eu mesmo não sei dizer, atualmente, qual a média salarial da maioria do pessoal. As faixas que estipulamos vão de 3 salários mínimos para o servente, até

Cr\$ 13 mil para o "1º classe", além de mais 5 faixas intermediárias

Além do quadro de carreira, considerado a principal reivindicação, o documento discutido na assembléia apresentava mais quarenta e tantos pontos, entre os quais destacam-se, a questão da estabilidade no emprego para todos os trabalhadores, e a formação de comissões sindicais nas fábricas, com as mesmas garantias do dirigente sindical.

Moreira falou ainda sobre uma das mais graves dificuldades enfrentada pelo Sindicato: o problema das Empreiteiras, ou locadoras de mão de obra.

— Em Niterói, todas as empresas contratam para a execução dos serviços várias empreiteiras. Somos contra porque o operário contratado por uma empreiteira tem que dar lucro à dois patrões — a empresa e a locadora. As locadoras não oferecem nenhuma garantia trabalhista aos operários. O trabalhador é obrigado a mudar de emprego quase que de dois em dois meses, o que além de desvalorizar a mão de obra, acarreta a desmobilização e dificulta a organização da classe.

Além da campanha salarial, os metalúrgicos de Niterói estão se preparando para o X Congresso Nacional da categoria, que vai ser realizado na cidade mineira de Poços de Caldas de 7 a 12 de maio próximo.

As suas teses sobre os problemas sindicais são as seguintes: eleições diretas em todos os níveis sindicais (sindicato, federação e confederação); liberdade e autonomia sindical em relação ao Ministério do Trabalho; extinção de contribuição sindical compulsória.

Em relação aos problemas do país, os metalúrgicos de Niterói vão defender, no Congresso Nacional, eleições livres e diretas em todos os níveis e anistia ampla geral e irrestrita.

Enio Oliveira

Gabriel briga com Temis e REPORTER é pivô

"Esta tem por objetivo contestar, em algumas palavras, a carta da leitora Temis Monteiro, publicada no número 15. Que é isso, Temis, já não basta o Ministério da (in) Justiça e a censura para tolher a liberdade de nossos alternativos? Será que o REPORTER terá que se submeter à censura de seus leitores também?"

Não concordo contigo quando afirmas que este jornal está fugindo aos seus objetivos, pois entendo que o REPORTER continua seguindo a mesma linha do seu início, só que por outros caminhos, que considero certíssimos. E também acho que existem muitos jornais seguindo o que tu pregas. Ora, minha cara, até a grande imprensa anda falando em anistia. O REPORTER não está mais do que diversificando a luta pela democracia e pelos direitos humanos, mostrando as nossas mazelas de um ângulo diferente do famigerado Notícias Populares, se bem que não vou contestar a forma pela qual eles levam as notícias ao povo pois que sou intensamente a favor da liberdade de imprensa. Apesar do noticiário deturpado do NP, não vou sugerir que mudem sua linha editorial.

Então, vamos aos fatos: qual a origem desta marginalidade? Não é outra coisa senão a consequência dos salários baixos, fome, enfim tudo o que é gerado pela sociedade corrupta, repressiva, repressora, etc. Como acabar com isto, senão com uma total e radical transformação dessa sociedade? Nisto, o REPORTER está entrando com o seu quinhão.

a sua parte, pois esta luta tem várias frentes. O objetivo deste jornal é a democracia, então, no meu entender, nada melhor do que mostrar os tumores malignos dessa sociedade, que tem o intuito de conscientizar os leitores como tu, por exemplo.

Tu pedes para o jornal melhorar o nível, publicando algumas reportagens sugeridas por ti, entre as quais, drogas. Queres mais mundo cão que o mundo de traficantes e consumidores de drogas? Vá querer mundo cão assim, lá na China!

Conclusão: no meio de tua carta tu te contradizes e enfias os pés pelas mãos... Decididamente, minha cara, teu nível de conscientização é elitista demais para o meu gosto. Tua democracia, tua anistia são apenas para as elites ditas intelectuais? Marginal também é povo. E como é povo, minha filha...

Quero deixar aqui o meu apelo no sentido de que se lute também pela revisão de penas dos presos comuns, pois que estes são as maiores vítimas desta ditadura e do imperialismo multinacional. Afirmando que são as maiores vítimas, porque todos nós sabemos que a grande maioria dos que abarrotam as prisões tupiniquins são as vítimas do arrocho salarial, do subemprego e, consequentemente, da fome e de todas as demais mazelas desta ditadura e, se as coisas continuarem nesse pé, dentro em pouco tempo as prisões brasileiras estarão mais abarrotadas que as prisões soviéticas à época de Stalin. (Gabriel Roberto Nobre Campos, São João Clímaco, SP)

Calcinha

curta

gerente

não

gosta

"... as burrices que ainda ocorrem, como a do gerente do banco desta cidade (Bradesco), que demitiu um de seus funcionários, só pelo fato do mesmo ter tomado a liberdade (dentre as poucas que temos) de usar bermudas no fim de semana. Ora, até onde vai este país, se não se pode usar bermudas na rua, o que é que se pode fazer?" (Reginaldo Rio Alves, Cristais Paulista, SP)



Dia do Índio não passa em branco

Dia 19 de abril — dia do Índio — no Rio de Janeiro e organizada pela Comissão Pró-Índio do Rio, haverá uma manifestação pública com a participação de vários índios representando suas comunidades, além de representantes de todos os movimentos de apoio ao índio (Comissões Pró-Índio, CIMI, ANAI, GAI, etc). Será realizada no auditório da Associação Brasileira de Imprensa, às 20 horas. Na ocasião, será lançado o curta metragem de Zelito Viana que focaliza as assembleias indígenas, declarações de lideranças indígenas e de representantes do Conselho Indigenista Missionário. Dia 22 de abril, será celebrada missa, oficiada por dom Paulo Evaristo Arns, dom Tomás Balduino e dom Pedro Casaldáliga, no ginásio de esportes do Pacaembu, em São Paulo. (Comissão Pró-Índio, Regional do Rio de Janeiro).

COROA DIZ QUE NÃO ACHA DINHEIRO NA RUA

"Estou escrevendo, na oportunidade, para protestar contra o absurdo dos concursos públicos realizados para os sem-vergonhas que insistiram em fazer curso superior, pois tais concursos são verdadeiras e deslavadas extorsões. Cr\$ 500,00 para a inscrição, mais Cr\$ 400,00 para o psicoteste, que é eliminatório e serve de desculpa para eliminar o candidato não empistolado, sob a alegação de que a sua personalidade não condiz com aquela exigida pelo Ministério Público, como é o caso do concurso aberto no Rio de Janeiro para Defensor Público, com apenas 14 vagas.

E se não bastasse a taxa de inscrição de Cr\$ 500,00 e mais os Cr\$ 400,00 (depositados na conta 97 00308-35 do BANNERJ, em favor da FESP — RJ), ainda existe outra exigência exorbitante, que é a do

infeliz correr os 12 distribuidores, mais as 7 auditorias militares — a saber, Exército, Marinha e Aeronáutica — para obter certidões negativas que, devido às exigências contidas, ficam em cerca de Cr\$ 150,00 cada, nos quatro primeiros distribuidores e em cerca de Cr\$ 60,00 nas demais. Nas auditorias militares não me interessei em saber quanto custam, porque abuso tem limite e, ademais, não estou de boa-vida para ficar andando atrás de tanto documento e nem tenho pé de dinheiro, produzindo notas de Cr\$ 1 000,00... Estou muito velho para passar por trouxa e dar dinheiro fácil para esses promotores de concursos públicos do Estado do Rio de Janeiro... Peço não divulgarem o meu nome. (P. V. P., inscrição número 27 957 da Ordem dos Advogados do Brasil, RJ)

Estamos enviando a V. S. cópia de requerimento aprovado por este Legislativo, de autoria desta vice-presidência, que solicita ao novo Presidente da República a intervenção visando à libertação da brasileira Flávia Schilling, atualmente presa no Uruguai.

Sendo a manifestação da Câmara de Bragança favorável a tal moção e levando-se em conta que temos 11 vereadores arenistas para apenas 4 do MDB (ao qual pertencem), pediria a V. S. que noticiasse tal fato, mostrando aos leitores nossa atitude, que foi um pequeno passo somado aos milhares que já foram dados em direção à democracia ainda tão longe (mas menos longe) (Marcus Valle, vice-presidente da Câmara Municipal de Bragança Paulista, SP). A carta veio acompanhada do requerimento número 131, de 1979, em que os vereadores pedem ao Presidente da República que dedique "uma atenção especial" ao caso Flávia Schilling, cuja situação consideram "não condizente com aquilo que prega a Justiça". O requerimento foi aprovado por unanimidade.

Santa
Bárbara
manda
parabéns

"Parabenizamos V. Sas. pela matéria do REPORTER número 15 referente ao assalto à luz do dia praticado pelas imobiliárias de um modo geral, com destaque especial para Sérgio Dourado... Sinceramente, não conhecíamos a qualidade do conteúdo jornalístico desse jornal, passaremos a acompanhá-lo. Aproveitamos para nos solidarizarmos pela apreensão dos números 5 e 14. (Hérenes Santa Bárbara de Lima, presidente da Sociedade de Defesa do Consumidor, avenida Presidente Vargas, 590; grupos 1316/17, RJ)

Mordomia Imperial

"... para pedir a vocês que dêem também uma cobertura a nossa cidade, vocês podem não saber mas, como em todo o Brasil, aqui também acontece muita coisa errada. Como todos sabem, Petrópolis é uma cidade imperial e temos um príncipe que nos rouba, pagamos a ele um imposto predial e em todo terreno ou imóvel vendido, também temos que pagar a ele uma porcentagem..." (Ricardo Neves Senna, Petrópolis, RJ)

Estudantes querem meia no ônibus

"Nós, os estudantes universitários de Uberaba, estamos imbuídos numa campanha efusiva a fim de conseguirmos um passe estudantil que dará direito a todos os estudantes de Uberaba a meia passagem nos ônibus urbanos..." (Marcos Oliveira, Uberaba, MG)

Correio Homossexual

Mãe de fancha dá força

"Tenho recebido grande número de cartas de São Paulo e de todo o Estado do Rio. Cartas maravilhosas, que me emocionam tanto, que chego às lágrimas. Jamais poderia pensar que esse jornal fosse tão procurado. São pessoas de todas as classes, que me fazem perguntas e que me pedem para continuar escrevendo sobre o problema..." (Maria H. Santos, Rua

Marquês de Caxias, 23. Niterói, RJ). Maria também prestou seu depoimento na reportagem sobre lesbianismo, no número 14. E, no número 15, publicamos uma carta sua, em que ela expõe as razões porque não tem vergonha de ter uma filha homossexual e abre o debate em torno do assunto. Desta vez, Maria enviou seu "Poema a um Homossexual:



Quem é este ser que desperta interesse ao passar? Que vê deboche e escárnio em cada olhar, Que-carrega no seu íntimo complexos desastrosos, Querendo ser alguém e possuir uma parcela, Um pouquinho que seja da compreensão de alguém...
Esse ser que não sonha com um casamento, Vestido branco...luzes...lua-de-mel, Simplesmente porque sua vida é um drama Que outros não têm coragem de viver. E ele caminha, como marionete do destino Lutando por migalhas de querer. Tudo lhe é negado: carinho, compreensão, poder, Só em seu grupo é encontrado. Por que sua vergonha de encarar o mundo? Porque o mundo o abriga no subsolo... Abra os braços, levante a cabeça! Enfrente essa sociedade que o difama. Você é gente que vota, que produz, que trabalha É, talvez, um dia, essa gente que o achincalha Possa reconhecer em você aquele irmão carnal cujo pecado é ser um homossexual!

Duas leitoras — uma do Rio, outra do Paraná — escreveram dizendo que querem se corresponder com Ana Soares, personagem de nossa matéria sobre lesbianismo, no número 14. Elas não querem ser identificadas no jornal e, se Ana Soares se interessar, deve passar na redação do REPORTER para tomar conhecimento do nome e endereço das remetentes.

TAMOYO, NÓS TE ODIAMOS

"Hoje é domingo, e, como em todo o domingo, eu compro o JB e O Globo para passar o dia, pois como não ganho o suficiente para fazer lazer com a família, o jeito é ler jornal.

Para minha surpresa, vejo um anúncio da Prefeitura do Rio de Janeiro no tamanho 43 cm X 28 cm, no primeiro caderno de O Globo intitulado "Rio, eu te amo" e, em baixo de uma porta-bandeira e de um mestre-sala, bobagens como: ... de dia não falta água, de noite não falta luz;... o carioca faz poupança?, etc. Fiquei perplexo com o gasto que a Prefeitura teve para colocar esses anúncios nos principais jornais da cidade e ainda mais, no domingo. Enfim...

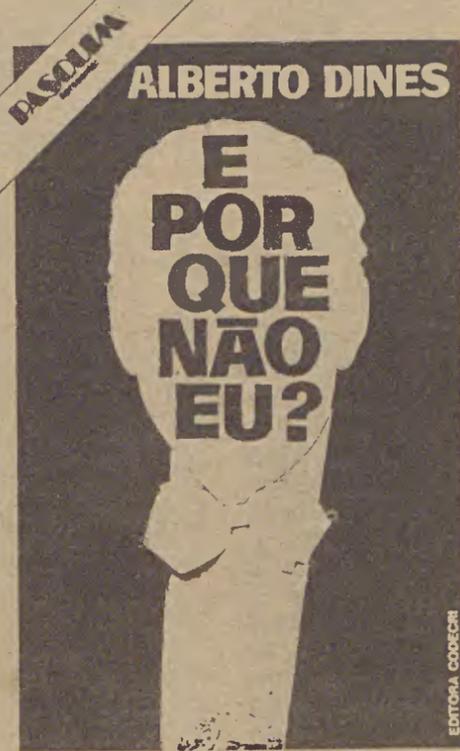
Chega a noite e, como todo

o pobre, o jeito é ver o Fantástico e, na chamada do programa, outro anúncio da Prefeitura, com mulatas (do Oba-Oba) estilizadas e as obras que a Prefeitura fez, num samba enredo elogiando o Marcos Tamoyo. Enfim, um carnaval. Poxa, o carioca todo o dia acorda com novos aumentos: pão, passagens, luz (Ueki), café, arroz, e a tão discutida taxa do lixo, que o prefeito aumentou justificando que a COMLURB tinha muitos gastos e a taxa cobrada não era suficiente para pagá-las. Então é isso, o prefeito aumenta tudo e, depois, fica gastando dinheiro, do contribuinte com anúncios em jornais de quase uma página e colocando, quase que diariamente, anúncios demagógicos na tevê, que vão a

alguns milhões só em publicidade desnecessária. Em vez disso, ele podia empregar esse dinheiro em diversas outras coisas que o carioca precisa, e não dizer no trecho final do anúncio: "Por isso, ao prestar contas, para contar ao carioca onde foi parar o seu dinheiro nos últimos quatro anos, a Prefeitura resolveu contar tudo com humor, do jeito que o carioca gosta, sem muitos gráficos, números ou discursos, mas com a descontração natural da cidade."

Enfim, táí para onde vai nosso dinheiro. Vai para promover o "Tramoio", com publicidade em horários nobres. (Paulo Roberto Santos Barbosa, Andaraí, RJ) **Nota da Redação: Mais tranóias, na página 3.**

UMA UTOPIA 'AS AVESSAS



NÃO DEIXE DE LER!

Cr\$ 85,00

Nas bancas e livrarias, ou pelo Reembolso Postal. Não precisa enviar dinheiro agora, basta escrever para:

EDITORA CODECRI LTDA — Serviço de Reembolso Postal
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana
22071 — Rio de Janeiro — RJ

Fregueses do Dourado estão vermelhos de ódio

Estou remetendo em anexo, a carta que enviamos (cerca de 30 condôminos) para a Sérgio Dourado, expondo as irregularidades, a que estão submetidos os 1200 condôminos do Riveira Dei Fiori, entre os quais eu me incluo.

Diante dessas irregularidades, constato a incoerência na atitude das pessoas que, embora capazes de consentir, promover e realizar o linchamento de ladrões, pivetes e outros marginais comuns, se mostram condescendentes com a forma cínica e sórdida, com que são despojadas dos seus mínimos direitos.

Uma explicação para essa aparente contradição reside, em parte, na desorganização da sociedade civil, na ausência de entidades ou organismos, que se contraponham aos abusos do poder econômico.

Dessa forma, impossibilitadas de valerem os seus direitos fundamentais sobre os interesses econômicos, essas pessoas tendem a transferir seu rancor para os menos afortunados, linchando-os, como fariam, se pudessem, com o Sérgio Dourado e seus pares.

Por outro lado, face à desorganização da sociedade civil, os indivíduos, sentindo-se explorados, tendem a buscar uma solução particular, individualizada, sem atentarem para uma solução mais conseqüente, que atinja a raiz do problema. No caso em tela, eles procuram passar o financiamento ou entregar a unidade, sem ressarcir-se do que já desembolsaram.

A visão que esses indivíduos adotam é a mesma dos insetos, quando aprisionados pelas tramas das aranhas (no caso, pela publicidade, pela má informação). Enquanto presos e depois que se libertam, não se unem para destruí-las. Paradoxalmente, suas atitudes isoladas contribuem para as aranhas aumentarem o seu poder, ampliarem suas teias, elevarem, ao máximo possível, o seu grau de eficiência. Se hoje as aranhas não conseguem reprimir os insetos que se libertaram, ao menos, tornam maior o risco dos descendentes destes acabarem presos de forma irremediável. (Paulo Gadelha)

• Perdão, leitor: a carta em anexo, muito extensa, não sai desta vez.

O povo, não tendo outro canal de expressão, necessita dos veículos anti-conservadores que divulguem as precárias condições de vida do povo brasileiro. Não escondo minha preocupação com as máquinas repressivas, mas, neste momento, cabe muito bem as frases de Abraham Lincoln e H.G. Wells: "Assim como eu não quero ser escravo, não quero ser senhor. Entre os homens livres não pode haver escolha entre o voto e as armas. Os que preferirem as armas acabarão pagando caro. A verdadeira força dos governantes não está em exércitos ou armadas, mas na crença do povo de que eles são claros, francos, verdadeiros e legais. Governo que se afasta desse poder não é governo — mas uma quadrilha no poder." (Roberto Gonçalves Siqueira S.P. — Capital)

Literatura contra corrupção

... Sempre me pergunto sobre a validade da literatura nessa luta que ganha corpo em nosso país e tem apoio e ressonância nos meios liberais e esquerdizantes. Mais que nunca essa luta é dos brasileiros marginalizados contra os padrões de fora e os "satélites" de dentro.

As acusações de corrupção e subversão nos altos escalões do governo ganham corpo rápida e exaustivamente. Estão soltas pelo cotidiano dos jornais (inclusive alguns da chamada grande imprensa), independente da "abertura" do general do dia. As acusações fundadas o sistema responde com ameaças, o que só vem aumentar a qualidade das acusações.

Nossa esperança é a permanência da visão crítica de jornais como o REPÓRTER, COOJORNAL e MOVIMENTO, ameaçados insistentemente (e futuramente mais ainda pela nova LSN).

Não me passa pelo estômago ter que aturar mais um "governo" de generais. Creio que seja a hora de mudarmos muitas coisas, para tanto se faz necessária a participação, a mobilização das várias classes (trabalhadores, estudantes, intelectuais, donas-de-casa). É nesse sentido que eu faço fé na literatura: participação." (Jayme Jorge André)

Dê uma assinatura do REPÓRTER de presente.



CUPOM DE ASSINATURA

— Assinatura por 12 edições: 140,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Miguel Couto, 134 - salas 1101 a 1104 - RJ - CEP 20.000

Você pode assinar o REPÓRTER, a partir do nº 0
Indique a partir de que número você quer sua assinatura.

Nome:

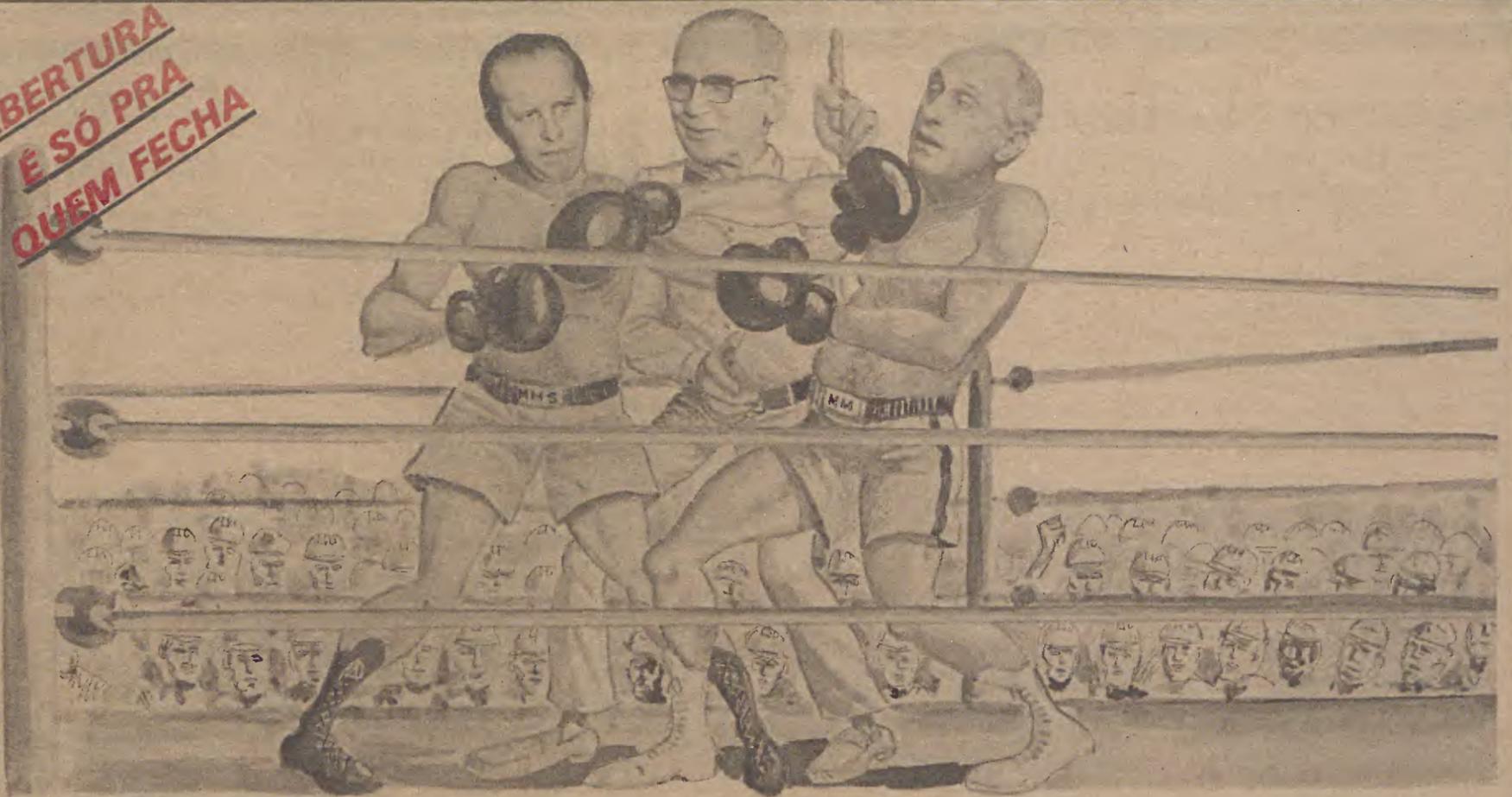
Profissão:

Endereço:

CEP:..... Cidade:..... Estado:



**ABERTURA
É SÓ PRA
QUEM FECHA**



Golbery avisa que povão não pode entrar no ringue

O esquema de poder montado e selado pelo general Golbery, Chefe da Casa Civil, é muito parecido com o do ex-presidente Geisel: dividir para governar, jogar um ministro contra o outro, compor, descompor e fazer o que for preciso para continuar por cima da carne-seca, que é a única coisa que lhe importa. Porque abertura mesmo, que é bom, ele não quer.

No momento, uma das mais interessantes pelepas em curso nos ringues brasileiros desenrola-se entre, de um lado, Mário Henrique Simonsen, ex-Ministro da Fazenda e, agora, do Planejamento, e Murilo Macedo, titular da pasta do Trabalho. Golbery sempre soube que eles iam se estranhar e fatura isso, saboreando a polêmica dos dois, em relação à greve dos metalúrgicos do ABC, por exemplo. Golbery puxou a cordinha da marionete que planeja e Simonsen voltou a repetir que a reivindicação de salários mais justos, se atendida, causa inflação, palavra que o deixa de poucos cabelos em pé,

porque sabe que é ministro especial e só está no governo para vencer a inflação. E, se não conseguir, dança.

Já o fantoche que está cuidando dos nossos problemas trabalhistas é daqueles que se manipulam com mais facilidade e apenas dois dedinhos. Então, Murilo Macedo abre os braços e faz o bonzinho, tadinhos dos operários e coisa e tal. Mas, na verdade, o que ele deseja mesmo é o governo de São Paulo, daqui há quatro anos. E, por isso não pode reprimir a porrada uma greve de metalúrgicos de um Estado de metalúrgicos que ele quer governar.

Simonsen, para não rodar, diz que não pode admitir o aumento de 63% dos metalúrgicos, porque está na cara que as empresas vão começar a medir a inflação na base de 63% e passar esse índice para seus produtos, que os consumidores terão de pagar, gerando um

impacto ainda negativo em relação à política do governo. Não que o aumento de salários importe tanto, pois o ministro cai de saber que a folha de pagamentos é percentual pequeno nas despesas das grandes empresas. Mas é que os empresários — que não podem ser desagradados — não querem ter um centavo a menos de lucro. E, como neste país, os salários são controlados mas os preços dos produtos deitam e rolam, cada centavo a mais que eles pagarem aos trabalhadores vão querer recuperar no preço de venda, ou seja, às custas do bolso raso do pobre do comprador. Peito para brigar com os banqueiros, que atijam a inflação com a cobrança de seus juros, isso Mario Henrique também não tem.

A disputa, a que Golbery assiste de camarote, tem suas vantagens. O Chefe da Casa Civil aproveita-se do qui-

proquó e vai tirando uma de que o governo vai continuar a tocar a abertura e que, entre reprimir a Simonsen e tolerar, como deseja Macedo, prefere estabelecer limites de avançar, parar e recuar. Assim, o que Lula, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, teria obtido com sua destituição foi um cartão amarelo: ele poderá voltar, daqui a algum tempo. Primeiro a paulada, depois, a reconsideração. Igualzinho ao que Geisel fazia.

Nem Simonsen, nem Macedo, nem Golbery têm representatividade, ou foram eleitos. Cada um quer, apenas, colocar a azeitona na sua empada e comer. Golbery, o regente da opereta, para conseguir continuar na privilegiada posição, promete ouvir a voz da Nação, abrir. Mas que não se fale muito alto, nessa abertura. Se não, ele desliga. O general quer ficar controlando o som. Até pelo menos o dia em que o povo conseguir, de uma vez por todas, meter a boca no trombone.

REPORTER

Um jornal que não conta até 10